



GOVERNO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS



MERI CRISTIANE MAGALHÃES ROCHA

**SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL E LITERATURA DE CORDEL COMO
APORTES PARA DESENVOLVER A LEITURA E A ESCRITA CONSIDERANDO A
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA**

Sinop - MT

2024

MERI CRISTIANE MAGALHÃES ROCHA

**SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL E LITERATURA DE CORDEL COMO
APORTES PARA DESENVOLVER A LEITURA E A ESCRITA CONSIDERANDO A
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS, rede nacional, Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Sinop, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração Linguagens e Letramentos, na linha de atuação Estudos da linguagem e práticas sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen

Sinop - MT

2024

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

R672s Rocha, Meri Cristiane Magalhães.

Sociolinguística educacional e literatura de cordel como aportes para desenvolver a leitura e a escrita considerando a diversidade linguística/ Meri Cristiane Magalhães Rocha. – Sinop, 2024. 185 f.; 30 cm. Il. color.

Trabalho de Conclusão Final – Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2024.

Orientadora: Dra. Neusa Inês Philippsen.

1. Sociolinguística Educacional. 2. Literatura de Cordel. 3. Variação Semântico-Lexical e Diatópica. 4. Preconceitos Social e Linguístico. 5. Leitura e Escrita. I. Philippsen, N. I., Dra. II. Título.

CDU 81'1+821.134.3(81) -31

MERI CRISTIANE MAGALHÃES ROCHA

**SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL E LITERATURA DE CORDEL COMO
APORTES PARA DESENVOLVER A LEITURA E A ESCRITA CONSIDERANDO A
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS, rede nacional, Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Sinop, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração Linguagens e Letramentos, na linha de atuação Estudos da linguagem e práticas sociais.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen
UNEMAT – Câmpus Universitário de Sinop

Avaliador Externo

Prof. Dr. José Leonildo Lima
UNEMAT - Câmpus Universitário de Cáceres

Avaliador Interno

Prof. Dr. Josivaldo Constantino dos Santos
UNEMAT – Câmpus Universitário de Sinop

Data da defesa: 05 de abril de 2024 às 14h00.

Local da defesa: UNEMAT/Câmpus Universitário de Sinop - MT

Dedico esta conquista aos meus pais, Genésio Rocha (*in memoriam*) e Francisca Rita Magalhães Rocha, ao meu esposo e à minha filha, que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me concedeu discernimento e sabedoria para realizar esse projeto tão almejado.

Aos meus pais, Genésio Rocha (*in memoriam*) e Francisca Rita, que sempre se dedicaram para que eu alcançasse esta etapa da minha vida.

Ao meu esposo, Jaime Bruno e minha filha Melinda, por todo o apoio, compreensão e incentivo constantes.

A todos os meus familiares, incluindo minhas irmãs, meu irmão, sobrinhos, especialmente quero expressar minha gratidão aos sobrinhos Icaro Sergio e Isabili, pelos apoios distintos que se tornaram evidentes ao longo do caminho.

À minha irmã Angélica, que acolheu a mim, a meu esposo e à minha filha em sua residência, expresso minha gratidão por sua hospitalidade.

À Universidade do Estado de Mato Grosso, por acreditar que a educação e o professor qualificado são pilares fundamentais para transformar um país tão desigual.

À Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen, minha orientadora, pela dedicação, competência, sabedoria e inestimável contribuição dada durante todo o processo de pesquisa, expresso meu agradecimento e reconhecimento.

A todos os membros do corpo docente da Unemat, com uma ênfase especial aos meus professores:

Expresso minha sincera gratidão à Ângela Rita Christofolo de Mello, Antonio Aparecido Mantovani, José Leonildo Lima, Neusa Inês Philippsen e Rosana Rodrigues da Silva, pela notável competência, dedicação exemplar e generosa compreensão.

Aos professores José Leonildo Lima e Josivaldo Constantino dos Santos, pelas contribuições oferecidas, visando desenvolvimento e melhoria desta pesquisa.

À Secretaria Municipal de Educação de Alta Floresta, por ter concedido a licença-estudo, possibilitando-me a dedicar ao mestrado.

À equipe gestora e aos professores da Escola Estadual Rui Barbosa, pelo apoio nos momentos de estudo.

Aos alunos do 9º Ano C do Ensino Fundamental que aceitaram participar do meu projeto de pesquisa, sempre solícitos e dispostos a contribuírem com minhas atividades.

A todos que, de alguma maneira, participaram desse processo e tiveram uma contribuição significativa para a realização deste objetivo pessoal e profissional, os meus sinceros agradecimentos.

Cordel de agradecimento

Nos caminhos da pesquisa,
Uma meta desejei.
Em busca de mais saber,
No mestrado me adentrei.
E hoje, com satisfação,
Minha jornada aqui contei.

Gratidão à professora
Pela sábia formação,
Que conduziu os meus passos
Com grande compreensão.
Descobri muitos segredos,
Sempre com motivação.

E nessa minha jornada,
Apoio eu sempre tive
Do esposo e da minha filha,
Compreensão e amor que vive.
Obstáculos não eram nada,
Gestos de amor que manteve.

A família especial
Nos anima percorrer
As estradas do sucesso,
Não esquece de proteger.
Cada ato é fundamental
Pra todos juntos vencer.

Minha banca do mestrado
Me conduz para o saber,
Analisam com critérios,

Pra tudo eu compreender.
Com críticas construtivas,
À banca o meu agradecer.

Ao Profletras agradeço
Com toda a minha emoção,
Por essa oportunidade
De ampliar minha visão.
Por cada ensinamento
E toda realização.

Finalizo esse cordel,
E digo, foi especial,
Dividir experiências,
Mostrar meu potencial.
O aprender nos faz crescer,
Tornando o sonho real.

Meri Cristiane Magalhães Rocha

A escola é, por excelência, o *locus* – ou espaço – em que os educandos vão adquirir, de forma sistemática, recursos comunicativos que lhes permitam desempenhar-se competentemente em práticas sociais especializadas. (Bortoni-Ricardo, 2024, p. 74).

RESUMO

Este estudo aborda os resultados do projeto de intervenção pedagógica conduzido no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UNEMAT/Sinop-MT), centrando-se nos estudantes do 9º Ano do Ensino Fundamental II, da Escola Estadual Rui Barbosa, situada em Alta Floresta - MT. Teve como objetivo explorar a variação linguística semântica-lexical e diatópica em cordéis e suas implicações na formação leitora e escritora dos alunos. Para a realização do projeto, optou-se por empregar a abordagem da pesquisa-ação, com a adoção da metodologia de sequência didática amparada nos pressupostos teóricos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e na Sociolinguística Educacional cunhada por Bortoni-Ricardo (2005), dentre outros autores. O aporte da Sociolinguística Educacional teve o propósito de poder contribuir como recurso pedagógico por meio da Literatura de Cordel, com o intuito de valorizar a diversidade linguística e promover uma educação mais inclusiva por meio da escrita e leitura. Este estudo foi, assim, essencial para auxiliar os estudantes a desenvolverem suas competências linguísticas a partir de uma educação efetiva para a formação leitora e escritora dos estudantes, valorizando a diversidade linguística e desconstruindo preconceitos sociais e linguísticos. Como resultados, observamos uma participação efetiva dos alunos, a produção colaborativa em equipe, um maior interesse pela leitura e escrita e a utilização proativa de recursos tecnológicos.

Palavras-chave: Sociolinguística educacional; literatura de cordel; variação semântico-lexical e diatópica; preconceitos social e linguístico; leitura e escrita.

ABSTRACT

This study addresses the results of the pedagogical intervention project conducted within the scope of the Professional Master's Degree in Literature (PROFLETRAS/UNEMAT/Sinop-MT), focusing on students in the 9th year of Elementary School II, at Escola Estadual Rui Barbosa, located in Alta Floresta - MT. It aimed to explore the semantic-lexical and diatopic linguistic variation in strings and its implications for students' reading and writing training. To carry out the project, it was decided to employ the action research approach, with the adoption of the didactic sequence methodology supported by the theoretical assumptions of Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004) and the Educational Sociolinguistics coined by Bortoni-Ricardo (2005), among other authors. The contribution of Educational Sociolinguistics was intended to contribute as a pedagogical resource through Cordel Literature, with the aim of valuing linguistic diversity and promoting a more inclusive education through writing and reading. This study was, therefore essential to help students develop their linguistic skills based on effective education for students' reading and writing skills, valuing linguistic diversity and deconstructing social and linguistic prejudices. As results, we observed effective student participation, collaborative team production, greater interest in reading and writing and proactive use of technological resources.

Keywords: Educational sociolinguistics; cordel literature; semantic-lexical and diatopic variation; social and linguistic prejudices; reading and writing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Livretos de Cordel.....	42
Figura 2 – Xilogravura.....	50
Figura 3 – Esquema de Sequência Didática	63
Figura 4 – Escola Estadual Rui Barbosa – Alta Floresta – MT – Área externa.....	79
Figura 5 – Diagrama de mobilidade dos alunos do 9º ano C	80
Figura 6 – Apresentação do Gênero Cordel para os alunos	85
Figura 7 – Atividade 1- Jogo de rimas.....	86
Figura 8 – Atividade 2 – Jogo de rimas	86
Figura 9 – Pesquisa sobre o gênero textual cordel	88
Figura 10 – Produção de poesia de cordel.....	90
Figura 11 – Apresentação sobre a variação linguística das regiões.....	91
Figura 12 – Produção do cordel utilizando algumas palavras do texto original e sinônimos ..	95
Figura 13 – Roda de leitura da adaptação em cordel “A Terra dos Meninos Pelados”	97
Figura 14 – Produção de um novo final para o cordel.....	98
Figura 15 – Palestrante professor Sidney da Silva Chaves	101
Figura 16 – Palestra “Literatura de Cordel, cultura popular e formação da identidade”	102
Figura 17 – Alunos realizando leitura e escrita de adaptação em cordel.....	106
Figura 18 – Cordéis produzidos e expostos em varal	107
Figura 19 – Preparando as atividades para a Feira de Literatura de Cordel.....	108
Figura 20 – Feira de Literatura de Cordel na Mostra Pedagógica e Ação de Graças na Escola Estadual Rui Barbosa.....	109
Figura 21 – Capa do <i>e-book</i>	111
Figura 22 – Produção Final	112
Figura 23 – Apresentação das adaptações dos contos em cordel	114
Figura 24 – Apresentação dos módulos finalizados	115
Figura 25 – Alunos, professora pesquisadora e professor palestrante	115

LISTA DE QUADROS

Quadros 1 – Produções Iniciais dos alunos do 9º ano C	83
Quadros 2 – Relatos de opiniões sobre o módulo 4.....	92
Quadros 3 – Atividade de completar as lacunas com sinônimos adequados	94
Quadros 4 – Novo Final da história cordel “A terra dos meninos pelados”	99
Quadros 5 – Produções Finais dos alunos do 9º ano C.....	113

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	19
2.1 Contexto histórico e concepções da Sociolinguística: uma breve visão histórica.....	19
2.2 Sociolinguística Educacional: integrando diversidade linguística e cultural no contexto escolar	21
2.3 Variação e variedades linguísticas: realidades presentes nas escolas.....	24
2.3.1 Variação diatópica.....	28
2.3.2 Variação semântico-lexical.....	30
2.4 Preconceitos social e linguístico	31
2.5 Leitura e escrita na escola.....	34
3 A LITERATURA DE CORDEL: CONTEXTO HISTÓRICO	40
3.1 A Literatura de Cordel no Brasil.....	44
3.2 A Literatura de Cordel no contexto nordestino	46
3.3 A Literatura de Cordel em sala de aula	55
4. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	61
4.1 Procedimentos metodológicos	61
4.1.1 O perfil dos alunos e da instituição de ensino	78
4.2 Desenvolvimento da sequência didática	81
4.2.1 Apresentação da situação e produção inicial	81
4.2.2 Módulo 1: Apresentação do gênero cordel.....	85
4.2.3 Módulo 2: Pesquisa realizada pelos alunos sobre o gênero textual cordel.....	87
4.2.4 Módulo 3: Explorando a variação linguística nas poesias de cordel	89
4.2.5 Módulo 4: As variações linguísticas presentes nas letras de músicas de diferentes regiões do Brasil	90
4.2.6 Módulo 5: Variação semântico-lexical e cordel: explorando a cultura nordestina.....	93
4.2.7 Módulo 6: “A Terra dos Meninos Pelados” em cordel: explorando a cultura nordestina	97
4.2.8 Módulo 7: Palestra Literatura de Cordel, Cultural Popular e Formação da Identidade.	100
4.2.9 Módulo 8: Unindo vozes: produção coletiva inspirada em obras de Josivaldo Constantino dos Santos.....	103

4.2.10 Módulo 9: Produção de cordéis a partir de contos populares	105
4.2.11 Módulo 10: Trovando cultura: uma Feira de Literatura de Cordel.....	108
4.2.12 Produção final	109
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICE A – CAPAS E TRECHOS DAS ADAPTAÇÕES, A PARTIR DOS CONTOS POPULARES, PRODUZIDOS PELOS ALUNOS.....	123
APÊNDICE B – <i>E-BOOK</i>.....	126

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho está pautada na Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2014, 2005), com ênfase na variação linguística semântico-lexical e diatópica presente em cordéis e nas limitações que dificultam a formação leitora e escritora dos alunos. Consideramos ser um ótimo material para se trabalhar a variação linguística e, conseqüentemente, valorizar a cultura local, no caso a cultura nordestina, mas difundida por todo o país.

Além disso, pautamos em uma pedagogia culturalmente sensível, conforme abordada por Bortoni-Ricardo (2025), que busca estabelecer em ambientes de sala de aula um espaço propício para o desenvolvimento de padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas que estejam alinhados com a cultura dos alunos. A ideia central é que, ao se ajustar os processos interacionais e educacionais de acordo com as referências culturais dos estudantes, torna-se mais eficaz a produção do conhecimento, uma vez que se ativam nos educandos processos cognitivos associados aos contextos sociais aos quais estão habituados. Isso contribui para a criação de um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz, no qual os alunos se sintam mais engajados e motivados, favorecendo, assim, o processo de ensino-aprendizagem de maneira significativa.

Nesse sentido, Bagno (2007) ressalta que:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença [...] (Bagno, 2007, p. 27).

Considerando esse contexto, compreendemos a necessidade de realizar uma investigação que abordasse algumas indagações que nos intrigavam: Como a variação linguística por meio da Literatura de Cordel pode ser trabalhada nas aulas de Língua Portuguesa, contribuindo para melhorar as inadequações de escrita e de leitura em sala de aula? Como a Literatura de Cordel pode contribuir para o estudo da variação linguística e para a desconstrução dos preconceitos social e linguístico? Qual é a compreensão dos alunos sobre as variações semântico-lexicais e diatópicas presentes na Literatura de Cordel e como isso pode ser utilizado no processo de aprendizagem da escrita e leitura dos alunos?

Sendo assim, a pesquisa teve como objetivo investigar como a Sociolinguística Educacional pode contribuir como recurso pedagógico por meio da Literatura de Cordel para valorizar a diversidade linguística e a promover uma educação inclusiva no desenvolvimento da escrita e leitura dos alunos.

Outro fator importante para a realização dessa pesquisa é o pouco contato dos alunos com textos literários. Além disso, os estudantes possuem dificuldades de leitura e escrita, apresentando distanciamento com o hábito e com o prazer de ler. Diante dessa realidade faz-se necessário buscar métodos para despertar o gosto dos educandos para as práticas de leitura e escrita.

Diante do que foi apresentado, a presente dissertação é resultado de uma pesquisa de intervenção realizada na Escola Estadual Rui Barbosa, localizada no município de Alta Floresta - MT, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Essa experiência pode conduzi-los a uma reflexão mais profunda sobre o conteúdo, proporcionando a oportunidade de desmantelarem preconceitos linguísticos e sociais. Nesse contexto, a Sociolinguística Educacional emerge como a principal base teórica desta pesquisa.

A fundamentação desta pesquisa está alicerçada em teóricos que exploram, especialmente, os conceitos do gênero textual cordel, variação linguística, preconceito linguístico e sequência didática, destacando-se como principais autores: Bortoni-Ricardo (2014, 2005), Bagno (2007, 2015), Mollica (2008), Coelho (2021), Antunes (2012), Cosson (2014), Abreu (1999), Marinho e Pinheiro (2012), Santos (2017), Haurélio (2019), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e Thiollent (2011).

Este trabalho está estruturado em três capítulos, além desta introdução, nos quais exploramos conceitos relacionados às áreas de Sociolinguística, Sociolinguística Educacional e Literatura de Cordel. Além disso, apresentamos a metodologia de pesquisa empregada no desenvolvimento do projeto e a explicação analítica de todos os módulos desenvolvidos.

No primeiro capítulo - Fundamentos teóricos - apresentamos os fundamentos teóricos que fundamentaram a pesquisa, explorando o contexto histórico e as concepções da Sociolinguística, desde seus primórdios até a sua evolução para a Sociolinguística Educacional. Abordamos também sobre questões centrais, como a definição de termos relevantes na área de estudo e a problemática do preconceito linguístico.

O segundo capítulo – Literatura de Cordel – discorre sobre o seu contexto histórico, desde os primórdios de sua constituição até ser trazida ao Brasil pelos portugueses, abordando também a Literatura de Cordel no contexto Nordestino e seu papel em sala de aula. Neste

capítulo, destacamos a relevância da Literatura de Cordel na formação leitora e escritora dos estudantes em sala de aula.

O terceiro capítulo - Metodologia e análise dos resultados – aborda sobre a metodologia utilizada na implementação da proposta apresentada, para tanto, consideramos os participantes e o contexto de pesquisa. Dessa forma, introduzimos a Sequência Didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), alinhada aos fundamentos teóricos da Sociolinguística Educacional, utilizando o método de pesquisa-ação proposto por Thiollent (2011). Em seguida, apresentamos, analiticamente, todas as fases desenvolvidas, incluindo a apresentação da situação, a produção inicial, os desenvolvimentos dos módulos e a produção final do nosso projeto de intervenção.

Para finalizar, apresentamos as considerações finais sobre o trabalho, nas quais constam os resultados atingidos no projeto desenvolvido com os alunos, dentre eles os objetivos alcançados ou não, e as contribuições deste estudo para interessados nesta área de pesquisa.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste capítulo trazemos os fundamentos teóricos que foram a base para a pesquisa em questão. Para isso, exploramos o contexto histórico e as concepções da Sociolinguística, abrangendo desde seu surgimento até a evolução para a Sociolinguística Educacional. Além disso, abordamos sobre questões centrais, como a definição de termos importantes na área de estudo e a problemática do preconceito linguístico.

2.1 Contexto histórico e concepções da Sociolinguística: uma breve visão histórica

A principal área do saber que realiza pesquisas sobre a variação da língua é a Sociolinguística, responsável por lembrar a respeito da importância de estudar-se a língua como parte da manifestação cultural e social de um povo. Antevê, assim, que as variações são importantes, pois carregam a história de cada comunidade linguística. Enquanto caráter científico, tem como objeto de estudo a língua falada e suas variações. Nesse sentido, dentro da grandeza que essa área de estudos e pesquisas pôde proporcionar-nos, buscamos analisar a variação linguística que se encontra inserida em diferentes textos do gênero cordel.

Para entendermos melhor a Sociolinguística, é fundamental fazer uma breve contextualização histórica e abordar suas concepções principais. Ao longo do tempo, a Sociolinguística surgiu e se desenvolveu como uma área de estudo dedicada à análise das relações entre linguagem, sociedade e cultura.

Desde as primeiras formulações teóricas até os avanços contemporâneos, a Sociolinguística tem se mostrado essencial para compreendermos a natureza social da linguagem e as múltiplas formas de variação linguística presentes nas comunidades falantes.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2019), a Sociolinguística, considerada como uma ciência autônoma e interdisciplinar, teve seu surgimento na década de 1960, momento em que as pesquisas começaram a investigar o uso de diferentes variedades linguísticas e suas adaptações à cultura escrita. Embora antes desse período já houvesse alguma discussão sobre o impacto da cultura letrada em diferentes grupos sociais, pois alguns pesquisadores renomados já desenvolviam teorias de natureza claramente sociolinguística, como Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin e membros do Círculo Linguístico de Praga.

Ademais, esses pensadores consideravam essencial levar em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala ao se estudar a linguagem. Assim, não separavam o material da fala do produtor da fala, o falante, e reconheciam a importância de examinar as

condições em que a fala era produzida. Essa abordagem valorizava a relação entre linguagem e cultura, contemplando os resultados que advinham dessa relação, como a diversidade linguística, favorecendo, dessa forma, para o desenvolvimento da Sociolinguística como um campo interdisciplinar (Bortoni-Ricardo, 2019). Nesse sentido, nenhuma variedade de uma língua precisaria ser considerada inferior, ainda que haja distinções. Em princípio eram aplicadas comparações entre línguas, mas, com a admissão da existência de muitas variedades da língua, ampliaram a premissa relativista de comparação entre as variedades de uma língua.

Segundo Bagno (2014), os estudiosos da linguagem chegaram à conclusão de que era imprescindível considerar a sociedade em que a língua é falada para um estudo abrangente. Essa percepção levou ao desenvolvimento da Sociolinguística, impulsionada principalmente por William Labov, que se tornou o nome mais conhecido nessa área. Labov foi fundamental para o estudo da variação e da mudança linguística na perspectiva sociolinguística. Nessa conjuntura, foi uma resposta necessária aos modelos teóricos anteriores, que consideravam a língua como um sistema homogêneo e invariável.

Inicialmente concentrou-se na descrição da variação linguística e dos fenômenos em processo de mudança na língua. Nesse contexto, o trabalho de John Gumperz (1922-2013), como afirma Bortoni-Ricardo (2019), desempenhou um papel significativo:

Desde meados dos anos 1960, quando o termo sociolinguística apenas começava a ser aceito, essa disciplina vem ampliando seus objetivos iniciais de investigação, muito além da explicação dos processos de mudança e difusão linguísticos. Na atualidade, especialmente durante a última década, converteu-se em uma disciplina central, preocupada com todos os aspectos da comunicação verbal nas sociedades humanas. Em particular, com as formas como a comunicação influi e reflete as relações de poder e dominação, com o papel que a linguagem joga na formação e perpetuação de instituições sociais, assim como, com a transmissão da cultura (Gumperz, 1996, *apud* Bortoni-Ricardo, 2019, p. 13).

Consequentemente, a Sociolinguística se consolidou como uma disciplina que vai além da simples descrição da variação linguística, abrangendo uma compreensão contextualizada e mais profunda da linguagem humana. Ao levar em conta a sociedade em que a língua é falada, assim como as interações culturais e as identidades dos falantes, a Sociolinguística nos oferece uma visão mais rica e complexa da natureza dinâmica da linguagem. Portanto, a contribuição de estudiosos como John Gumperz e Dell Hymes permitiu que a Sociolinguística se estabelecesse como um campo que explora as conexões intrínsecas entre a língua e a sociedade, enriquecendo nosso entendimento das diversidades linguística e cultural ao redor do mundo.

As concepções da Sociolinguística ressaltam a importância de considerar a língua como um fenômeno vivo e dinâmico, profundamente enraizado na interação social. A variação

linguística é encarada como algo natural e valioso, refletindo a diversidade de identidades e grupos sociais. Nessa perspectiva, a Sociolinguística nos convida a investigar como fatores sociais, tais como classe social, gênero, etnia, idade e contexto cultural, influenciam a forma como as pessoas usam a língua e como essas variações são percebidas e interpretadas dentro de uma comunidade. A diversificação passou a ser objeto de estudo devido ao reconhecimento de que:

No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva) (Mollica e Braga, 2008, p. 11).

Por sua vez, esses fatores influenciam a maneira como as pessoas se expressam, comunicam e interagem uma com as outras.

Bortoni-Ricardo (2024) destaca que a variação linguística é uma característica pertencente a todas as comunidades de fala, independentemente do seu tamanho ou localização. Essas variações refletem a diversidade e complexidade da linguagem, e estudá-las é importante para compreendermos melhor a forma como a língua é usada e como se relaciona com os aspectos sociais e culturais de uma comunidade, que procedem de vários fatores, como: grupos etários, gênero, status socioeconômico, grau de escolarização, mercado de trabalho, rede social.

Todos esses fatores são propriedades extralinguísticas individuais de um falante. Há também outros fatores que são funcionais, os quais resultam de relações sociais como os fatores biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais. Ademais, as pesquisas sociolinguísticas devem levar também em consideração os fatores linguísticos-estruturais, que podem ser fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos.

2.2 Sociolinguística Educacional: integrando diversidade linguística e cultural no contexto escolar

A Sociolinguística Educacional desempenha um papel de extrema importância no processo de ensino da Língua Portuguesa, uma vez que reconhece e lida com a variação linguística presente em diferentes domínios sociais, incluindo a escola.

A importância da Sociolinguística no contexto educacional está relacionada à valorização e respeito pela diversidade linguística dos estudantes. Ao reconhecerem e compreenderem as diferentes variedades linguísticas que os alunos trazem consigo, os educadores podem promover um ambiente de ensino mais inclusivo e eficaz.

Bortoni-Ricardo (2005) denomina como Sociolinguística Educacional todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional, principalmente na área de ensino da língua materna.

Assim sendo, é necessário cooperar para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais do aluno e isso requer uma mudança da escola e da sociedade em geral para que isso ocorra, para tanto, a compreensão das regras variáveis é muito importante.

Bortoni-Ricardo (2004) destaca ainda que, quando utilizamos a linguagem como meio de comunicação, estamos simultaneamente construindo e reforçando os papéis sociais que são característicos de cada domínio. Com isso, torna-se evidente que a interação linguística dos alunos no ambiente educacional está intrinsecamente ligada aos papéis sociais. A maneira como se comunicam influencia como são percebidos e afeta as dinâmicas do grupo.

Além disso, a compreensão de que a língua é heterogênea na interação social nos leva a perceber que a diversidade linguística é uma parte natural desse processo. Nesse sentido, é relevante considerar os significados que alunos e professores atribuem à variação, os quais são múltiplos e requerem uma interpretação cuidadosa, como destacado por Bortoni-Ricardo (2005).

Assim, entendemos que a ampla abrangência da língua na interação está diretamente relacionada às variações linguísticas presentes em diferentes localidades e regiões, assim como manifestadas a partir dos diferentes fatores extralinguísticos e linguísticos citados acima. Cabe salientar que essa heterogeneidade se manifesta nos papéis sociais dentro e fora das escolas. É importante ressaltar que, se a língua fosse homogênea, não haveria variação linguística, o que é altamente improvável. Portanto, a compreensão desses aspectos contribui para uma abordagem mais sensível e inclusiva no estudo da Sociolinguística Educacional.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Língua Portuguesa (2017), as competências específicas do componente curricular de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental estão diretamente ligadas à perspectiva variacionista heterogênea da língua. Dentre as dez competências específicas, três delas estão diretamente relacionadas a essa perspectiva, que reconhece e valoriza a diversidade linguística presente na Língua Portuguesa, sendo elas:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao (s) interlocutor (es) e ao gênero do discurso/gênero textual (BNCC, 2017, p. 85).

Nesse contexto, a BNCC de Língua Portuguesa enfatiza a importância de reconhecer e valorizar a heterogeneidade linguística da Língua Portuguesa, fornecendo aos estudantes as ferramentas necessárias para se comunicarem de forma eficaz em diversas situações, respeitando as diferentes formas de falar e escrever presentes em nossa sociedade.

Dessa forma, essas três competências chamam a atenção para a Sociolinguística, uma ciência que, como já dito, estuda a relação da língua com a sociedade. A língua possui uma importância muito grande e é fundamental que o aluno desenvolva uma percepção de linguagem atrelada à sua identidade, sua construção e sua relação dentro da sociedade.

No entanto, diante das diversas variações linguísticas, é perceptível que certas variedades são mais valorizadas em relação a outras, enquanto algumas são estigmatizadas. Como visto, a língua não é inerte, e dependendo da situação em que é usada, diversifica-se muito. Isso acontece devido a muitos fatores que já foram mencionados, como, localidade, idade, sexo, nível de escolaridade, profissão, entre outros. E são essas variações que fazem com que certas variedades sejam mais conceituadas em relação a outras que são estigmatizadas. Essa disparidade resulta no fenômeno conhecido como "preconceito linguístico".

Todo preconceito linguístico só existe devido à ignorância e à falta de informação. É uma ideia equivocada pensar que a língua é homogênea e menosprezar ou desqualificar as variedades presentes na Língua Portuguesa.

De acordo com Mollica (2008), os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro. Ao buscar descrever o padrão normativo, a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir as variedades linguísticas em detrimento desse padrão como expressão linguística natural e legítima.

A Sociolinguística, por sua vez, revela que a interação social se difunde no jeito particular que cada um tem de falar e que a idade, a escolaridade, o gênero e a classe social, entre outros fatores, podem influenciar no modo como uma pessoa se expressa. Neste sentido, Bortoni-Ricardo denomina a Sociolinguística Educacional como a “[...] aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas” (Bortoni-Ricardo, 2019, p 158).

Assim, ao trazer para a sala de aula as contribuições das descrições da língua em uso, proporciona uma visão mais ampla e contextualizada da Língua Portuguesa, ajudando os alunos a compreenderem que a língua é dinâmica, diversa e está em constante transformação.

A Sociolinguística Educacional coopera, assim, para o desenvolvimento de um ensino de língua em que a orientação pedagógica considere a realidade linguística em que os falantes estão inseridos, sem deixar de lado o ensino reflexivo da norma culta e sua importância para a aptidão linguística do aluno.

Nesse contexto, segundo Bortoni-Ricardo (2005), a principal influência dos estudos sociolinguísticos para a educação procede da premissa de que todas as variedades que compõem a ecologia linguística de uma comunidade são funcionalmente comparáveis e essencialmente equivalentes. Nenhuma delas pode ser considerada inferior e seus falantes não podem ser considerados linguística ou culturalmente deficientes.

As mudanças existentes na língua, por sua vez, como já dito, ocorrem devido a vários fenômenos linguísticos em determinados níveis de variação, como lexical, fonológica, morfológica ou morfofonológica, sintática e discursiva, e também por fatores extralinguísticos, como variação geográfica ou diatópica, social ou diastrática, estilística ou diafásica e na fala e escrita ou diamésica. Conforme Antunes,

Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua (Antunes, 2009, p. 22).

A Sociolinguística Educacional, portanto, desempenha um papel crucial em nossa pesquisa como recurso pedagógico por meio da Literatura de Cordel para valorizar a diversidade linguística e a promoção de uma educação inclusiva no desenvolvimento da escrita e leitura dos alunos.

2.3 Variação e variedades linguísticas: realidades presentes nas escolas

Para compreender a Sociolinguística, é necessário entender também os conceitos de variação, variedade, variável e variante, os quais podem ser confundidos devido à falta de conhecimento sobre suas definições.

Segundo Bagno (2007), a diversidade linguística no território brasileiro é resultado, principalmente, de dois fatores interligados: a ampla extensão territorial do país, que gera diferenças regionais, e as disparidades sociais, que estão relacionadas à distinção entre as

variedades não padrão e a norma culta. Deste modo, muitas vezes acontece tanto na sociedade quanto no ambiente escolar a depreciação das variações que não atendem ao padrão da língua.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), o ensino da língua na escola é norteado por questões culturais e sociais, visando fortalecer o uso da linguagem prestigiada pela sociedade, enfatizando, dessa forma, o ensino da gramática normativa. Todavia, quando a escola foca somente no ensino da língua considerada padrão, acaba por desvalorizar as demais variedades da língua, e também os seus falantes, sendo assim, passa a desconsiderar as variações culturais e sociais. Bortoni-Ricardo, por sua vez, nos diz que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos, têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade [...] os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social [...] (Bortoni-Ricardo, 2005, p.15).

É importante reconhecer que os alunos acrescentam conhecimento em relação à cultura, e que isso não implica em classificá-la como errônea. O aluno deve desenvolver a capacidade de adaptar a sua linguagem de acordo com as situações de uso. Dessa forma, ele aprenderá que a sua língua materna pode sofrer alterações, e que o seu modo de falar também faz parte da língua. Essas alterações são as divergências encontradas em uma mesma língua utilizada, por exemplo, em regiões diferentes ou por grupos sociais diferentes. Podem incluir dialetos, gírias, jargões de determinadas áreas profissionais e idiomas formais versus informais.

Nesse contexto, cabe ressaltar o conceito de variedade linguística, que são os muitos modos de falar uma língua. Em Sociolinguística, a variedade refere-se a formas específicas de linguagem associadas a grupos particulares de falantes de uma língua. Esses grupos podem ser distintos por geografia, de diferentes regiões ou países e espaços rural e urbano, classe socioeconômica, idade, gênero, profissão ou etnia, entre outros. De acordo com Bortoni-Ricardo,

[...] as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 34).

Por sua vez, as variedades linguísticas são uma forma de diversidade cultural e, conforme a autora, também podem ter valor social. Em certas comunidades, o uso de uma variedade particular de linguagem pode ser associado a status, identidade ou pertencimento a um grupo específico.

Segundo Bagno (2007), variedade é um termo empregado há muitos séculos, desde a Grécia antiga, para designar o modo característico de uso da língua de um determinado lugar, região ou província. As variedades linguísticas são frequentemente designadas por termos específicos, tais como: *socioleto* designa a variedade linguística própria de um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais. *Cronoleto* designa a variedade própria de determinada faixa etária, de uma geração de falantes, e, por último, *idioleto* designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças.

Na Sociolinguística, uma variável é um elemento linguístico que pode variar entre diferentes falantes ou grupos sociais. Uma variável linguística é geralmente associada a diferentes formas de expressão de um mesmo fenômeno linguístico. Para Bagno (2007, p.50), “a variável linguística é um elemento da língua, alguma regra, que se realiza de maneiras diferentes, conforme a variedade linguística analisada. Cada uma das realizações possíveis de uma variável é chamada de variante”. A variante é, portanto, “cada uma das formas diferentes de se dizer a mesma coisa”.

As variantes linguísticas podem ser localizadas em áreas urbanas, rurbanas e rurais; no contínuo de monitoramento estilístico, apresentar o grau de monitoração que o falante faz no contexto em que estiver inserido; no contínuo de letramento-oralidade, variar em virtude dos eventos orais e eventos escritos. Ademais, as variantes podem ser características fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas ou lexicais. Por sua vez, a variação linguística é assim chamada pelos diversos usos que os falantes fazem de uma mesma língua.

Nesse sentido, Coelho *et al.* (2021) afirmam que

A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado [...] A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes- o que podemos perceber quando observamos que as pessoas à nossa volta falam de maneira diferentes, mas sempre se entendendo perfeitamente (Coelho *et al.*, 2021, p. 16).

A variação linguística se mostra como um processo pelo qual diferentes formas de uma língua podem ocorrer no mesmo contexto, mantendo o mesmo significado. Isso significa que a

variação é natural e intrínseca às línguas, não comprometendo o funcionamento adequado do sistema linguístico nem a capacidade de comunicação entre os falantes.

Ao observarmos as pessoas ao nosso redor, podemos perceber que elas falam de maneiras diferentes, mas ainda assim conseguem se entender perfeitamente. Isso ilustra como a variação linguística não é um obstáculo à comunicação, mas uma manifestação da riqueza e flexibilidade da linguagem.

Esse entendimento de variação linguística tem implicações significativas na forma como vemos e valorizamos as diferentes formas de falar. O que nos leva à compreensão de que devemos julgar ou menosprezar determinados dialetos, sotaques ou estilos de fala, pois todos eles são válidos e oferecem perspectivas únicas da língua. Em vez disso, devemos apreciar a diversidade linguística e reconhecer que é por meio da variação que a linguagem se desenvolve e se adapta às necessidades humanas ao longo do tempo.

Para Bortoni-Ricardo (2024), as palavras se apresentam ao ensino de Língua Portuguesa, no processo de formação de sujeitos, podendo transformar sua realidade, o que deveria ser a função principal da escola, pois é o lugar onde os educandos irão adquirir, de forma sistemática, recursos comunicativos que lhes permitam desempenhar-se competentes em práticas sociais especializadas.

Nesse sentido, é importante aceitar e celebrar a variação linguística como parte integrante da riqueza cultural e social de uma comunidade. Ela nos lembra que, embora possam existir diferenças superficiais na forma como falamos, todos estamos unidos pelo poder da comunicação e da compreensão mútua.

Bagno (2007) também apresenta a sua definição sobre variação linguística e argumenta que o termo "variação" é fundamental para compreender a natureza das línguas humanas. Ele destaca que as línguas não são uniformes nem homogêneas, mas sim heterogêneas e caracterizadas pela diversidade.

Bagno ressalta que a palavra "língua" pode nos dar a falsa impressão de que há uma uniformidade e homogeneidade nas formas de fala dos falantes de uma mesma língua. No entanto, a realidade é que as línguas são naturalmente heterogêneas e estão sujeitas a diversas variações.

Sendo assim, Bagno (2007) ainda argumenta que é importante reconhecer e valorizar a diversidade linguística e entender que a variação é uma característica intrínseca e natural das línguas humanas. Essa perspectiva nos ajuda a ter uma visão mais abrangente e precisa das línguas, promovendo uma compreensão mais completa e inclusiva das diversas formas de comunicação linguística.

Segundo Bagno (2007), a variação ocorre em todos os níveis da língua. Como exemplificações temos a variação fonético-fonológica (na qual podemos observar a letra 'r' que possui várias pronúncias no português brasileiro); a variação morfológica (a adição de sufixos pode alterar o significado das palavras, como no caso de 'barulho' e 'barulheira'); a variação sintática (a organização das palavras em uma frase pode variar nos diferentes contextos linguísticos e sociais, como nas frases: 'Encontrei ele na rua' e 'Encontrei-o na rua'); a variação semântica (em que uma mesma palavra possui mais de um significado, como a palavra 'vela' que se refere tanto à vela utilizada para iluminar um ambiente quanto à vela empregada em um barco para navegação); a variação lexical (se refere às diferenças e diversidades no vocabulário utilizado pelos falantes de uma língua, como o contexto linguístico, regional, social, etário, entre outros, como nas palavras casa, residência e moradia) e a variação estilístico-pragmática (é um conceito linguístico que se refere à forma como o uso da linguagem pode variar dependendo do contexto social, cultural, pessoal e situacional, como nas frases 'Queiram se sentar, por favor' e 'Vamo sentano aí, galera').

A proposta de nosso trabalho de pesquisa pautou-se na variação linguística diatópica, por trabalhar com a literatura de uma região específica do país, o Nordeste, e a variação semântico-lexical presente nos cordéis analisados e procurou exemplificar as limitações que dificultam a formação leitora e escritora do aluno. Consideramos ser um ótimo material para se trabalhar a variação linguística e, conseqüentemente, valorizar a cultura local, no caso a cultura nordestina, que tem se espalhado para o restante do país.

Compreendemos que por meio da variação linguística presente na Literatura de Cordel, dentro da produção didática, possam se formar leitores capazes de vivenciar a ação humanizada da literatura e capazes de compreender o uso variacionista da língua, assim como serem capazes de respeitar as diferenças de uso da língua no país e entenderem a diversidade e riqueza linguísticas.

2.3.1 Variação diatópica

A variação diatópica é uma variação regional, quando uma mesma língua é falada de forma diferente em distintas regiões e localidades. O termo "diatópico" deriva do grego "diá-", que significa "através de", e "-topos", que significa "lugar". Cada região reverbera seu modo de falar, o seu dialeto, que varia de acordo com a cultura e o local. Essa variação também é percebida entre os espaços rural e urbano. Isso não só acontece com palavras, mas também com

expressões típicas de cada região. A linguagem é usada de acordo com o entendimento e necessidade dos falantes, os quais fazem parte de um grupo social que aderiu a um tipo específico de linguagem.

Em relação à variação diatópica, Bortoni-Ricardo (2005) afirma que

A esse *continuum*, que representa a variação diatópica (rural x urbana) e social, deve-se, por razões didáticas, acrescentar outro que represente variações funcionais, estilísticas, que se interseccionam com aquelas. A escolha de determinado grau de formalidade na fala depende basicamente do papel social que o falante desempenha a cada ato de interação verbal. Já se verificou que as sociedades variam quanto à amplitude e fluidez da gama de papéis sociais à disposição do indivíduo. Em qualquer circunstância, porém, há pelo menos três fatores determinantes dessa seleção: os participantes da interação, o tópico da conversa e o local onde ela se processa (Bortoni Ricardo, 2005, p. 25).

A característica principal da variação diatópica da nossa língua está na maneira de falar típica de cada região, localidade ou espaço rural x urbano, o sotaque.

Por meio do jeito típico de falar, é possível identificar-se as pessoas de cada região. O nosso país tem uma enorme extensão territorial que apresenta regiões que são diferentes em diversos fatores. Nessas regiões também encontramos situações sociais diferentes, que oferecem usos da língua diferentes da linguagem padrão. Isso não significa que essa variação seja inferior, apenas situada num espaço que influenciou e influencia as variantes linguísticas que se usam nesse espaço.

Segundo Coelho *et al.* (2021), a variação regional, também chamada de variação geográfica ou variação diatópica, é responsável por nos permitir identificar a origem de uma pessoa com base em sua maneira de falar. É por meio da língua que podemos reconhecer se um falante é gaúcho, mineiro, baiano, entre outros.

Coelho *et al.* (2021) afirmam que a variação regional pode ser analisada comparando-se diferentes unidades espaciais. Essa variação ocorre entre diferentes países, como Brasil e Portugal, entre regiões do mesmo país, como Nordeste e Sul do Brasil, entre estados da mesma região, como Paraná e Santa Catarina, entre cidades, como Chapecó e Florianópolis, e até mesmo entre bairros da mesma cidade, como o centro de Florianópolis e o Ribeirão da Ilha. Além disso, é comum estudar-se a variação regional entre áreas urbanas e rurais ou do interior.

Bagno (2007) define variação diatópica como a diferença linguística observada ao se comparar os modos de falar de diferentes lugares, como grandes regiões, estados, áreas rurais e urbanas e áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades.

A variação diatópica refere-se à diferença linguística que ocorre ao comparar-se os estilos de fala de diferentes lugares. Essa variação pode ser observada em várias escalas, desde

grandes regiões até áreas socialmente demarcadas em grandes cidades. Ao analisar a variação diatópica, Bagno ainda destaca que é possível identificar diferenças linguísticas significativas entre diferentes regiões, estados e áreas urbanas e rurais. Essas diferenças incluem variações na pronúncia, vocabulário e estruturas gramaticais usadas pelos falantes de cada lugar.

2.3.2 Variação semântico-lexical

A expressão semântico-lexical se refere a uma área de estudos da língua, que retrata qualquer tipo de estudo linguístico que foque no significado das palavras das línguas.

Existe a variação semântica quando uma mesma palavra é utilizada com significados diferentes. A variação linguística pode ocorrer em diferentes níveis linguísticos, dentre eles a variação lexical ou semântico-lexical, em situações em que a mesma ideia é expressa por palavras diferentes ou sentidos diversos, que, conforme a região ou situação de formalidade ou informalidade, pode apresentar variação.

De acordo com Bagno (2007, p. 36), “a língua é heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em construção”, mas não como um “produto pronto e acabado”, uma vez que se modifica sempre. O autor considera a língua como uma atividade social, coletiva, por meio da qual os seus falantes interagem.

Também existem semânticas que não são lexicais, quando se estuda o significado nas línguas, mas que não está voltado especificamente para as palavras, e sim para gestos, textos imagéticos, dentre outros.

Por sua vez, a variação linguística lexical acontece quando a língua como um elemento cultural sofre variabilidade em termos do léxico, dependendo do local e da comunidade onde um sujeito falante está inserido.

Além disso, é importante destacar que o nível semântico trata da produção de sentido, e até mesmo os sons possuem traços que podem caracterizá-los como semânticos. Para Cançado (2008), o nível semântico considera os significados das línguas, ou seja, se apoia à ideia de que o falante tem noção da gramática de sua língua e, assim, utiliza dela para dar significado às coisas e ao que produz como texto.

Já o nível lexical trata do inventário de palavras de uma língua, ou seja, “do amplo repertório de palavras de uma língua ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” (Antunes, 2012, p. 27). O léxico possibilita a construção de inúmeros efeitos de sentido, já que a utilização da palavra cria enunciações

únicas, com duplo sentido, paradoxais, irônicas, dentre outras que permitem ao interlocutor interagir com o texto para além do que ele naturalmente diz.

O léxico abrange ainda uma série de fatores que podem ser trabalhados na escola, sendo resultado do intermédio cultural na atualização das palavras, por isso contribui para o desenvolvimento de variadas habilidades nos alunos, assim como, ajudando-os a representar-se perante o mundo e a utilizar a linguagem de maneira adequada aos eventos comunicativos.

Em se tratando de variação linguística, podemos entender que são diferenças nos modos de uso da oralidade dentro de uma mesma comunidade linguística. Sendo assim, os termos podem variar de acordo com o contexto em que os falantes estão inseridos, apesar de serem distintos, os termos variantes têm o mesmo valor significativo. Quanto mais o falante conhece novas culturas, mais ele dominará e entenderá as mudanças que ocorrem na língua por fatores de regionalidade, sociais e estilísticos.

O papel da escola frente às diferenças sociolinguísticas é de fundamental importância. As variedades linguísticas dos alunos precisam ser respeitadas e valorizadas, sem que lhes seja negada a oportunidade de aprender as variantes de prestígio, pois o domínio da língua culta é um dos bens culturais mais importantes para a ascensão social. Como afirma Bortoni-Ricardo (2004), “Como a língua é um fenômeno social, cujo uso é regido por normas culturais, além de ter domínio das regras internas da língua, os falantes têm de usá-la de forma adequada à situação de fala” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 78).

O professor, além do papel de ensinar, pode colocar em prática a conscientização de que no Brasil existem distintas variedades linguísticas e que é preciso saber usar a língua de maneira adequada às situações que exigem variantes específicas.

2.4 Preconceitos social e linguístico

Segundo Bagno, na obra “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz” (2007), o preconceito linguístico deriva da construção de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como “erro” e, conseqüentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo. Marcos Bagno apresenta e define o preconceito linguístico como:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola- gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]” (Bagno, 2007, p. 38).

O preconceito linguístico resulta da comparação indevida entre a língua que se apresenta nas gramáticas normativas e os modos de falar das pessoas que vivem na sociedade, modos de falar que são muitos e bem diferentes entre si.

A BNCC (2017) ressalta que o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia (Brasil, 2017).

O preconceito linguístico é, segundo o professor, linguista e filólogo Marcos Bagno (2015), todo juízo de valor negativo às variedades linguísticas de menor prestígio social. Normalmente esse prejulgamento dirige-se às variantes mais informais e ligadas às classes sociais menos favorecidas, as quais, geralmente, têm menor acesso à educação formal ou têm acesso a um modelo educacional de qualidade deficitária.

Bagno (2002) atesta, ainda, que existem formas variadas de caracterização do preconceito, e que o preconceito linguístico afeta diretamente a autoestima do ser humano, especialmente porque existem indivíduos que consideram a forma correta aquela língua aprendida na escola. Porém, como vimos, existe indubitavelmente variação linguística que é utilizada na sociedade, incluindo o ambiente escolar.

A relação entre o preconceito linguístico e a variação linguística se dá quando apontamos uma variação como erro. Todavia, em um país tão diverso quanto o Brasil, como já mostramos, existem diversas variações linguísticas. Elas se caracterizam como peculiaridades da língua em determinada região e/ou comunidade linguística. Infelizmente esse equivocado comportamento é comum. Este julgamento, em vez de contribuir para que sigamos em um processo educacional democrático, cria barreiras para o enriquecimento de nosso patrimônio cultural e linguístico. Por sua vez, a língua é responsável, segundo Biderman (1899), por transmitir a herança cultural de um povo que carrega aspectos de vida, das crenças e valores de uma sociedade.

Deste modo, o preconceito linguístico faz parte de uma forma de preconceito social, que elege variedades linguísticas que são distinguidas pelas classes sociais, de forma censurada ou privilegiada pelos falantes da Língua Portuguesa brasileira. Dessa maneira, o preconceito é visto como sendo uma crença de que existe uma única Língua Portuguesa, que deveria ser ensinada nas escolas e que envolva a gramática e as expressões pautadas nos dicionários.

De acordo com Bortoni-Ricardo,

A tarefa educativa da escola, em relação à língua materna, é justamente criar condições para que o educando desenvolva sua competência comunicativa e possa usar, com segurança, os recursos comunicativos que forem necessários para desempenhar-se bem nos contextos sociais em que interage (Bortoni-Ricardo, 2004, p.78).

Na contramão dessa crença, os estudos sociolinguísticos procuram estimular uma transformação na prática de ensino da variação linguística. O mais importante no ensino da língua é o reconhecimento da heterogeneidade da língua com suas diversas variantes.

Portanto, é imprescindível que nas salas de aula se afaste o preconceito linguístico, mostrando aos alunos que existe a variação linguística de nossa Língua Portuguesa quanto à oralidade, assim como na escrita, e que não se trata do uso contínuo da forma culta, mas na adequação que os alunos oralizam e escrevem tais variações da linguagem, e que não existe uma homogeneidade da língua, mas sim uma adaptação da forma como se fala e escreve.

Nesse sentido, Bagno (2002) nos lembra que

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (Bagno, 2002, p. 32).

Contudo não se pode deixar de refletir sobre a dificuldade que os professores têm para incentivar o aluno a ler e a escrever, talvez por conta do comodismo do aluno, das dificuldades por ele enfrentadas ou porque os meios que o professor esteja utilizando não tenham despertado interesse no aluno. Por essas razões, é muito importante que a escola disponibilize aos alunos o contato com o estudo da variação linguística.

Nesse contexto, as práticas de linguagem são um conjunto em que o próprio sujeito desenvolve a capacidade de reflexão e de uso da linguagem. As propostas de ensino de Língua Portuguesa devem organizar-se, portanto, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente, constituindo autonomia para o sujeito. É o que sugere Bezerra (*apud* Dionísio, 2002):

Havendo, na sociedade atual, uma grande variedade de textos exigidos pelas múltiplas e complexas relações sociais, é necessário que o livro amplie variedade textual. Por isso, encontramos recomendações de que o ensino de Língua Portuguesa gire em torno do texto, de modo a desenvolver competências linguísticas, textuais e comunicativas dos alunos, possibilitando-lhes uma convivência mais inclusiva no mundo letrado de hoje (não no sentido de simplesmente aceitá-lo, mas principalmente de questioná-lo, de imprimir-lhe mudanças). Assim, a ênfase na leitura, [...] considerando seus aspectos enunciativos, discursivos, temáticos, estruturais e linguísticos (que variam conforme as situações comunicativas), caracteriza-se como uma das renovações mais

apregoadas no ensino de nossa língua, embora ainda insuficientemente praticada (Dionísio, 2002, p. 43).

Conforme os alunos passam a fazer uso de vários gêneros discursivos, aprendem a adequar a linguagem, o propósito da escrita, o conteúdo e o contexto. É indispensável também que tenham noção de como a linguagem funciona para transmitirem o conteúdo oralmente ou por escrito. Desse modo, precisam aprender a organizar os diferentes tipos de conhecimentos e de formação de acordo com a situação comunicativa específica.

2.5 Leitura e escrita na escola

O texto literário assume um papel importante na formação do aluno com competência criativa, social e cultural, oportunizando a ele uma nova maneira de compreender a sociedade e o mundo. A diversidade de gêneros textuais apresentados aos alunos possibilita a percepção de distintas esferas comunicativas e das diferenças estruturais, além de envolver o pensamento humano, a emoção e a experiência vivenciados em diferentes contextos.

A leitura de obras literárias na escola tem sempre um papel inovador, pois leva o leitor a determinar uma relação com o livro, obtendo uma postura crítica perante a realidade, não se conformando aos padrões tradicionais. A leitura sempre foi a maneira mais eficaz de adquirir conhecimento, ampliando o vocabulário, facilitando a comunicação e enriquecendo o leitor com novas ideias, as quais podem levá-lo a ter um pensamento mais crítico.

Apesar de sua importância, muitas pessoas não têm o hábito de ler. Por esta razão compreende-se que a leitura deve ser incentivada desde a infância. É importante que as crianças sejam motivadas a uma rotina de leitura.

Além do problema da falta de leitura, entra em questão o problema da dificuldade com a escrita. Embora na sociedade atual tenha uma maior quantidade de pessoas expressando-se por meio da escrita, o que preocupa é a grande quantidade de alunos com baixo desempenho na aprendizagem e que, muitas vezes, não conseguem estruturar e articular seus próprios textos de forma adequada.

Uma boa escrita exige conhecimento sobre o tema, a escolha adequada ao gênero, das palavras e da estrutura. Depois disso, deve-se escrever, revisar o texto e reescrevê-lo quantas vezes forem necessárias. Essas ações fazem parte do processo de formação de um escritor competente.

No ensino da leitura e da escrita, a literatura é importante na formação pessoal e intelectual do aluno desde as séries iniciais. Apesar de todos os problemas funcionais e estruturais, Kleiman (2004) comenta que é na escola que as crianças aprendem a ler e a escrever. Muitas têm, no ambiente escolar, o primeiro (e, às vezes, o único) contato com a literatura. Assim fica claro que a escola, por ser estruturada com vistas à alfabetização e tendo um caráter formativo, constitui-se num ambiente privilegiado para a formação do leitor e do escritor.

Os problemas relacionados à aprendizagem, em grande parte, são devido à leitura e escrita, o que está geralmente atrelado ao trabalho desenvolvido na escola, por meio de incentivo e motivação para essas atividades. Mais especificamente com relação à leitura, comenta Possenti (2006), que o desenvolvimento de atividades de leitura desperta na criança e no jovem o gosto e o prazer pelo ato de ler e influencia diretamente no aprendizado de outros conceitos e conhecimentos.

A ausência de embasamento do aluno nas questões de leitura, escrita e interpretação e a sua falta de estímulo podem, na maioria das vezes, desfavorecer esses hábitos. Existe uma relação a ser considerada: quem não lê bem, não escreve bem. É por meio da leitura, pois, que se desenvolve o conhecimento, a cultura e se adquire novas experiências, tornando-se um cidadão participativo e ciente dos seus direitos e deveres perante a sociedade.

Por sua vez também é possível estimular o estudante a reconhecer a importância da leitura e da linguagem com que se expressa em seu cotidiano, de acordo com suas próprias convicções, por meio da oralidade e escrita, tornando-o, dessa forma, sujeito crítico e autocrítico, e auxiliando no desenvolvendo do hábito da leitura.

Portanto o procedimento pedagógico é envolver o aluno num processo dinâmico e consciente que lentamente regula a sua relação de indivíduo e de leitor, por meio de sentidos presentes no texto que servirão na construção de saberes e competência do indivíduo como ser social, como afirma Freire (2002):

O leitor utiliza estratégias necessárias para a compreensão de um texto, os níveis de conhecimento ativados pelo leitor no ato da leitura são indicadores de maior habilidade e competência. O texto em si não possui significados, ele apenas fornece pistas para que o leitor construa esses significados partindo do conhecimento e das experiências que já adquiriu ao longo de sua vida. Assim, a compreensão de um texto acontece quando o leitor ativa o conhecimento prévio que possui. Esse conhecimento integra vários outros, como o conhecimento linguístico, o textual e o de mundo (Freire, 2002, p. 38).

Esse processo prepara o estudante para renovar-se constantemente, por meio da curiosidade e do desejo de crescer de forma a ampliar sua visão de mundo e suas expectativas.

A leitura permite a ampliação de conhecimentos e a reflexão sobre o mundo. Para que a leitura seja vantajosa e dinâmica deve-se estar atento ao que está sendo lido, evitando desconcentração e distração. O leitor deve sentir-se fascinado pela leitura e desenvolver uma agilidade apropriada na leitura. Conforme Solé,

Para que uma pessoa possa se envolver em uma atividade de leitura, é necessário que sinta que é capaz de ler, de compreender o texto que tem em mãos, tanto de forma autônoma como contando com a ajuda de outros mais experientes que atuam como suporte e recurso (Solé, 1998, p. 58).

A realização de uma roda de leitura, por exemplo, é uma forma de aprendizagem, uma oportunidade de socialização, pois, como diz Paulo Freire (1989, p.14), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Língua Portuguesa (2017), é preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura, principalmente a ideia de que ensinar os estudantes a lerem e escreverem é simplesmente ensiná-los a decodificar um texto escrito e converter letras em sons. Por conta dessa concepção equivocada, observa-se em parte dos estudantes considerados alfabetizados muitas dificuldades para compreenderem o que leem.

Na roda de leitura há a possibilidade de socialização entre os alunos por meio de uma leitura compartilhada, seguida de uma conversa sobre o texto lido por todos, em que cada um expõe seu ponto de vista. Além da possibilidade de fazer a adequação do uso normativo da Língua Portuguesa, como: concordâncias verbais e nominais, uso do plural e do singular, identificação de figuras de linguagens e seus significados, dentre outros, é necessário compreendermos os conceitos desses pontos, para a comunicação eficaz e para a valorização da diversidade linguística.

Segundo Rildo Cosson (2014), as palavras vêm da sociedade em que vivemos. Em uma sociedade letrada como a nossa, as possibilidades de uso da linguagem são inúmeras. E dentre todas as formas possíveis de linguagem, há uma forma que possui primazia: a escrita. Quase todas as atividades em uma sociedade letrada envolvem o uso da escrita, mas é na literatura que a palavra encontra sua mais excelente função. Isso porque a prática da literatura permite uma exploração das potencialidades da linguagem que não tem paralelo em outra atividade humana. Sendo assim,

A leitura do texto literário é, pois, um acontecimento que provoca reações, estímulos, experiências múltiplas e variadas, dependendo da história de cada indivíduo. Não só a leitura resulta em interações diferentes para cada um, como cada um poderá interagir de modo diferente com a obra em outro momento de leitura do mesmo texto. E é dessa

troca de impressões, de comentários partilhados, que vamos descobrindo muitos outros elementos da obra (Brasil, 2006, p. 67).

A literatura, desse modo, tem importância no âmbito escolar e fornece condições que estimulam o aluno em sua formação, é um fenômeno de criatividade, aprendizagem e prazer, que representa o mundo e a vida por meio das palavras. Segundo Cosson (2021, p. 17), a literatura “é plena de saberes sobre o homem e o mundo”.

Sobre a importância do texto literário, Cosson expressa ainda o que ele considera como função maior da literatura:

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas (Cosson, 2021, p. 17).

Na sociedade em que vivemos a literatura está por todo lado. Ela adaptou-se ou está ao mesmo tempo no livro e no *site*, no filme, na música, no *game*, nos quadrinhos etc. Isto não incide em dizer que um gênero substitui ou supera o outro, mas se complementam já que um remete-se ao outro ampliando seus sentidos.

Por sua vez, cabe ressaltarmos também que o que a gramática normativa consagra como errôneo, geralmente encontra espaço de aceitação no ambiente virtual. Os usos orais da língua que são estigmatizados passam a ter vez no contexto digital. O meio digital possibilita uma interação entre textos permeada por som, imagens, vídeos e acesso a *sites* de pesquisa, proporcionando um ambiente de aprendizagem riquíssimo, atraente e dinâmico.

Com a chegada de novas tecnologias, o acesso ao conhecimento vem difundindo-se de maneira rápida em vários setores da sociedade. Desse modo, o livro digital vem sendo utilizado, cada vez mais, como veículo eletrônico de informações, sobretudo no setor educacional, tornando-se um recurso pedagógico inovador na apresentação dos conteúdos curriculares, em diferentes níveis de ensino. Segundo Paulino,

A relação de interatividade entre leitura e hipertexto, aqui representado pelo livro eletrônico, favorece a aprendizagem baseada em pressupostos cognitivos, sociodiscursivos, uma vez que permite a ação do aluno sobre o conteúdo e possibilita um diálogo, mesmo que virtual com o texto (Paulino, 2009, p. 19).

Entende-se que a escola, por ser um espaço de aprendizagem, deve se atualizar com o mundo digital de maneira que o aluno use e domine as ferramentas disponibilizadas para prática da leitura e escrita. A escola tem, assim, o grande desafio de acompanhar o processo das

mudanças que ocorrem, principalmente na área digital com novas tecnologias. Com todas essas mudanças, os letramentos já trabalhados não são mais suficientes, pois não somente os alunos mudaram, mas também as mídias tecnológicas se ampliaram e, conseqüentemente, criaram variadas formas de conhecimento nesse mundo contemporâneo e globalizado.

O aumento das tecnologias de comunicação e informação tem causado mudanças profundas no modo de organização das sociedades. É evidente sua utilização no entretenimento, trabalho, educação. Na área educacional, muito se tem discutido sobre a literatura e as novas tecnologias.

A Base Nacional Comum Curricular (2017) discorre sobre as práticas literárias no contexto extraescolar, considerando seu papel na vida cotidiana das pessoas. Entre elas estão as práticas digitais, previstas em várias habilidades da BNCC, que se relacionam com a preocupação de promover o aprendizado em sintonia com as possibilidades tecnológicas da vida contemporânea.

As práticas digitais de leitura de textos literários, por sua vez, aproximam os estudantes dos recursos tecnológicos da realidade virtual e os capacitam a compartilhar críticas e impressões com os demais leitores. No que se refere ao potencial digital posto a serviço do ensino literário, a BNCC apresenta diferentes sugestões de exploração das obras ficcionais.

Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir *playlists*, *vlogs*, vídeos-minuto, escrever *fanfics*, produzir *e-zines*, nos tornar um *booktuber*, dentre outras muitas possibilidades (Brasil, 2017).

Vale ressaltar ainda que a BNCC estende a prática e o desenvolvimento da leitura na escola a produções derivadas de obras literárias, como filmes, animações, HQs e paródias. Tais produções, longe de substituir o contato com a complexidade formal e de linguagem dos textos-fonte que lhes deram origem, podem servir principalmente no campo de adaptações dos clássicos, para familiarizar aos poucos o jovem leitor com esse universo de referências.

Embora exista um extenso crescimento tecnológico alusivo aos recursos audiovisuais, todos necessitam ler, porque o conhecimento é produzido por meio da leitura, e para alcançá-lo é imprescindível ler muito e ler bem.

Todavia a leitura de textos literários tem sido, muitas vezes, usada como pretexto para atividades estritamente estruturais de trabalho com a língua. Essas práticas estão presentes em diversas salas de aula, ou seja, lê-se o texto literário simplesmente como suporte para estudar estruturas gramaticais.

Entra aqui, assim, a importância de inter-relacionar a literatura com a Sociolinguística Educacional, especialmente a partir do conceito de variação linguística, como novo paradigma para a educação em Língua Portuguesa, em substituição às práticas tradicionais de aulas de Português, centradas quase exclusivamente na aprendizagem mecânica da nomenclatura tradicional e na prática da análise sintática de frases descontextualizadas, que é algo que ainda se faz presente no contexto escolar, tolhendo o desejo de interpretar o sentido das coisas que nos cercam, para vermos o mundo sob diversas perspectivas, relacionando a ficção à realidade, no contato com os livros.

Diante disso, reiteramos, uma vez mais, que a Sociolinguística Educacional visa ocupar-se não só da diversidade linguística como também relacioná-la a questões educacionais, como Bortoni-Ricardo e Freitas (2009) apontam:

Desde o seu berço a Sociolinguística, tanto na sua vertente variacionista quanto na sua vertente qualitativa, demonstrou preocupação com o desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos étnicos ou redes sociais. Desde então muito tem contribuído para os avanços na pesquisa das questões educacionais em diversos países do mundo, principalmente nas últimas quatro décadas. O objetivo tem sido o de construir novas metodologias que auxiliem professores a desenvolver em seus alunos as habilidades cognitivas necessárias a uma aprendizagem mais ampla (Bortoni-Ricardo; Freitas, 2009, p. 218).

Cabe ressaltarmos aqui, com relação à vertente variacionista, que uma mesma palavra pode tomar vários significados diferentes em um mesmo texto, dependendo de como ela for empregada e de que palavras a acompanham para tornar claro o significado que ela assume naquela situação. Sendo assim, o campo semântico é um conjunto de possibilidades que uma mesma palavra ou conceito tem de ser empregada em diversos contextos.

No presente capítulo, foram discutidos os fundamentos teóricos que forneceram alicerce para a nossa pesquisa. Nossa pesquisa teve início com uma breve contextualização histórica da Sociolinguística, desde os seus primórdios até a sua evolução em direção à Sociolinguística Educacional. Além disso, abordamos questões centrais que permeiam essa área de estudo, incluindo a definição de conceitos fundamentais tais como variação, variedade, variável e variante imbricados com a leitura e escrita na escola e a problemática do preconceito linguístico.

No capítulo seguinte, abordamos aspectos da Literatura de Cordel, com ênfase ao contexto histórico, e a Literatura de Cordel em sala de aula.

3 A LITERATURA DE CORDEL: CONTEXTO HISTÓRICO

O cordel, também conhecido como literatura de folhetos, é uma forma de expressão popular que se originou na Europa. Ele é caracterizado pela sua natureza poética e narrativa, abrangendo diversas manifestações culturais como mitos, lendas, contos tradicionais, aventuras, lutas, viagens, canções de ninar, parlendas, trava-línguas, provérbios, adivinhações e desafios dos cantadores.

De acordo com Andrade (2004), o cordel é uma expressão artística do povo, especialmente de pessoas humildes e com pouca ou nenhuma instrução escolar. Originou-se durante a Idade Média, entre os séculos XI e XII, e se espalhou por toda a Europa. À medida que surgiam línguas nacionais em oposição ao latim utilizado pelas elites, a literatura popular crescia e se desenvolvia.

Ainda segundo Andrade (2004), já por volta do século XII, a literatura popular era produzida por uma variedade de artistas itinerantes, em especial os trovadores, jograis e menestrelis. Esses cantores e poetas percorriam cortes e cidades, trazendo diversão e informação para o povo, a nobreza e os reis. Sua arte combinava poesia, música, mímica e drama, proporcionando entretenimento e conhecimento ao mesmo tempo.

No contexto feudalista¹ fechado da época², as pessoas geralmente viviam restritas às suas terras, com raras exceções como em caso de guerras ou peregrinações a lugares sagrados. Com a ausência dos meios de comunicação como temos hoje, esses poetas itinerantes se tornavam uma janela para o mundo exterior e uma fonte de novos conhecimentos. Por essa razão, eram apreciados e recebidos com grande alegria.

Esses artistas viajantes não só proporcionavam entretenimento, mas também transmitiam histórias, lendas, notícias e valores culturais. Suas apresentações não apenas entretinham o público, mas também instruíam e educavam. Seu papel era fundamental na disseminação de informação e no fortalecimento dos laços sociais entre as diferentes comunidades e regiões.

A história e as denominações curiosas associadas à Literatura de Cordel em Portugal nos remetem a uma época, por volta do século XV, em que os folhetos circulavam de forma

¹ O Feudalismo foi um sistema político, econômico e social que existiu na Europa Ocidental durante o período medieval. Seu auge aconteceu entre os séculos XI e XIII. Silva, Daniel Neves. Feudalismo; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/feudalismo.htm>. Acesso em: 4 dez. 2023.

² Por volta do século XIII. (Andrade, 2004).

peculiar. Esses livretos eram impressos em folhas soltas, pequenas e muitas vezes contendo apenas um poema curto, o que originou a designação de "folhas volantes".

Por sua vez, na Espanha, a partir do século XVIII, a palavra "cordel" (que significa corda, cordão, linha ou barbante) passou a ser associada ao modo como determinados livros – pequenas brochuras impressas em papel barato – eram colocados à venda pendurados em um cordão nos mercados públicos (Santos, 2006).

O que todas essas expressões têm em comum é a transmissão oral, sendo preservadas pela memória dos indivíduos e grupos. Isso ocorre porque essas manifestações artísticas são criadas e transmitidas pelo povo, sem a necessidade de instrução escolar.

Com a invenção da imprensa, por volta de 1450, parte da rica literatura oral encontrou uma nova forma de ser compartilhada: os livretos de papel simples. Esses folhetos, muitas vezes chamados de cordéis, passaram a ser produzidos em larga escala e vendidos a preços acessíveis, sendo amplamente disseminados entre o povo. Essa transição para a escrita e a impressão trouxe consigo maior preservação e a propagação das histórias, poemas e canções populares.

O aparecimento da imprensa permitiu que o cordel ultrapassasse as barreiras geográficas e temporais, alcançando um público mais amplo. Esses folhetos eram distribuídos nas feiras, em praças públicas e em eventos culturais, tornando-se uma forma popular de entretenimento e disseminação de conhecimento. Além disso, a impressão em massa garantia e garante a preservação dessas obras, evitando que se percam ao longo do tempo.

Com a publicação em livretos, o cordel ganhou status de literatura e foi reconhecido como uma forma artística valiosa. Os poetas populares viam e veem suas obras imortalizadas no papel, tornando-se referências dentro da cultura popular. A transmissão oral ainda continuava e continua, mas agora acompanhada pela tangibilidade do cordel impresso, o que conferia uma nova dimensão à literatura popular.

Hoje em dia o cordel continua presente na cultura, especialmente na brasileira, sendo apreciado e valorizado em diferentes regiões do país. A tecnologia digital e a *internet* trouxeram novas possibilidades de disseminação, permitindo a criação de *sites*, *blogs* e redes sociais dedicados ao cordel. Assim, essa forma de expressão popular se renova e se adapta aos tempos modernos, mantendo-se viva e relevante na sociedade contemporânea.

Cabe ressaltar que mesmo com a publicação em formato de folhetos, o cordel continuou e continua a ser transmitido oralmente, mantendo suas características de narrativa viva e interativa. A oralidade permitiu e permite que o cordel seja adaptado por diferentes contadores de histórias, enriquecendo a expressão artística e garantindo sua relevância ao longo do tempo.

É interessante mencionar que, por um determinado período, existiu uma lei que permitia somente aos cegos a venda desses livretos nas feiras e praças públicas. Essa peculiaridade associada à comercialização dos cordéis evidencia a importância e o valor atribuído a essa forma de literatura, mesmo que em um contexto restrito. Esses folhetos, antigamente, segundo registros de autores como Lopes (2004) e Andrade (2005), eram, geralmente, vendidos por cegos, a baixo preço, pendurados ou presos a cordéis, cordão ou corda.

Da mesma forma, no Brasil, a venda dos cordéis também possui suas particularidades. A imagem dos varais com os livretos pendurados nas feiras nordestinas é icônica, transmitindo a atmosfera do mercado popular e da oralidade envolvida na difusão dessas obras. Os cordéis são expostos de maneira acessível e convidativa, permitindo que as pessoas se aproximem e escolham as histórias que desejam adquirir.

Figura 1 - Livretos de Cordel



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Abreu (1999, p. 95) nos diz que “A venda de folhetos geralmente se fazia a partir de leitura oral de trechos dos poemas, a fim de despertar o interesse e atrair a curiosidade do público para continuação da história”. O termo cordel, por sua vez, advém da prática de pendurar minilivros em cordões, fato que motivou e originou o nome Literatura de Cordel (Abreu, 1999).

Ao retratar esses aspectos históricos e contextuais do cordel, podemos perceber como essa expressão artística é enraizada nas tradições populares, nas práticas de transmissão oral e no convívio comunitário. É uma forma de literatura que se mantém viva até os dias atuais, tanto em Portugal quanto no Brasil, e que continua a encantar e envolver leitores de diferentes épocas e lugares. De acordo com Abreu,

Em Portugal, eram chamados cordéis os livros impressos em papel barato, vendidos em feiras, praças e mercados. [...] a literatura de cordel portuguesa [...] abarca autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias... além de poder ser escrita em verso ou sob a forma de peça teatral (Abreu, 1999, p. 21).

Os cordéis portugueses apresentavam uma particularidade em relação aos folhetos brasileiros, pois eram escritos e lidos por indivíduos pertencentes às camadas médias da sociedade, tais como advogados, professores, militares, padres, médicos, funcionários públicos, entre outros. Conforme Abreu,

Por ser uma forma de fácil produção e de baixo custo, tornou-se acessível, e facilmente chegava a todas as classes sociais. O conjunto de textos divulgados sob forma de folhetos vendidos a baixo preço, nos locais públicos das cidades e das vilas, atingiam, portanto, um público amplo e de condição econômica bastante diversa (Abreu, 1999, p.47).

Diferentemente do que ocorria no Brasil, onde os folhetos eram consumidos coletivamente, na tradição portuguesa muitas vezes um indivíduo letrado comprava os cordéis e os lia para um público não letrado.

Essa prática permitia que a Literatura de Cordel portuguesa alcançasse um público mais restrito, muitas vezes limitado às pessoas que tinham acesso à leitura e à educação formal. O cordel era utilizado como uma forma de entretenimento e também como uma maneira de transmitir conhecimentos e valores morais para a população em geral. Dessa forma, mesmo sendo uma tradição comum aos dois países, a Literatura de Cordel assumiu características peculiares no contexto português.

Sem a existência de jornais, televisão, rádio ou internet, os trovadores, jograis e menestréis desempenhavam um papel crucial como comunicadores e contadores de histórias. Eles eram responsáveis por transmitir tradições, disseminar os acontecimentos importantes no reino e levar o conhecimento de outras terras e culturas para um público ávido por novidades.

Conforme Andrade (2004, p. 128),

[...] eram cantadores ou poetas andarilhos que viajavam de corte em corte, de cidade em cidade, divertindo o povo, os nobres e os reis com sua arte, que combinava poesia, música, mímica e drama, e era, ao mesmo tempo, divertimento e informação. Estes artistas eram vistos, pela população, com admiração e respeito e eram sempre bem-vindos e aclamados nos lugares aonde chegavam, pois, sua chegada representava momentos de descontração e alegria.

Aqueles que viajam por longas distâncias têm sempre histórias fascinantes para contar. Os trovadores, jograis e menestréis desempenhavam, assim, um papel central como narradores,

animadores culturais e agentes de comunicação. Com sua incrível memória, eles transmitiam histórias das mais variadas tradições, criando uma rede de conexão entre as diversas culturas da Europa. Eles eram como verdadeiros repórteres, trazendo informações de um lugar para outro, levando notícias e conhecimento para camponeses e senhores feudais que viviam isolados.

3.1 A Literatura de Cordel no Brasil

No contexto brasileiro, é inegável a fusão entre os personagens da cultura europeia, como trovadores, jograis e menestrelis, e os elementos da cultura árabe, representados pelos "medajs"³. Essa fusão se torna especialmente presente na tradição dos violeiros repentistas e poetas populares, os quais preservam e perpetuam características dessas duas culturas em suas performances musicais e composições poéticas.

Quando o cordel foi trazido de Portugal para o Brasil, já no início da colonização portuguesa, passou por várias transformações. A primeira delas está relacionada ao fato de que no Brasil nunca existiram cordéis escritos em prosa, como houve em Portugal. Toda a produção de folhetos brasileiros sempre foi exclusivamente em versos. Essa diferença pode ser explicada pela composição da sociedade sertaneja naquele período, que era em sua maioria formada por pessoas iletradas, que não tinham acesso à escrita e dependiam da memória para guardar as histórias.

Conforme Cristina Antunes (2018, p. 07), “Essa literatura popular em versos é chamada de ‘Literatura de Cordel’, e pode ser definida, de uma maneira simples, como poesia narrativa, popular, impressa em folhetos”, e engloba diversos conceitos que, necessariamente, devem ser detalhados, a fim de que se estabeleça um parâmetro de compreensão das vertentes artístico-literárias que são inerentes ao gênero textual cordel.

Por sua vez, é importante ressaltar que o cordel não se limita apenas à forma narrativa. Ao longo dos anos, ele tem se mostrado versátil e adaptável, abordando diversos temas e estilos. Com a influência de outras correntes poéticas, surgiram cordéis líricos, satíricos e até mesmo políticos, trazendo reflexões sobre questões sociais e contemporâneas.

No Brasil, a Literatura de Cordel se popularizou como uma forma de comunicação acessível a todas as camadas da população. Os cordéis eram e ainda são vendidos nas feiras, onde circula um público diversificado, incluindo pessoas não letradas. A leitura dos folhetos

³ Entre os seguidores do Islã existiam também poetas cantores, os “medajs”, que se apresentavam em praça pública, cantando velhos contos de origem asiática ou ainda celebrando a memória e divulgando os feitos heroicos dos seus guerreiros (Andrade, 2004).

inicialmente era realizada de forma coletiva, em voz alta, contribuindo para a partilha de histórias e conhecimentos. Essa dinâmica coletiva tornou-se uma marca distintiva da Literatura de Cordel brasileira.

Em 2018, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) reconheceu a Literatura de Cordel como parte do "Patrimônio Cultural do Brasil". Esse reconhecimento é uma consequência da política de salvaguarda para o patrimônio cultural imaterial, estabelecida em 2000 pelo Decreto 3.551, que criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI).

A Literatura de Cordel é uma forma de poesia popular muito difundida no Brasil. Por meio dela, os poetas contam histórias de diversos temas, como batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo. Esses textos são escritos em versos e são caracterizados por sua linguagem simples e objetiva, o que os torna acessíveis a todas as camadas da sociedade. Além disso, a Literatura de Cordel também é conhecida pelas famosas disputas entre cantadores, que são verdadeiros duelos poéticos.

O cordel, em sua essência, é a transposição para a forma escrita de poemas, canções, aventuras e epopeias recitados, lidos em voz alta ou cantados por poetas ou violeiros em praças públicas. Esses artistas sempre se posicionam no centro de um grande círculo de ouvintes, que acompanham suas apresentações com considerável atenção e interesse. Leonardo Mota assim os define:

Cantadores são os poetas populares que perambulam pelos sertões, cantando versos próprios e alheios; mormente os que não desdenham ou temem o desafio, pelega intelectual em que, perante o auditório ordinariamente numeroso, são postos em evidência os dotes de improvisação de dois ou mais vates matutos (Mota, 1987, p. 27).

Os primeiros folhetos de cordel chegaram ao Brasil trazidos pelos colonizadores portugueses no final do século XVI ou, no máximo, no século XVII, durante os primeiros estágios de nossa colonização. Juntamente com essa literatura popular impressa importada vieram também artistas e poetas que desenvolveram aqui uma forma de literatura oral, inicialmente seguindo os moldes daquela que era praticada na terra de Camões.

O poeta Abraão Batista narra a contribuição do professor Raymond Cantel na introdução do termo “Literatura de Cordel” no Brasil:

[...] Até os idos de 1960/1970 a expressão “cordel” era desconhecida entre nós. O que chamamos hoje de cordel o povo chamava de folheto (quando de oito páginas) e de romance (quando de 16, 32 ou 40 páginas). Durante o meu tempo de menino e adolescente eu nunca presenciei um vendedor de romances e folhetos fazê-los pendurados em um cordão ou barbante. Espalhava-os numa mesinha ou no chão,

protegidos do vento por pedrinhas por cima. Naquele tempo, Raimundo Cantel, um pesquisador e professor da Sorbonne (Paris) pediu para eu encontrar certos romances. O vendedor disse: “- eu não vendo cordel!” ... Eu aponte para o chão... “e aqueles não são cordéis?” “- Não! São romances, folhetos!” Abraão Bezerra Batista (Juazeiro do Norte, 04/04/1935). Cordelista, xilógrafo, bioquímico, professor universitário aposentado da Universidade Regional do Cariri (URCA). Foi secretário de cultura da cidade de Juazeiro do Norte e, em 1984, fundou o Centro de Cultura Popular Mestre Noza, que abriga a Associação de Artesãos do Padre Cícero, um grande espaço de exposição e comercialização da arte e do artesanato da cidade de Juazeiro do Norte. Continua em plena atividade, escrevendo folhetos e produzindo xilogravuras. Daquele tempo pra cá o nome cordel ficou. É um nome de fantasia, bonito. Há quem jure que cordel tem esse nome porque é vendido pendurado em chão (Batista *apud* Carvalho, 2017, p. 128).

Atualmente, contudo, podemos afirmar que o cordel é uma forma de poesia narrativa que se consolidou no Brasil e é uma expressão cultural importante. Seja como forma de entretenimento, transmissão de conhecimento ou de crítica social, o cordel mantém viva a tradição oral e poética do nosso país. Segundo Andrade,

O cordel é uma forma poética rica, complexa e viva, que exprime uma mentalidade, uma visão de mundo popular. Suas narrativas são histórias criadas mais para o ouvido do que para os olhos, ou seja, sua recepção pelo público pressupõe o canto, a recitação ou a leitura em voz alta, feita por alguém situado no meio de um círculo de ouvintes que acompanham atenta e coletivamente o desenrolar das aventuras (Andrade, 2004, p.135).

Ademais, conforme Marinho e Pinheiro,

[...] no Brasil, cordel é sinônimo de poesia popular em verso. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores fazem parte de diversos tipos de textos em versos denominados literatura de cordel (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 17).

O cordel, em sua essência, é uma forma de expressão que transcende as fronteiras temporais e culturais, unindo pessoas de diferentes gerações e tradições por meio da poesia. O momento de recitar ou ouvir um cordel se torna um verdadeiro espetáculo ritual, no qual o poeta e o público compartilham uma experiência única e coletiva.

3.2 A Literatura de Cordel no contexto nordestino

A escritora Marlyse Meyer (1980), ao relatar algumas características do povo nordestino, nos diz que, nesse contexto, contar e ouvir história fazia do momento prazeroso:

Esse costume proveio de uma longa tradição ibérica, dos romanceros, das histórias de Carlos Magno dos Doze Pares de França e outros grandes livros populares. Originou-se também de contos maravilhosos de ‘varinha de condão’, de bichos

falantes, de bois - sobretudo na região nordestina, onde se desenvolveu o ciclo do gado e, ainda, de histórias do folclore universal e africano - estas trazidas pelos escravos, acostumados à narrativa oral em suas terras de origem. As histórias eram veiculadas por cantadores ambulantes, que iam de fazenda em fazenda, de feira em feira, transmitindo notícias de um lugar para outro, aproximando as pessoas reproduziam histórias, inventando casos, improvisos, repentes, desafios e pelepas entre cantadores. Cantadores de história e cantadores de cantorias sempre estiveram associados ao mundo nordestino, no seu duplo sistema de organização: pastoril, do interior sertanejo - ao qual virá acrescentar-se posteriormente o plantio de algodão -; e agrícola, no mundo fechado da cana-de-açúcar do litoral (Meyer, 1980, p. 7).

Além dos aspectos da cultura europeia presentes no cordel nordestino, também se pode estabelecer uma conexão com a cultura árabe devido aos oito séculos de domínio árabe na Península Ibérica. Com isso, é possível traçar paralelos entre os cantadores medievais e os cantadores repentistas nordestinos, assim como os "medajs". Conforme Andrade e Silva,

Entre os seguidores do Islã existiam também os poetas cantadores, os "medajs", que se apresentavam em praça pública, cantando velhos contos de origem asiática (persas ou hindus) ou ainda celebrando a memória e divulgando os feitos heroicos de seus seguidores. Nesses cantos, os "medajs" se faziam invariavelmente acompanhar de instrumentos musicais como adufes, castanholas, alaúdes e rabecas (Andrade e Silva, 2004, p. 129-130).

Curiosamente, apenas três séculos após a chegada desses folhetos importados e o surgimento de nossos próprios artistas populares, no final do século XIX, os primeiros folhetos de autoria de poetas brasileiros começaram a surgir na região Nordeste do país. O paraibano Leandro Gomes de Barros é considerado pelos pesquisadores Cascudo (1939), Almeida (1976) e Vianna (2014) como o primeiro autor popular a imprimir e vender histórias em versos na forma de folhetos, o que ocorreu por volta de 1890.

O professor, poeta e pesquisador de Literatura de Cordel Josivaldo Constantino dos Santos nos relata como os folhetos de cordel vieram para o Brasil:

A Literatura de Cordel é uma herança europeia do século XVI, principalmente de Portugal e Espanha do período renascentista. Chega ao Brasil no século XVIII e se instala no nordeste brasileiro passando a fazer parte do cotidiano do homem sertanejo que por meio dos versos rimados, características desse gênero literário, passa a narrar e a registrar a sua história, enfim, passa a celebrar a vida em todas as suas nuances (Santos, 2017, p.123).

Desta forma, a Literatura de Cordel faz parte significativa da cultura brasileira, com seus versos rimados encantando as pessoas por meio dos folhetos de cordel. O cordelista Josivaldo Constantino dos Santos, além de nos falar de forma convencional como os versos chegaram ao Brasil, também nos conta, por meio de poesia, como tudo aconteceu:

Pelo século dezesseis,
Época do renascimento,
Surge um gênero literário,
Próprio ao divertimento,
Veio em folheto impresso,
Era a arte do momento.

Em Portugal, os folhetos,
Feitos em rústico papel,
Estavam sempre à venda,
Ao relento, à luz do céu,
E ficavam pendurados,
Em barbante ou cordel.

Por onde passava gente
O cordel estava lá
Nas ruas, em frentes às lojas
No mercado popular
Narrando a vida diária
Era fácil de encontrar.

Duzentos anos depois
Chega ao Brasil o cordel
Expandiu-se no Nordeste
Os folhetos de papel
Pois encontrou terra fértil
No nordestino fiel.

Os portugueses trouxeram
De muito longe, do além-mar
Essa arte do cordel
Que é a arte de rimar
E no Brasil se transformou
Em cultura popular.

Os folhetos são vendidos
Pelos seus próprios autores
Que recitam em alta voz
Suas vidas, suas dores
Ou tocando na viola
Suas mágoas, seus amores.

Seca, política, cangaço
Milagres, encantamento
Heroísmo, traição
Disputa, briga e lamento
Datas, personalidades
Ou qualquer tema do momento.

Tudo o que o poeta pensa
 Sente, ou o que vai fazer
 Ele expressa em seus versos
 Para o povo conhecer
 Ele transforma em rima
 Sua arte de viver.

[...]

A arte da xilogravura
 No cordel está presente
 Ilustrando a poesia
 Tornando-a mais atraente
 Fazendo a obra bonita
 Com um visual diferente.

É talhada na madeira
 A gravura, que beleza
 Depois vai para o papel
 Bela arte, com certeza
 A xilogravura veio
 Lá da cultura chinesa.

Foi também os portugueses
 Que a trouxeram ao Brasil
 E ensinaram aos índios
 E depois se expandiu
 E da cultura do povo
 Ela nunca mais saiu.

Os autores de cordel
 Cordelistas são chamados
 Porém, quando cantam os versos
 De viola, acompanhados
 São chamados repentistas,
 Pois é chamado “repente”
 Quando os versos são cantados.

Estrofe de quatro versos
 Quadra, ela é chamada
 No início, era forte
 Hoje não é mais usada
 Está em outros estilos
 Do cordel foi dispensada (Santos, 2020, p. 83-85).

De acordo com Marco Haurélio,

Fundada sob o signo do fantástico, a poesia popular supriu uma lacuna que a historiografia incipiente não poderia preencher. Quando no fim do século XIX, o

Nordeste assistiu ao ressurgimento - no Brasil, seria mais correto dizer “surgimento” - da poesia popular em sua forma escrita e em grande escala, o caminho já estava preparado. E a voz do poeta popular, ampliada pela coletividade, pôde levar o necessário em termos de literatura a uma população em sua maioria ágrafa (Haurélio, 2019, p. 15-16).

Na região nordeste do Brasil, o cordel ganhou um espaço privilegiado para se desenvolver graças aos costumes e à cultura de uma sociedade rural, onde as tradições orais eram predominantes. O isolamento geográfico dos agricultores, que viviam distantes uns dos outros, favoreceu a importância das feiras livres e das festas tradicionais, que se revestiam de um caráter religioso e se tornaram momentos significativos de encontro e convívio comunitário.

A expressão "Literatura de Cordel" foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, sobretudo em pequenas cidades do interior do Nordeste, em uma aproximação com o que acontecia em terras portuguesas (Marinho; Pinheiro, 2012).

Essa forma de expressão literária disseminou-se, mais enfaticamente, no Nordeste do Brasil, especialmente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Alagoas. Os cordéis eram e ainda são vendidos em feiras, praças públicas e nas mãos de ambulantes, amarrados em uma espécie de corda, daí o nome "cordel". Esses folhetos são enfeitados com xilogravuras, que são ilustrações feitas em madeira, o que torna a publicação ainda mais interessante visualmente.

Figura 2 - Xilogravura



Fonte: J. Borges. (<https://www.cestariasregio.com.br/xilogravura-j-borges-o-plantio-de-girassois/>).

Márcia Abreu (1993, p.4-5) nos mostra, contudo, que a expressão Literatura de Cordel deve ser questionada:

Os autores e consumidores desta produção, no Nordeste, não reconhecem a designação "literatura de cordel": para eles trata-se de "literatura de folhetos" ou apenas "folhetos". "Literatura de cordel" é uma atribuição dos estudiosos a esta produção numa importação do termo português que, lá sim, é empregado popularmente. A partir da década de 70, alguns poetas brasileiros começaram a empregar o termo, talvez influenciados pelo contato com os críticos.

A Literatura de Cordel é muito importante para a preservação e difusão da cultura popular brasileira. Ela retrata a realidade do povo de forma criativa e muitas vezes crítica, abordando questões sociais e políticas. Além disso, os cordelistas contribuem para manter viva a tradição oral, pois muitas de suas histórias são transmitidas de geração em geração, de forma oral, o que garante a continuidade desse rico patrimônio cultural.

Assim como qualquer expressão cultural, a Literatura de Cordel também passou e passa por momentos de abundância e escassez. Atualmente, existem poetas populares espalhados por todo o país, vivendo em diferentes situações e compartilhando experiências distintas. No entanto, no final do século XIX e início do século XX, o cordel desempenhava um papel fundamental na vida dos nordestinos que viviam no campo, dependendo da agricultura, bem como nas cidades, com seus pequenos comércios. De acordo com Oliveira Galvão (2001), “Os primórdios da literatura de cordel encontrada no Brasil estariam, desse modo, relacionados à sua semelhante portuguesa, trazida para o Brasil pelos colonizadores já nos séculos XVI e XVII” (Galvão, 2021, p.29).

No campo, o cordel era uma forma de entretenimento e também de informação. Nas longas horas de trabalho nos campos de plantação, os trabalhadores se reuniam ao redor do poeta que declamava suas histórias, poemas e notícias do mundo. Era uma maneira de se distrair e também de se manter conectado ao que acontecia fora de suas comunidades.

Já nas cidades, o cordel era vendido nas feiras e mercados, chamando a atenção dos transeuntes com suas xilogravuras coloridas e seus versos cativantes. Muitas vezes, era uma das poucas formas de lazer e cultura acessíveis para a população de baixa renda. Além disso, os cordéis também funcionavam e ainda funcionam como meio de disseminação de ideias políticas e sociais, contribuindo para o debate e a conscientização da população.

A virada do século XIX no Brasil trouxe consigo transformações significativas, especialmente para os trabalhadores rurais que viviam em situação de dependência e favorecimento. A crise que afetava diversos setores da sociedade evidenciou a exclusão das

camadas mais pobres da população. Nesse contexto, homens pobres e livres buscavam nas cidades novas oportunidades de sobrevivência. Os primeiros escritores de folhetos, vindos do campo em direção às áreas urbanas, carregavam consigo a esperança por dias melhores e as lembranças de contos e histórias de reinos distantes, príncipes, princesas, heróis e damas em apuros. Além disso, traziam consigo as canções dos violeiros e repentistas que animavam as festas e desafiavam outros cantadores em suas jornadas pelas fazendas.

Ao se estabelecerem nas cidades, esses poetas passaram a registrar todas essas experiências em seus escritos. Além dos contos e cânticos dos violões, eles preservavam em suas memórias os sons dos ritmos afro-brasileiros, como os maracatus, reisados, cocos e emboladas. Essa cultura, influenciada pela mistura de elementos sagrados e profanos, tornou-se uma marca distintiva da Literatura de Cordel em relação a outras formas de produção cultural.

O cordel, assim, tornou-se uma maneira de preservar e compartilhar a riqueza desse universo cultural, proporcionando uma visão única das tradições e vivências do povo brasileiro. Os cordéis traziam e trazem consigo valores, crenças, folclore e histórias que expressam as mais diversas facetas da identidade nacional.

Os folhetos de cordel encontram seu caminho pelas ruas e praças, sendo vendidos por homens que alternam entre declamar os versos e cantá-los em toadas que se assemelham às dos repentistas. Geralmente são nordestinos pobres e semialfabetizados que adentram o mundo dessa escrita, das tipografias e da transmissão do gênero indo além da tradição oral. A poesia popular, antes confinada ao âmbito familiar e a grupos sociais marginalizados, agora ultrapassa fronteiras e ocupa espaços antes exclusivos de escritores e intelectuais do país. Essa história já foi contada pelos próprios poetas e é a partir deles que retomamos o fio dessa narrativa.

Ao abraçarem a escrita e imprimirem seus versos, esses poetas populares ampliam seu alcance e garantem a preservação de suas criações artísticas. A Literatura de Cordel se destaca por sua linguagem acessível e pelos temas abordados, que vão desde histórias fictícias até questões políticas e sociais. Essa escrita popular conquista leitores de todos os cantos do país e ganha visibilidade em um contexto em que as vozes dos menos privilegiados ganham espaço.

A Literatura de Cordel, como já dito, é um importante legado da tradição oral e popular, tendo suas raízes, em terras brasileiras, no Nordeste do Brasil e, posteriormente, espalhando-se por todo o país por meio das migrações. Essa forma de poesia popular segue a tradição oral,

baseada em temas reaproveitados da tradição, com influências do trovadorismo medieval português e das canções de gesta⁴.

Além de preservar temas e histórias antigas, o cordel também reflete a realidade social de seu tempo. Os cordelistas, poetas populares que se apresentam em feiras e praças, são verdadeiros observadores e comentaristas da sociedade, trazendo em suas poesias reflexões sobre as condições sociais, políticas e econômicas. O cordel pode ser entendido como uma forma de "jornal qualificativo verdadeiro", capturando a essência das experiências e percepções do povo.

Assim, ao serem escritos, os cordéis têm a capacidade de se tornarem verdadeiros jornais populares, que contam histórias e noticiam acontecimentos de forma acessível e direta. Por meio de versos simpáticos e rimas cativantes, o cordelista transmite mensagens e críticas que alcançam diversos públicos, do letrado ao iletrado. Dessa forma, eles se tornam um espelho social, retratando a realidade e os sentimentos do povo em determinado momento histórico. Para Haurélio (2013, p.57), "A literatura de cordel abarca os mais variados temas, indo das histórias jocosas aos dramas históricos, passando por folhetos circunstanciais ou "de acontecido", supervalorizados a ponto de o gênero ser chamado de "o jornal do povo".

O cordelista, assim como os menestréis errantes da Idade Média ou os rapsodos gregos, mantém viva a tradição de contar histórias e apresentar poesias em diferentes espaços. Eles são os herdeiros dessa linhagem de artistas que se dedicam a transmitir conhecimento e entretenimento por meio da palavra e da música. Suas apresentações são um verdadeiro espetáculo, envolvendo a plateia e criando a conexão entre o público e o poeta.

É interessante notar que o cordelista, assim como os menestréis medievais e rapsodos gregos dos quais descende possui um caráter errante, percorrendo diferentes lugares e levando suas histórias aos mais diversos públicos. Novamente se ressalta que a tradição oral, que se perpetua ao longo dos anos, é uma forma importante de preservação da cultura e da identidade de um povo.

Nesse contexto, os cordelistas surgiram como verdadeiros contadores de histórias, utilizando-se da magia dos versos rimados para transmitirem suas mensagens e narrativas. Esses poetas populares percorriam vilas e povoados, apresentando suas obras em feiras e festas, capturando a atenção das pessoas com histórias envolventes e divertidas. Os temas abordados eram e são diversos, desde lendas e mitos até questões cotidianas e críticas sociais.

⁴ Uma canção de gesta é um longo poema épico narrativo medieval que celebra os feitos de heróis do passado. (CEIA, Carlos. Canção de gesta no E-Dicionário de Termos Literários.).

Nessas ocasiões, os poetas e cantadores se destacavam, desempenhando funções semelhantes aos jograis e trovadores, e as próprias apresentações eram elementos poderosos para reunir as pessoas. Eles não eram, por exemplo, apenas os protagonistas nos dias de feira, mas também eram convidados especiais dos fazendeiros em eventos como batizados, casamentos, vaquejadas e festas de apartação do gado.

Nessa época, em algumas regiões do Nordeste, onde os avanços tecnológicos ainda não haviam chegado, os poetas desempenhavam um papel crucial. Eles eram considerados a principal conexão com o mundo exterior, já que a falta de meios de comunicação modernos os tornava a única fonte de informações sobre os acontecimentos atuais, como destacado por Andrade (2005).

O formato peculiar do cordel, com folhetos impressos em papel simples e ilustrações singelas, também contribuiu para sua popularidade na região nordestina. A facilidade de acesso e o baixo custo dos folhetos permitiam que eles fossem lidos e compartilhados por pessoas de diferentes camadas da sociedade, fazendo com que as histórias se espalhassem e se tornassem parte integrante do imaginário popular. Por ser uma forma de fácil produção e de baixo custo, tornou-se acessível a todas as classes sociais, como confirma Abreu, “O conjunto de textos divulgados sob forma de folhetos vendidos a baixo preço, nos locais públicos das cidades e das vilas, atingiam, portanto, um público amplo e de condição econômica bastante diversa” (Abreu, 1999, p. 47).

Além disso, o cordel também se reinventou com o avanço das tecnologias. Se antes os versos eram impressos em folhetos e distribuídos nas feiras e mercados, hoje em dia é possível encontrar cordéis sendo compartilhados em *blogs*, *sites* e redes sociais. Esse alcance maior permitiu que o cordel alcançasse novos públicos e se tornasse ainda mais popular.

Com relação aos temas, a literatura soube adaptar-se ao contexto brasileiro. Essas mudanças fizeram com que o cordel se aproximasse ainda mais da realidade do povo nordestino, tornando-se uma forma de expressão cultural autêntica e genuína. As histórias contadas nos folhetos de cordel revelam não apenas as aspirações amorosas e aventureiras do povo, mas também refletem as dinâmicas sociais e as desigualdades presentes na sociedade.

Dessa forma, o cordel não se limita apenas a narrativas tradicionais e românticas, mas é capaz de abarcar toda a diversidade da experiência humana. Seja nas lutas pelos direitos de igualdade, seja nas histórias de superação e resiliência, o cordel revela a força do povo nordestino e sua capacidade de transformar a realidade por meio da arte e da poesia.

Atualmente, o cordel continua sendo apreciado e valorizado no Nordeste. Além de manter viva a tradição literária, ele serve como expressão cultural e identitária do povo nordestino. Muitos cordelistas contemporâneos continuam produzindo suas obras, abordando

temas atuais e reinventando-se para dialogar com as novas gerações, mantendo assim viva essa rica forma de arte.

3.3 A Literatura de Cordel em sala de aula

Quando abordamos a literatura na sala de aula, muitas vezes nossa mente se concentra exclusivamente nos textos canônicos, o que reduz e limita significativamente esse amplo universo literário. Mas não podemos esquecer de que o Brasil, principalmente a região Nordeste, possui uma rica produção literária popular, com obras que oferecem inúmeras oportunidades de investigação e inspiração. Dentre elas, podemos observar a presença de numerosas obras de cordéis.

Cabe ressaltar que há também adaptações de clássicos literários para o cordel. Essa maneira de adaptação possibilita que obras clássicas da literatura sejam reinterpretadas de forma acessível e cativante para o público que aprecia o cordel, ao mesmo tempo em que mantém a tradição desta arte popular viva.

Por meio da Literatura de Cordel, podemos explorar variados caminhos de aprendizagem e enriquecer a vivência educacional com novas perspectivas sobre a compreensão e interpretação da realidade. Conforme Marinho,

Encontramos na literatura de cordel uma variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados, relatos históricos, imaginários e tantas coisas mais. Essa riqueza de abordagens, com ideologias diversas, pode ser aproveitada para instigar debates, discussões em sala de aula (Marinho, 2012, p. 129).

Conforme já vimos, a Literatura de Cordel abrange uma ampla gama de temas. Essa variedade de tópicos diferentes pode ser usada como uma ferramenta para estimular debates em sala de aula.

Cosson (2021) evidencia a importância de reconquistar o valor da literatura no ensino, tornando o ensino de literatura relevante para os dias atuais. Para tal propósito, é fundamental resgatar o significado das práticas do passado, apresentando por meio da leitura de obras literárias que a literatura pode exercer um papel fundamental na sala de aula quando ensinada de forma adequada.

Em vista disso, é essencial introduzir a Literatura de Cordel na escola, permitindo-nos ouvir e ler experiências outras, que advêm de contextos geralmente extraídos da realidade. De acordo com Alves,

Se a literatura de cordel traz uma vivência peculiar de determinados grupos sociais, se traz questões humanas que interessam não apenas ao grupo a que esteve ligado em seu nascedouro, certamente ela poderá ter um significado para outros leitores, uma vez que apresenta uma experiência humana de pessoas simples, mas nem por isso desprovidas de vivências interiores, de percepção muitas vezes aguda sobre a condição humana, sobre determinadas instituições ou sobre fenômenos da natureza (Alves, 2013, p. 38).

Ademais, é necessário lembrar da importância de oferecer aos alunos uma variedade de textos literários ao longo de seu processo de aprendizagem, já que por meio dos gêneros literários podemos promover o respeito pela diversidade linguística e diminuir o preconceito linguístico.

De acordo com Haurélio (2013), a Literatura de Cordel abraça vários temas, que vão desde narrativas engraçadas até dramas históricos, incluindo os folhetos circunstanciais ou de acontecimentos. Esses folhetos recebem, especialmente em contexto nordestino, como vimos, grande reconhecimento sendo chamados de o “jornal do povo”. Ainda com relação aos temas, alguns estudiosos, como Mota (1921), Cascudo (1979), Araújo (1982) e Lessa (1973), tentaram qualificar e classificar os principais temas abordados nesse gênero, todavia tais tentativas foram insuficientes.

Conforme já apresentamos, a Literatura de Cordel é uma expressão da cultura popular. Sendo assim, precisamos reavaliar nossa compreensão da cultura popular, suas tradições, valores e costumes, a fim de superarmos os estigmas frequentemente associados a essas manifestações, especialmente em relação aos cordéis. Precisamos refletir também se a Literatura de Cordel está sendo trabalhada de uma forma interessante e adequada no contexto escolar. De acordo com Marinho,

A Literatura de Cordel ou folhetos deve ter um espaço na escola, nos níveis fundamental e médio, levando em conta as especificidades desse tipo de produção artística. Considerá-la apenas como uma ferramenta que pode contribuir com a assimilação de conteúdos disseminados nas mais variadas disciplinas (história, geografia, matemática, língua portuguesa) não nos parece uma atitude que contribua para a construção de uma significativa experiência de leitura de folhetos (Marinho, 2012, p. 11-12).

Não basta somente incluir a Literatura de Cordel no âmbito escolar. É necessário ter uma proposta pedagógica que vá ao encontro das necessidades leitoras e escritoras dos alunos, realizando-se uma abordagem metodológica criativa e produtiva.

Marinho (2012) afirma que todo leitor ou ouvinte da Literatura de Cordel aprendeu a apreciar este gênero a partir dos textos emocionantes de aventuras, de brincadeiras, da folia da

bicharada, de abordagens bem-humoradas de diferentes temas, peijas, amor e proezas, sendo tocado pela fantasia das narrativas e não somente pelo teor informativo.

Para uma representação diversificada no contexto metodológico na sala de aula, cabe levarmos em consideração as palavras do cordelista Manoel Monteiro da Silva, que apresenta o que ele entende por “Novo Cordel” em carta a Haurélio (2013), datada de junho de 2006:

O Cordel vem reflorescendo com todo ímpeto, pronto para fazer-se notar e influir novamente na formação cultural de nosso povo. Isto porque hoje Cordel é coisa de escola. Muitos professores estão utilizando o NOVO CORDEL como ferramenta auxiliar e os resultados são auspiciosos. Como é dada essa ascensão e que NOVO CORDEL é este de que falo? É o seguinte: poetas antigos e poetas novos cada dia se apresentam mais bem informados e disto advém um texto atual na língua e na forma. Lógico, como a língua, ferramenta de quem escreve, é dinâmica, porque é viva, o Cordel de hoje, moderno e atual, conta, ou reconta, histórias com as palavras que andam na boca do povo (Silva, 2006 *apud* Haurélio, 2013, p. 101-102).

Destacamos aqui que a poesia por ser escrita em versos sempre teve seu encanto, e o cordel, gênero escolhido para a realização de nossa sequência didática, ainda que escrito ou declamado, geralmente, em linguagem informal ou de menor prestígio no meio acadêmico, trata-se de um gênero poético recitado em rimas. Sugerimos que pode ser incluído no planejamento didático das aulas, sendo relevante no processo de letramento do aluno, podendo-se estabelecer uma relação entre o educador, o educando e a realidade do lugar. Conforme Alves,

O cordel em sala de aula proporciona muitos diálogos essenciais para a formação dos alunos. Enquanto narrativa próxima ao popular pode-se discutir a relação entre as diferentes formas de narrar e até mesmo denunciar realidades “quase invisíveis”. Diante disso é possível dialogar com o popular, o de rua, o da praça pública, uma vez que, encontra-se aí um outro olhar sobre o outro, um olhar não estatizado (Alves, 2016, p. 13).

A Literatura de Cordel é um tipo de poema popular escrito com métricas em forma de rimas, formado por estrofes que se apresentam como um conjunto de versos, sendo que alguns deles são ilustrados com xilogravuras⁵. As estrofes mais usadas são as sextilhas (seis versos), septilhas (sete versos), oitava com oito versos e a décima é composta por dez versos usadas por poetas experientes. Seus folhetos com inúmeros temas expressivos tendem à composição poética atravessando o tempo e formando gerações de leitores. A Literatura de Cordel

⁵ A Xilogravura é a técnica de gravura na qual se utiliza a madeira para reproduzir a imagem gravada sobre o papel. Entalha-se o desenho na madeira, usando-se uma goiva, formão, faca ou buril, deixando em relevo os traços da obra. Essa técnica foi trazida pelos portugueses para o Brasil e muito desenvolvida pela Literatura de Cordel. Disponível em: <https://pap.pb.gov.br/artesaosparaibanos/cordel-e-xilogravura>. Acesso em 12 abr. 2024.

apresenta-se de forma oral e impressa em folhetins geralmente pendurados em cordas ou cordéis.

A maioria dos alunos desconhece a Literatura de Cordel, muitas vezes devido à falta de divulgação ou por parte mesmo do professor que desconhece esse gênero literário. Apesar de tanta riqueza literária, o cordel é pouco conhecido nas escolas, poucos alunos sabem o que é, ou, muitas vezes, nem se ouviu falar sobre a Literatura de Cordel em sala de aula. Isso acontece pelo fato de não estar presente nos planejamentos de ensino como um procedimento metodológico para se trabalhar leitura e escrita de forma mais criativa e, até mesmo, prazerosa.

A utilização da Literatura de Cordel como parte do dia a dia leva o aluno a construir conteúdos sob forma de rimas simples e vão sendo construídos versos capazes de traduzir o sentimento do aluno nas histórias contadas. Assim, enxergamos no cordel uma importante contribuição para o processo de ensino-aprendizagem, pois ao utilizar diversos recursos didáticos, como ler histórias juntos e representá-las por meio da oralidade, leitura e escrita de textos, desenhos, ilustrações, dramatização, músicas, o aluno aproxima-se da leitura de forma prazerosa.

Ao trabalhar a leitura em sala de aula devemos fazer com que o aluno desperte o interesse de conhecer novas histórias, novas ideias e construir seu próprio conhecimento, sentir-se parte do momento, com isso se está colaborando para o crescimento e formação de um aluno crítico. Quando a leitura é atrativa, inovadora, ousada, os alunos passam a tomar gosto por ela tornando-se, assim, cidadãos preparados, cultos e conhecedores de sua cultura.

Cabe ressaltarmos ainda que a Literatura de Cordel é uma expressão artística preponderante na constituição da identidade nordestina. Atualmente podemos observar que há uma cultura em voga para transformar a Literatura de Cordel em material de apoio ao invés de um bem cultural a ser explorado, estudado como arte, como literatura.

Conforme Pinheiro (2011), mesmo aparecendo timidamente nos livros didáticos não significa que esteja ocorrendo uma abertura no espaço escolar para o cordel. Ao contrário, é preciso atentar a esta prática para que esse bem cultural não possa ser usado apenas para realizar atividades programáticas. Logo, conforme Pinheiro,

A literatura de cordel deve sim compor o elenco dos mais diversos gêneros/textos que circulam na escola. Mas como arte, como literatura, como criação estética de valor, abordando as mais diversas situações e enredos, jamais subordinada à transmissão de conteúdos escolares. [...] Literatura de cordel é arte e como tal deve ser levada à escola e apreciada pelos jovens leitores (Pinheiro, 2011, p. 191).

Compreendemos que no cordel temos uma literatura diferenciada, que possui rima, diversão, história em forma de poesia, sendo que há muitos poetas em destaque. Ao estudar essa literatura nas aulas de Língua Portuguesa pode-se acrescentar ao trabalho da linguagem poética do cordel expressões típicas regionalistas. Trabalhar o gênero cordel para demonstrar a cultura de um determinado povo ou região traz o contexto de pluralidade cultural e linguística presente nos temas transversais que ampliam os aspectos voltados para os códigos linguísticos e literários no estudo do saber tradicional.

Ayala lembra que

Quando se estuda a cultura popular ou a literatura popular (oral ou escrita), a meu ver, se nos preocuparmos apenas com os objetos culturais (textos literários, adereços, instrumentos, objetos utilitários, por exemplo), deixando em segundo plano as pessoas, seus modos de vida e o sentido que tem para elas o universo cultural do qual participam, poderemos deixar de perceber os contrastes, as relações, as diferentes temporalidades que mantêm essa cultura viva e presente. Afinal, é sempre um fazer dentro da vida, como o trabalho, a festa (Ayala, 2003, p. 106-107).

Ainda em relação ao cordel, como já dito, há uma exaltação da fala do nordestino, e dependerá de qual nordestino está sendo representado na prática comunicativa e, posteriormente, na escrita por meio do cordel.

Por sua vez, a importância de se trabalhar a Literatura de Cordel no ensino é porque ela continua viva e presente nos dias de hoje, adaptando-se aos desafios e transformações do mundo contemporâneo. Novos temas emergem, influências e estilos variados se misturam, mantendo essa tradição poética em constante evolução.

Linhares (2009) afirma que a Literatura de Cordel continua como um expressivo meio de comunicação, enquanto expressão cultural permanece adaptada, reinventada, no desempenho de suas funções sociais. Informar, formar, divertir, socializar ou poetizar, conforme os diferentes temas que retrata e o enfoque abordado.

Além disso, o cordel também se preocupa em abordar temas contemporâneos, trazendo reflexões sobre questões políticas, sociais e econômicas. Essa capacidade de adaptar-se aos novos tempos e dialogar com as demandas da sociedade fez com que o cordel se mantivesse relevante ao longo dos anos, resistindo às transformações culturais e tecnológicas.

A mistura entre fatos históricos e elementos ficcionais é uma característica marcante do cordel. Os poetas populares utilizam a liberdade poética para recriarem os eventos e personagens históricos, adicionando elementos imaginativos e fantásticos. Dessa forma, o

cordel vai além do registro puramente histórico e se torna uma forma de mitologia popular, recontando e reimaginando a trajetória dos grandes protagonistas da história brasileira.

Essa capacidade de mesclar realidade e fantasia é uma das razões pela qual o cordel continua sendo uma forma de expressão tão cativante. Ao se utilizar de figuras históricas como personagens centrais, o cordel traz um elemento de identificação e engajamento por parte do leitor, que se vê imerso em um mundo de aventuras e magia.

Nesse sentido, Haurélio (2010, p. 102) relata que “Os temas do Cordel são os mais variados, até porque os seus autores retratam aquilo que veem, sentem ou imaginam. Descrevendo o cotidiano, ou registrando um velho conto, cuja origem se perdeu na noite dos tempos”.

No entanto, é importante ressaltar que o cordel não busca substituir a história oficial, mas sim criar uma narrativa paralela e complementar. A fantasia presente nos folhetos de cordel não pretende mascarar os fatos, mas sim oferecer uma interpretação poética e subjetiva dos eventos históricos, provocando reflexões e emocionando no público leitor.

Nesse banquete poético, as emoções são compartilhadas e os sonhos são vivenciados em conjunto. O cordel proporciona um espaço para que os desejos mais profundos e os anseios da comunidade sejam expressos e celebrados. Por meio das palavras e melodias entoadas, as cordas do coração do público são tocadas, conectando-os uns aos outros e reforçando os laços da vida em sociedade.

É nesse momento mágico que as barreiras do tempo e das culturas se dissolvem, criando um grande cordão humano que une pessoas de diferentes origens e experiências. O cordel então se torna um elo entre gerações passadas, presentes e futuras, preservando e transmitindo a memória coletiva de um povo. É uma tradição que perdura ao longo do tempo, mantendo viva a essência da comunidade e fortalecendo os vínculos entre as pessoas.

Diante do exposto, podemos perceber, neste capítulo, a importância da Literatura de Cordel também em sala de aula, na formação leitora e escritora dos estudantes, já que esses cordéis possibilitam utilizar uma metodologia que favoreça um conhecimento da cultura popular. Além do que, essa prática possibilita fazer relação entre outros textos. Marinho (2013) destaca ainda que procedimentos metodológicos com o cordel enriquecem o diálogo com a cultura de que ele provém e propiciam uma troca de conhecimento entre professores e alunos envolvidos no processo.

A seguir, faremos a exposição sobre os procedimentos metodológicos e análise dos resultados obtidos por meio desta pesquisa.

4. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo descrevemos a metodologia adotada que conduziu este estudo, apresentamos os detalhes do processo prático de pesquisa e mostramos a análise dos resultados obtidos. Isso nos permitiu refletir sobre o papel da Sociolinguística Educacional e da Literatura de Cordel no aprimoramento do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

É importante ressaltar que a pesquisa proposta passou por uma avaliação inicial no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT- e consta, na Plataforma Brasil, sob o número CAAE: 68450823.9.0000.5166. Após análise, recebeu a aprovação sob o número de parecer: 6.130.762.

4.1 Procedimentos metodológicos

A pesquisa em questão teve como aporte teórico a abordagem da Sociolinguística Educacional, de acordo com Bortoni-Ricardo (2014, 2005), juntamente com outros estudiosos dessa área do conhecimento. A Sociolinguística Educacional em nosso estudo contribuiu como uma ferramenta pedagógica, a qual, por meio da Literatura de Cordel, teve o intuito de valorizar a diversidade linguística e promover uma educação inclusiva por meio da escrita e leitura. Além disso, foram considerados os pressupostos teóricos e metodológicos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), especialmente em relação ao desenvolvimento de uma sequência didática. Segundo esses autores,

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente; sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos; e sobre gêneros públicos e não privados (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 97).

A sequência didática é uma abordagem que visa fornecer um roteiro estruturado para o ensino e aprendizagem de determinado gênero promovendo uma sequência de atividades que são planejadas e organizadas de forma a facilitar o desenvolvimento do conhecimento pelos alunos. Ela envolve etapas como a introdução do tema, a avaliação inicial, a realização de atividades práticas, a sistematização dos conhecimentos adquiridos e a avaliação dos resultados por meio da produção final. A partir desse enfoque teórico-metodológico, aplicou-se essa abordagem pedagógica para explorar a Literatura de Cordel, valorizando as diferentes formas de linguagem presentes nesse gênero literário e promovendo uma educação inclusiva.

Assim, ao trabalhar a Literatura de Cordel como recurso pedagógico, aprimorou-se a capacidade criativa do aluno, despertando o interesse pela leitura literária a partir do contato com os folhetos de cordel. Isso o fez perceber as conexões, as diferenças temáticas e poéticas, as variações semântico-lexicais e diatópicas, bem como o levou a uma reflexão sobre o conteúdo, possibilitando a desconstrução dos preconceitos linguísticos e sociais, destacando-se a importância do principal aporte teórico desta pesquisa, que foi a Sociolinguística Educacional.

O projeto de intervenção pedagógica foi fundamentado nos princípios da pesquisa-ação, uma abordagem qualitativa que busca combinar pesquisa e ação prática. Essa pesquisa segue os conceitos que caracterizam a pesquisa-ação, na qual os participantes são considerados como atores sociais, conforme proposto por Thiollent (1986).

Thiollent (2011) a destaca como metodologia de pesquisa, isto é,

O método de pesquisa-ação consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes, por intermédio de grupos em que se encontram reunidos pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores e parceiros interessados na resolução dos problemas levantados ou, pelo menos, no avanço a ser dado para que sejam formuladas adequadas respostas sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas. No processo de pesquisa-ação estão entrelaçados objetivos de ação e objetivos de conhecimentos que remetem a quadros de referências teóricas, com base nos quais são estruturados os conceitos, as linhas de interpretação e as informações colhidas durante a investigação (Thiollent, 2011, p. 07-08).

A pesquisa-ação, como já dito, é um método que envolve o conhecimento teórico e a prática, ou seja, um procedimento que permite relacionar o que se sabe com o que se faz, sendo assim um método que busca unir teoria e prática. De acordo com Thiollent,

A pesquisa-ação se apresenta como método de pesquisa inserida em práticas ou ações sociais educacionais, técnicas, estéticas etc. Ao longo dos anos, ela tem sido enriquecida nas encruzilhadas de várias tendências filosóficas. Hoje, ela pode se distanciar tanto do objetivismo quanto do subjetivismo, encontrando certa afinidade com o construtivismo social (Thiollent, 2011, p. 10).

Ela é uma abordagem metodológica que combina pesquisa e ação prática, envolvendo o pesquisador como agente de mudança dentro de um determinado contexto. Nesse sentido, o autor continua a nos dizer que a pesquisa-ação busca investigar problemas e desafios práticos, com o objetivo de propor soluções e promover mudanças efetivas:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2011, p. 20).

Dentro desse contexto, a pesquisa-ação pautada em Thiollent refere-se à utilização dos princípios e propostas metodológicas pautadas por esse estudioso, que é uma renomada referência na área. Thiollent apresenta uma série de etapas e procedimentos para a realização da pesquisa-ação, visando uma investigação participativa, com a participação dos atores envolvidos no processo.

Dessa maneira, o processo de pesquisa-ação de Thiollent envolve etapas como a identificação e definição do problema, análise da situação, planejamento e implementação das ações, avaliação dos resultados e reflexão sobre os processos e aprendizados obtidos. Essa abordagem coloca em destaque a participação ativa dos sujeitos envolvidos no processo de pesquisa, visando a transformação e melhoria das práticas e contextos estudados.

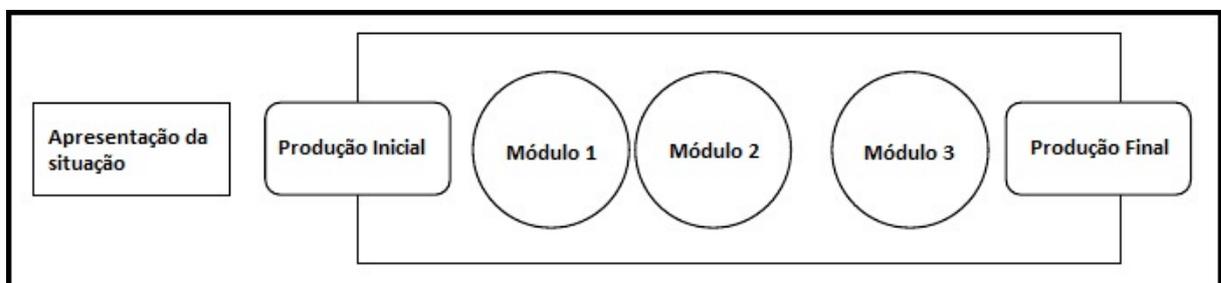
A pesquisa-ação pautada em Thiollent é frequentemente aplicada em campos como educação, saúde, desenvolvimento comunitário e gestão organizacional, permitindo uma abordagem mais participativa e colaborativa na resolução de problemas complexos.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa foi conduzida em ambiente escolar, com a participação de alunos do Ensino Fundamental, por isso consideramos que essa metodologia é a mais adequada e coesa.

Ademais, o estudo adotou a sequência didática (SD), amparada nos pressupostos teóricos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), e foi desenvolvida na disciplina de Língua Portuguesa com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Rui Barbosa em Alta Floresta - MT.

A estrutura de base de uma SD pode ser representada pelo seguinte esquema:

Figura 3 - Esquema de Sequência Didática



Fonte: (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2014, p. 98).

No esquema acima, observam-se as seguintes etapas:

- **Apresentação da situação** - Durante a apresentação inicial da Sequência Didática, os alunos são informados sobre o gênero textual que será explorado e também recebem as diretrizes do projeto de classe, que irão guiar desde a produção inicial até a produção final dos estudantes. Essa abordagem tem como objetivo principal motivar os alunos e estimulá-los a desenvolverem as habilidades e técnicas necessárias para alcançarem os objetivos propostos.
- **Produção inicial** - A etapa da produção inicial possui um papel fundamental: diagnosticar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero textual que será explorado. Essa atividade tem como objetivo principal identificar o nível de familiaridade dos estudantes com o gênero em questão e também avaliar quais são suas competências e habilidades iniciais relacionadas a esse tipo de texto. Por meio da produção inicial, os alunos têm a oportunidade de expressar suas ideias, opiniões e conhecimentos sobre o gênero textual proposto. Essa atividade pode ser realizada por meio da produção de um texto, de uma discussão em grupo ou de outras formas, de acordo com as orientações fornecidas pelo professor.
- **Módulos** - Os módulos são estrategicamente organizados de acordo com as características do gênero textual em foco. Eles são divididos de maneira a possibilitar a capacitação progressiva do aluno na utilização desse gênero específico. Cada módulo aborda diferentes aspectos do gênero, como estrutura, recursos linguísticos, características textuais e contextos de uso. Essa divisão permite uma abordagem gradual e cuidadosa, fornecendo aos alunos as ferramentas e conhecimentos necessários para dominar o gênero ao longo do processo de aprendizagem. Dentro de cada módulo são oferecidas atividades práticas e teóricas que visam aprimorar as habilidades dos alunos, dentre elas a leitura e a escrita. Eles têm a oportunidade de praticar a produção do gênero, explorar exemplos e contrapontos, analisar textos de referência e realizar atividades de compreensão e interpretação. Ao avançar pelos módulos, os alunos vão adquirindo um conhecimento mais profundo e completo sobre o gênero textual em questão. Eles se tornam mais aptos a utilizarem o gênero de maneira adequada, compreendendo suas nuances e aplicando as técnicas aprendidas de forma eficaz.

- **Produção final** - A produção final desempenha um papel fundamental na avaliação da evolução do aluno e na efetividade do processo de ensino/aprendizagem. Essa etapa permite observar o progresso individual de cada estudante ao longo do percurso, além de proporcionar uma avaliação do resultado final da aprendizagem. A produção final é o momento em que os alunos colocam em prática todos os conhecimentos adquiridos durante os módulos de Aprendizagem. Eles têm a oportunidade de aplicar as habilidades desenvolvidas, explorando o gênero textual proposto de maneira autônoma e criativa.

Para Dolz e Schneuwly (2004), a justificativa para a escolha dos gêneros textuais como objeto de ensino parte da possibilidade de estabilizar os elementos formais e os rituais das práticas, oportunizando aos alunos uma análise das condições sociais efetivas à reprodução e recepção de textos pertencentes tanto à esfera cotidiana, quanto à esfera literária.

Por meio da produção, conforme os autores, o desenvolvimento de uma sequência didática esquematiza melhor as dimensões comunicativas e se manifesta como lugar de aprendizagem necessária das dimensões problemáticas. Assim, a sequência deve começar pela definição do que é preciso trabalhar a fim de desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos que, apropriando-se dos instrumentos de linguagem próprios ao gênero, ficam mais preparados para realizarem a produção final.

Em nossa pesquisa, trabalhamos com uma sequência didática que os autores definiram como

[...] um conjunto de atividades pedagógicas organizadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual. Estas têm o objetivo de dar acesso aos alunos a práticas de linguagens tipificadas, ou seja, de ajudá-los a dominar os diversos gêneros textuais que permeiam nossa vida em sociedade, preparando-os para saberem usar a língua nas mais variadas situações sociais, oferecendo-lhes instrumentos eficazes para melhorar suas capacidades de ler e escrever (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 180).

No que se refere às orientações da sequência didática, conforme já dito, utilizamos como base Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Para tanto, a metodologia para elaborar as aulas com o intuito de coletar os dados para análise foi pautada no procedimento chamado Sequência Didática, que consiste na sequenciação de atividades de leitura e de escrita que contribuem para os propósitos das aulas. Assim, a nossa Sequência Didática iniciou com a apresentação da situação por meio de eslaides e, na sequência, os alunos escreveram a produção inicial, em seguida aconteceram os módulos, depois foi realizada a produção textual final e a criação de

um cordel digital como produto final. A seguir, apresentamos a sequência didática que foi elaborada e desenvolvida com os alunos do 9º ano da Escola Estadual Rui Barbosa em Alta Floresta - MT.

Projeto: Sequência Didática com os alunos do 9º ano

Turma: 9º ano C

Disciplina: Língua Portuguesa

Tempo de execução da sequência didática: 38 horas - aula

Objetivo da sequência didática

Utilizar a Literatura de Cordel como recurso pedagógico para valorizar a diversidade linguística, combater o preconceito linguístico e desenvolver as habilidades leitora e escritora dos alunos.

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular, 2018 (BNCC) a serem desenvolvidas

EF69LP55: Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

A habilidade EF69LP44 consiste em: Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

A habilidade EF69LP49 consiste em: Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF12LP05) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.

(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, *softwares* etc.) nos processos de criação artística.

(EF15LP05) Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.

Apresentação da situação

Objetivos específicos

- Apresentar a proposta do projeto e estimular a participação dos alunos.
- Identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre os níveis semântico e lexical, variação linguística e oralidade, para que possam ser explorados e desenvolvidos ao longo do projeto.
- Incentivar a participação oral dos alunos durante a abordagem dos temas, promovendo o diálogo e a socialização de ideias.
- Motivar os alunos a produzirem o primeiro cordel, utilizando sua criatividade e conhecimentos prévios.

Materiais necessários

- Projetor
- Computador com acesso à internet
- Cópias de cordéis

Duração: 1 hora-aula.

Atividades

Será realizada inicialmente uma abordagem sobre os níveis semântico e lexical, a variação linguística e a oralidade por meio do gênero cordel, utilizando-se eslaides ilustrativos e informativos, com o propósito de averiguar o conhecimento prévio dos alunos sobre esses assuntos, e assim explorar e incentivar a participação deles oralmente.

Após a apresentação do projeto será exibido o vídeo "Valores", que se encontra disponível no *site YouTube*, no *link* <https://www.youtube.com/watch?v=4viSb0zmk7Q>. O vídeo possui duração de 1 minuto e 52 segundos. Nesse cordel, o escritor, poeta e

cordelista nordestino, Bráulio Bessa, aborda sobre a importância da solidariedade e da empatia, lembrando que é preciso olhar para o outro e ajudar sempre que possível.

Além disso, será apresentado o vídeo "Eu nasci no interior", que se encontra disponível no *link* <https://globoplay.globo.com/v/7057735/>. O vídeo possui duração de 2 minutos e 42 segundos. Neste cordel, Bessa abriu o coração para falar sobre sua essência e enaltecer a cultura do povo nordestino, assim como resgatar e valorizar a força dessa gente tão guerreira. Após a apresentação dos vídeos, incitaremos a uma reflexão acerca do conteúdo por meio de uma conversa informal que nos permita fazer uma sondagem sobre o conhecimento prévio que os alunos possuem do assunto.

Produção inicial

Objetivos específicos

- Produzir o primeiro cordel a partir do conhecimento prévio dos alunos.
- Estimular a expressão escrita dos alunos, permitindo que eles coloquem em prática seus conhecimentos e ideias sobre o tema.
- Proporcionar um ambiente colaborativo e de compartilhamento de experiências, nos quais os alunos possam socializar suas produções com a turma.

Materiais necessários

- Papel, caneta e lápis.

Duração: 1 hora-aula.

Atividades

Depois de realizar o debate sobre os eslaides e vídeos apresentados, será proposta aos alunos uma tarefa de expressão escrita, na qual eles irão elaborar o texto inicial no formato de Literatura de Cordel com o objetivo de diagnosticar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero, e, assim, revelarem para si mesmos e para a professora as compreensões que têm do gênero e da produção escrita. Ao final da aula, faremos um círculo em que todos terão oportunidade de compartilhar seus escritos.

Módulo 1: Apresentação do gênero cordel

Objetivo específico

- Compreender a estrutura e as características do gênero Literário Cordel, reconhecendo a importância cultural desse tipo de produção textual para a literatura brasileira e para a Sociolinguística Educacional.

Materiais necessários

- Projetor, papel, lápis e folhetos de cordel.

Duração: 2 horas-aula.

Atividades

1. Apresentação do gênero Literário Cordel em forma de eslaides que conterà vídeos e imagens explicando o que é o gênero cordel e suas características. Em seguida, serão expostos alguns cordéis para que os alunos os visualizem e se familiarizem com o estilo de escrita.
2. Apresentação da estrutura básica do cordel, mostrando que ele é composto por estrofes de seis ou sete versos e que apresenta uma métrica rígida, rimas e uma temática popular. Após essa apresentação, será proposto o “jogo de rimas”, em que os alunos devem rimar palavras. Os alunos serão divididos em grupos para criarem uma lista de palavras que rimem com outras palavras escritas previamente. Esse jogo tem o intuito de estimular a criatividade de produzir rimas de forma criativa.
3. Serão distribuídos alguns folhetos de cordel para que os alunos analisem e compreendam a estrutura e as características do gênero. Promoveremos uma reflexão sobre a importância do gênero literário cordel para a cultura brasileira, suas características, dentre elas o uso da variação linguística, em especial no contexto nordestino, e as contribuições que ele traz para a literatura e para a Sociolinguística Educacional.

Módulo 2: Pesquisa realizada pelos alunos sobre o gênero textual cordel

Objetivos específicos

- Compreender a origem e características do gênero cordel.
- Identificar a importância do cordel para a cultura popular brasileira e para a variação linguística.
- Analisar um poema de cordel e identificar suas principais características.

Materiais necessários

- Computador com acesso à internet.
- *Sites* especializados em Literatura de Cordel e em variação linguística.
- Textos informativos sobre o gênero cordel e sobre variação linguística.
- Poemas de cordel para análise.

Duração: 3 horas-aula.

Atividades

Será proposta uma pesquisa no *Chromebook*. A turma será dividida em quatro grupos, sendo que cada um será responsável por pesquisar e apresentar aos colegas uma temática específica. Em seguida, cada grupo deverá expor a sua pesquisa em um mural na sala de aula.

Grupo 1 - Histórico da Literatura de Cordel.

Grupo 2 - Características poéticas, literárias, sociolinguísticas e da oralidade da Literatura de Cordel.

Grupo 3 - Autores brasileiros, incluindo os nordestinos ou de outras regiões do país, suas biografias e obras: 1. Título e autor da obra. 2. Narre a história para os seus colegas, sem expor o final. 3. Qual o tema do cordel lido? 4. Onde e quando se passa a história? 5. Quais são as personagens do texto e suas características? 6. O que mais chamou sua atenção nesse texto? 7. Apresenta descrições dos personagens em cena e monólogos com queixas, súplicas, rogos e preces por parte do(s) protagonista(s)? 8. Tem como ponto central uma problemática a ser resolvida por meio de inteligência e astúcia para atingir um objetivo? 9. Retrata um tema de relevância social? 10. Apresenta variações linguísticas? Se sim, quais?

Grupo 4 – Pesquisar sobre Xilogravura (isogravura).

Módulo 3: Explorando a variação linguística nas poesias de cordel

Objetivos específicos

- Analisar e compreender as variações linguísticas, em especial a semântico-lexical, presentes nas poesias de cordel.
- Identificar palavras e expressões regionais e compará-las com as suas correspondentes na língua padrão.
- Compor poemas utilizando uma das variações linguísticas de escolha própria.

Materiais necessários

- Poesias de cordel com diferentes variações linguísticas.
- Papel sulfite e caneta.

Duração: 2 horas-aula.

Atividades

1. Serão apresentados aos alunos diferentes exemplos de cordel, com diferentes variações linguísticas, dentre elas a semântico-lexical. Os textos de cordel serão lidos em voz alta para os alunos, incentivando-os a prestarem atenção na rima, na métrica e no uso de expressões populares.

2. Após a leitura, será discutido com os alunos sobre o que entenderam dos textos e quais suas opiniões sobre as variações linguísticas presentes nos cordéis.
3. Em seguida, será dividida a turma em pequenos grupos e distribuídos diferentes exemplos de poesias de cordel para cada grupo. Os alunos irão ler e analisar os textos, identificando as características, regionalismos e variações presentes em cada um.
4. Após a análise dos textos, cada grupo apresentará suas observações para a turma, destacando as principais características, regionalismos e variações presentes nos textos que analisaram.
5. Depois, cada aluno escolherá uma das variações linguísticas trabalhadas para produzir um poema em que use essa variação. Eles podem utilizar as palavras e expressões destacadas nas poesias de cordel como inspiração.
6. Ao final da atividade de produção, os alunos compartilharão seus poemas com a turma e será discutido como a variação linguística pode ser um elemento importante na Literatura de Cordel.

Módulo 4: As variações linguísticas presentes nas letras de músicas de diferentes regiões do Brasil

Objetivos específicos

- Analisar a relação entre a linguagem oral e escrita em músicas regionais.
- Identificar as variações linguísticas presentes nas letras das músicas.
- Desenvolver habilidades de leitura e escrita.
- Explorar as variações linguísticas do Brasil usando gravações de áudio da plataforma Localingual, comparando e contrastando os diferentes dialetos regionais.

Materiais necessários

- Letras de músicas regionais.
- Caixa de som.
- Projetor.
- Papel e lápis para anotações.
- *Chromebook*.

Duração: 4 horas-aula.

Atividades

1. No início do módulo, será apresentada uma breve introdução às variações linguísticas no Brasil. Em seguida, os alunos acessarão a plataforma Localingual no *Chromebook* e explorarão

o ambiente virtual, ouvindo as gravações de áudio de diferentes regiões do Brasil. Também terão acesso a letras de músicas regionais, as quais serão analisadas.

2. Cada grupo ficará com uma região específica para explorar no Localingual em busca de gravações de áudio de diferentes pessoas falando naquela região.
3. Os alunos analisarão as gravações de áudio e identificarão as características linguísticas específicas de cada região, como sotaques, expressões regionais e vocabulário.
4. Serão apresentadas algumas letras de músicas regionais, as quais serão analisadas. Em seguida, os alunos farão uma leitura minuciosa das letras das músicas, identificando as variações linguísticas presentes na linguagem oral e na escrita.
5. Em grupos, os alunos usarão as informações das letras das músicas e as gravações coletadas para criarem uma apresentação na qual compartilharão suas descobertas sobre a variação linguística de cada região escolhida com os outros grupos.
6. Como atividade complementar, os alunos produzirão um texto sobre a importância de conhecer a linguagem regional, destacando as variações linguísticas presentes nas letras das músicas e nas gravações coletadas na plataforma Localingual.

Módulo 5: Variação semântico-lexical e cordel: explorando a cultura nordestina

Objetivos específicos

- Trabalhar a variação semântico-lexical por meio da seleção de palavras para completar o texto "Sou cem por cento nordestino" e a criação de um cordel utilizando sinônimos e expressões populares.
- Desenvolver a compreensão sobre a variação semântico-lexical.
- Ampliar o conhecimento sobre a cultura nordestina.

Materiais necessários

- Texto "Sou cem por cento nordestino".
- Cópias do texto para cada aluno com as lacunas para completar.
- Lápis, canetas e papel.

Duração: 2 horas-aula.

Atividades

1. Para iniciar o módulo, conversaremos com os alunos sobre o que é a variação semântico-lexical, ou seja, a utilização de palavras diferentes com o mesmo sentido ou palavras com sentidos diferentes em um mesmo contexto.
2. Em seguida, será realizada uma leitura do texto "Sou cem por cento nordestino" (autor desconhecido) em voz alta para a turma. Após a leitura, os alunos devem identificar as palavras que apresentam a variação semântico-lexical.
3. Será entregue aos alunos o mesmo texto com lacunas para que eles o completem com sinônimos adequados.
4. Depois que todos terminarem a atividade, discutiremos sobre as palavras escolhidas e se há outras opções possíveis.
5. Na sequência, os alunos serão divididos em grupos para criarem um cordel utilizando as palavras do texto original e seus sinônimos. Também serão sugeridas expressões populares para utilizarem na produção do cordel. A atividade será finalizada com a apresentação do cordel.

Módulo 6: “A Terra dos Meninos Pelados” em cordel: explorando a cultura nordestina

Objetivos específicos

- Explorar as possibilidades linguísticas do gênero textual cordel, ao mesmo tempo em que se trabalha a compreensão e interpretação da obra de Graciliano Ramos.
- Desenvolver a capacidade de leitura e interpretação de textos literários.
- Estimular a criatividade e a imaginação dos alunos na produção de textos em cordel.
- Analisar e discutir temas relevantes abordados na obra, como a liberdade, a simplicidade e a vida no sertão nordestino.
- Fomentar a expressão oral e a socialização dos trabalhos entre os alunos.
- Avaliar a aprendizagem dos alunos em relação aos conteúdos abordados e à capacidade de produzirem um texto coerente e criativo em cordel.

Materiais necessários

- Folhetos de cordel.
- Livro “A Terra dos Meninos Pelados”, de Graciliano Ramos.
- Projetor.
- Caixa de som.
- Caneta.

Duração: 4 horas-aula.

Atividades

O módulo iniciará com a apresentação da obra "A Terra dos Meninos Pelados", de Graciliano Ramos, e do cordel "A Terra dos Meninos Pelados", de Evaristo Geraldo. Também serão contadas um pouco sobre a história e importância de ambos na literatura brasileira. Em seguida, os alunos irão ouvir a história "A Terra dos Meninos Pelados", retirada do *YouTube*, disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=-BmNGz0W7c4>.

Na sequência, serão distribuídos os folhetos de cordel aos alunos para que eles possam ler e se familiarizarem com o texto. Depois será realizada uma leitura compartilhada em que os alunos irão ler em voz alta os folhetos de cordel em grupos e, após a leitura compartilhada, será feita uma discussão sobre a história, personagens, cenário e temas abordados no cordel.

Finalmente, a turma será dividida em grupos e cada grupo deverá escrever um novo final no folheto de cordel baseado na história de "A Terra dos Meninos Pelados", utilizando as características do gênero textual cordel a partir da essência da obra. Após a produção do novo final da história, os grupos apresentarão seus trabalhos para a turma numa roda de leitura em que cada grupo lerá o novo final do folheto e receberá comentários e *feedbacks* dos colegas e da professora.

Módulo 7: Palestra Literatura de Cordel, Cultural Popular e Formação da Identidade

Objetivos específicos

- Apresentar a Literatura de Cordel como uma expressão cultural popular brasileira.
- Discutir sobre a importância da Literatura de Cordel para a preservação da memória e tradição do povo.
- Refletir sobre as possibilidades de usos da Literatura de Cordel em sala de aula e em projetos culturais.

Materiais necessários

- Projetor de slides.
- *Notebook*.
- Textos de cordel selecionados.

Duração: 1 hora-aula.

Atividades

Palestra com o professor Sidney da Silva Chaves, formador da Diretoria Regional de Educação de Alta Floresta. Serão apresentados os conceitos de Literatura de Cordel, cultura

popular e formação da identidade. Também serão exibidos exemplos de cordéis e serão realizadas atividades práticas. O encerramento ocorrerá com declamação de um cordel.

Módulo 8: Unindo vozes: produção coletiva inspirada em obras de Josivaldo Constantino dos Santos

Objetivos específicos

- Desenvolver a habilidade de produção de texto do gênero cordel, explorando obras do cordelista Josivaldo Constantino dos Santos como inspiração e referência para os alunos.
- Incentivar a criatividade, a cultura popular e a melhoria da escrita dos alunos.

Materiais necessários

- Cópias de cordéis.
- Papel, lápis e caneta.

Duração: 4 horas-aula.

Atividades

1. Neste módulo serão apresentadas obras de Josivaldo Constantino dos Santos e serão discutidas suas características e estilo de escrita. Para tanto, serão distribuídos os cordéis para os alunos lerem e observarem o conteúdo e a estrutura dos cordéis.
2. Na sequência, os alunos produzirão um cordel coletivo baseado nos cordéis lidos de Josivaldo Constantino dos Santos utilizando a criatividade e explorando temas relacionados à cultura nordestina. Após a produção do texto, os alunos irão revisar e editar o poema, verificando a estrutura, presença de rimas, a coesão e coerência do texto. Ademais, devem explorar os elementos visuais, com desenhos e ilustrações.
3. Depois da revisão do texto, será apresentado o poema para a turma, lendo-o em voz alta. Essa atividade será finalizada enfatizando-se a importância de valorizar e preservar a cultura nordestina.

Módulo 9: Produção de cordéis a partir de contos populares

Objetivo específico

Incentivar a leitura, a escrita e a criatividade dos alunos, a partir da produção de cordéis inspirados em contos populares.

Materiais necessários

- Cópias de contos populares.
- Papel, lápis e canetas.
- Acesso à internet para pesquisa.
- Folhetos de cordéis.

Duração: 4 horas-aula.

Atividades

1. Para iniciar o módulo, distribuiremos contos populares entre os alunos e eles escolherão um conto para ler em casa.
2. Na próxima aula, os alunos escreverão um resumo do conto que escolheram e discutirão em grupos as principais características da história, como os personagens, o enredo, o conflito e a moral. Em seguida, os alunos devem escrever um cordel inspirado nos contos lidos, utilizando rimas, a estrutura característica do cordel e explorando a cultura nordestina em seus textos.
3. Na última aula do módulo, os cordéis produzidos pelos alunos serão lidos em voz alta para a turma. Em seguida, será realizado um debate sobre as diferenças e semelhanças entre os cordéis e os contos originais. Para finalizar, os cordéis produzidos pelos alunos serão expostos em forma de varal.

Módulo 10: Trovando Cultura: uma Feira de Literatura de Cordel

Objetivos específicos

- Proporcionar oportunidades de criação, participação, planejamento e, sobretudo, apreciar e valorizar o cordel como manifestação popular.
- Estimular o interesse pela Literatura de Cordel e pela cultura popular brasileira.
- Ampliar o conhecimento sobre a variação linguística e as diferentes formas de expressão poética.
- Desenvolver habilidades de leitura, escrita, oralidade e expressão artística.
- Valorizar a arte e a tradição popular, incentivando a criatividade e a imaginação dos alunos.

Materiais necessários

- Livros de cordel para leitura.
- Papel sulfite, lápis, canetas coloridas, tesoura, cola.

- Murais e cartazes para exposição.
- Equipamento de som para as apresentações.
- Material para a decoração do espaço.
- **Duração:** 4 horas-aula.

Atividades

Será realizada pelos alunos, juntamente com a professora, uma Feira de Literatura de Cordel para a comunidade escolar em uma tarde com diferentes atividades: murais com reportagens sobre cordelistas, Literatura de Cordel e curiosidades sobre variação linguística; xilogravura; exposição de folhetos produzidos pelos alunos; livretos de cordéis para leitura dos visitantes; atividade interativa (quebra-cabeça); oficina de isogravura (isopor), realizada pelos próprios alunos para os visitantes; declamação de um cordel coletivo para a comunidade escolar.

Produção Final

O produto final deste projeto será um *e-book* contendo os cordéis produzidos pelos alunos e biografia dos autores. O *e-book* poderá ser compartilhado com a turma, a escola e outras pessoas interessadas em Literatura de Cordel. O propósito desta produção é que os alunos se sintam motivados e valorizados com a publicação de suas obras, além de disseminar as culturas nordestina e brasileira por meio da Literatura de Cordel. É importante destacar que, uma vez publicado, o *e-book* poderá ser compartilhado com outras escolas, professores e alunos, ampliando o alcance e o impacto deste projeto.

Objetivos específicos

- Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção).
- Desenvolver habilidades de escrita, edição e publicação de conteúdo digital.
- Proporcionar aos alunos uma experiência de publicação e compartilhamento de suas produções literárias.

Materiais necessários

- Computadores com acesso à internet.
- Programas de edição de texto e imagem.

- Ferramentas para criação de *e-books*.
- Trilha sonora para os *books trailers*.
- Roteiro para a criação dos *books trailers*.

Duração: 6 horas-aula.

Atividades

1. Para a produção final deste projeto, os alunos serão convidados a criarem um *e-book* que terá como propósito compartilhar os cordéis produzidos por eles ao longo do projeto. Antes de os alunos iniciarem suas atividades, será passado um tutorial de como montar um *e-book* gratuito, que está disponível no *site* Canva por meio do *link* https://www.canva.com/pt_br/criar/ebooks/.

2. Após verem o tutorial, será proposta a cada dupla/trio a elaboração de um *e-book* (livro digital), usando o Canva e/ou outras ferramentas digitais de criação. As etapas do processo de criação e edição do *e-book* serão as seguintes:

- Edição e revisão dos cordéis pelos alunos, com a ajuda da professora.
- Criação do *e-book* pelos alunos, incluindo a seleção de imagens e a formatação do texto.
- Revisão final do *e-book* e apresentação para a turma.

4.1.1 O perfil dos alunos e da instituição de ensino

Como sujeitos da pesquisa, conforme mencionado anteriormente, envolvemos os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Rui Barbosa. A escola está localizada no Bairro Cidade Alta, na Avenida Minas Gerais, 46, no município de Alta Floresta, e é mantida pelo Governo do Estado de Mato Grosso, por meio da Secretaria de Estado de Educação, sob a jurisdição da Diretoria Regional de Ensino de Alta Floresta - MT. A instituição foi criada pelo Decreto nº 174, de 10 de julho de 1987, que autorizou a escola a ministrar o Ensino Fundamental, Médio Regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA), de acordo com a Portaria nº 493/22 – Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso (CEE/MT).

Figura 4 - Escola Estadual Rui Barbosa - Alta Floresta - MT – Área externa



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Atualmente, a escola atende 48 turmas, com um total de 1197 alunos matriculados, divididos entre Ensino Fundamental Regular, EJA, Ensino Médio e Regular funcionando nos três períodos: matutino, vespertino e noturno. Além disso, a instituição oferece suporte a 24 alunos com necessidades especiais em dois turnos, bem como a 21 alunos na sala de laboratório de aprendizagem.

Ela possui 16 salas de aula, uma sala de apoio pedagógico, duas salas de recursos, uma sala de coordenação, uma diretoria, uma secretaria, uma biblioteca, um refeitório e uma quadra coberta. O quadro de funcionários contempla 113 pessoas, sendo, 38 professores efetivos e 44 contratados, 12 Apoios Administrativos Educacionais efetivos e oito contratados, seis Técnicos Administrativos Educacionais efetivos e dois contratados, três cuidadores (terceirizados).

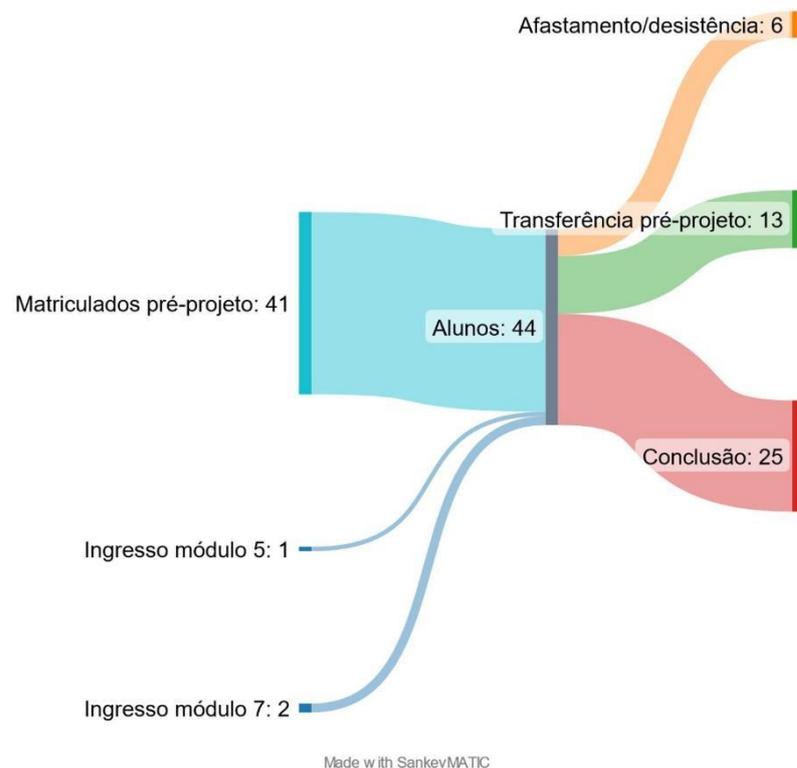
De acordo com o Projeto Político-Pedagógico da escola (2023), o contexto social e o perfil socioeconômico da comunidade escolar foram verificados por meio de um questionário socioeconômico, sendo que a maioria dos alunos desta unidade escolar provém de famílias de baixa renda, enfrentando problemas familiares, o que resulta em um baixo índice de acompanhamento, uma carência afetiva elevada e um alto índice de indisciplina.

É evidente que a falta de acompanhamento e apoio familiar prejudica a autoestima do aluno e, conseqüentemente, seu desempenho na aprendizagem. Isso resulta em um alto índice de desistência dos alunos do Ensino Médio noturno, que já ingressam no mercado de trabalho, bem como de reprovação nos primeiros anos do Ensino Médio nos períodos matutino e noturno.

A pesquisa socioeconômica também revela que 53,8% dos responsáveis pelos educandos possuem Ensino Fundamental completo, enquanto 8,4% se declaram analfabetos. É crucial levar em consideração essas características na construção de uma prática pedagógica, a fim de potencializar e elevar o nível educacional, de acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (Projeto Político-Pedagógico - Escola Estadual Rui Barbosa, 2023, p.3).

Nesse contexto, nosso projeto de intervenção foi desenvolvido na turma do 9º ano C da escola durante o período vespertino, abrangendo um total de 25 alunos com idades entre 13 e 17 anos. A seguir apresentamos um diagrama de mobilidade dos alunos dessa turma:

Figura 5 - Diagrama de mobilidade dos alunos do 9º ano C



Fonte: SankeyMATIC.

De acordo com o diagrama, é possível perceber que os alunos estão sempre entrando e saindo da escola. Antes de iniciarmos o projeto de intervenção, havia 41 matriculados. Houve transferência de 13 alunos, afastamento/desistência de seis alunos, ingresso no módulo 5 de um aluno e ingresso no módulo 7 de dois alunos, totalizando assim 25 alunos que concluíram o projeto de intervenção.

Sobre eles, nota-se uma grande instabilidade, com mudanças frequentes tanto de escola quanto de cidade. Há um constante movimento de entrada e saída.

4.2 Desenvolvimento da sequência didática

No decorrer deste subtópico, apresentamos a evolução da Sequência Didática desenvolvida, e, conforme já dito, que tivemos como base metodológica Schneuwly e Dolz (2004). Nossa Sequência Didática consistiu na sequenciação de atividades de leitura e de escrita que contribuíram para os propósitos das aulas. A seguir, apresentamos a sequência didática que foi elaborada e desenvolvida com os alunos do 9º ano.

4.2.1 Apresentação da situação e produção inicial

Inicialmente, foi realizada uma abordagem sobre os níveis semântico e lexical, a variação linguística e a oralidade por meio do gênero cordel, utilizando-se eslaides ilustrativos e informativos, com o propósito de averiguar o conhecimento prévio dos alunos sobre esses assuntos e assim explorar e incentivar a participação deles oralmente.

Na sequência, realizou-se a apresentação do projeto e, em seguida, foi exibido o vídeo intitulado "Valores", que se encontra disponível no *site YouTube*, no link <https://www.youtube.com/watch?v=4viSb0zmk7Q>. O vídeo possui uma duração de 1 minuto e 52 segundos. Nesse cordel, o escritor, poeta e cordelista nordestino Bráulio Bessa aborda sobre a importância da solidariedade e da empatia, lembrando que é preciso olhar para o outro e ajudar sempre que possível.

Também foi exibido o vídeo "Eu nasci no interior", que se encontra disponível no link <https://globoplay.globo.com/v/7057735/>. O vídeo possui uma duração de 2 minutos e 42 segundos. Neste cordel, Bessa abriu o coração para falar sobre sua essência e enaltecer a cultura do povo nordestino, assim como resgatar e valorizar a força dessa gente tão guerreira. Após a apresentação dos vídeos, incitou-se a uma reflexão acerca do conteúdo por meio de uma conversa informal que nos permitiu fazer uma sondagem sobre o conhecimento prévio que os alunos possuíam do assunto.

Após o debate sobre os eslaides e vídeos apresentados, foi proposta aos alunos uma tarefa de expressão escrita, na qual eles elaboraram o texto inicial no formato de Literatura de Cordel com o objetivo de diagnosticar o conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero e,

assim, revelarem para si mesmos e para a professora as compreensões que tinham do gênero e da produção escrita. Ao final da aula, fizemos um círculo em que todos tiveram oportunidade de compartilhar seus escritos.

Nosso intuito, em todo momento, era que os alunos realmente pudessem vivenciar a experiência da escrita, sem a preocupação de alguns desvios morfossintáticos. No que diz respeito a isso, Bortoni-Ricardo explica que

[...] o ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna – do lar e da vizinhança – variedades populares da língua tem pelo menos duas consequências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua padrão (Bortoni-Ricardo, 2005, p.15).

O resultado que obtivemos em relação à produção inicial foi uma situação completamente aceitável, visto que os alunos puderam expressar seus sentimentos ao escreverem seus poemas de forma espontânea.

Na primeira produção, os alunos escreveram um poema da forma que eles sabiam, sem a preocupação de seguirem a estrutura do poema de cordel, que é composto de rimas, quantidade de estrofes e oração. A Literatura de Cordel, por sua vez, é uma manifestação cultural dinâmica e marcante que se revela por meio das rimas.

Em seguida, apresentaremos alguns trechos dos poemas escritos pelos alunos. No poema 1, a aluna utilizou-se de uma narrativa ao escrever, sem colocar as rimas entre os versos, e não fez o uso das métricas que são uma das características do cordel, porém se fez presente a história com início, meio e fim, que é a oração no poema de cordel.

No poema 2, o aluno utilizou o sentimento poético ao escrever, mas ainda não faz uso dos recursos necessários para ser caracterizado como um poema de cordel.

Quadro 1 - Produções Iniciais dos alunos do 9º ano C

Poema 1

Meu doce lar

Quase todo dia fico imaginando
 como meu lar vai ser, se
 vou morar sozinho ou com alguém
 se minha casa vai ser 300% do meu jeito

Se for quero minha cozinha feita
 toda grande com uma vista de tirar o fôlego
 meu quarto vai ser no segundo andar
 com vista pro meu jardim e piscina

Arquivo produzido pela aluna L.K. S.⁶

Poema 2

A angústia do Poeta

Relatando aquela corrente,
 Os passaros ficaram livres.
 E a brisa que sopra
 Refreca a alma que um dia foi labefada.

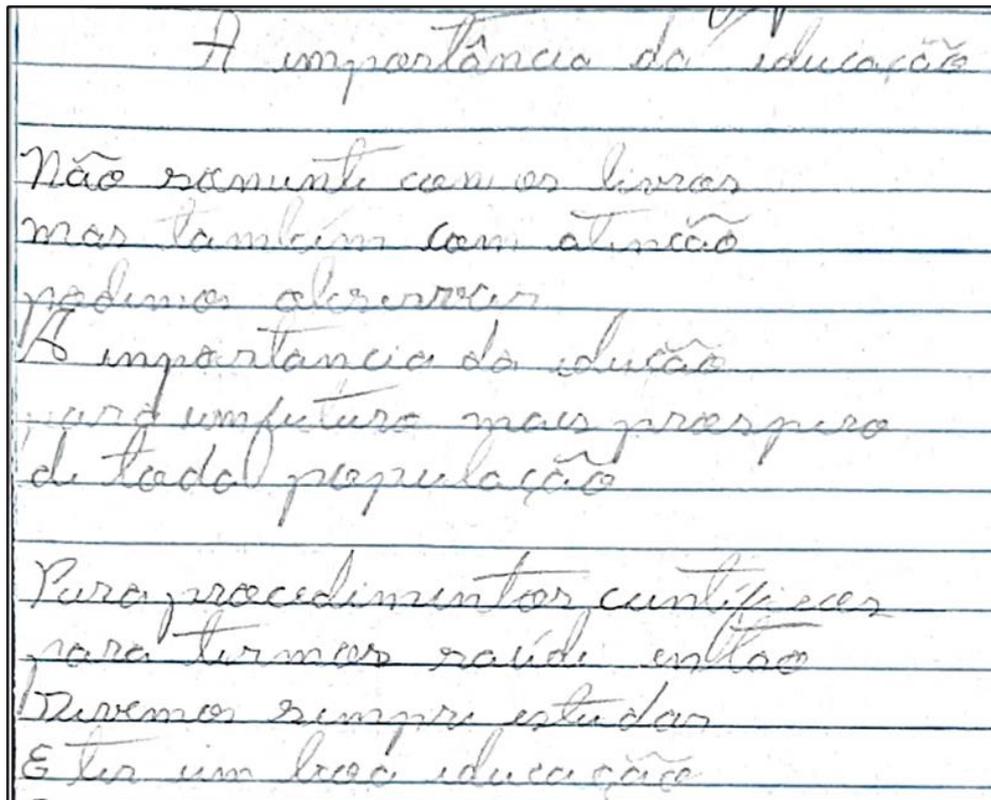
E a cada paisagem
 Desperta em mim um novo passaporte.
 Que outrora usava da raiva e combustível
 Agora realatase-se com a paz.

E como a maré calma
 Os retimentos estabilizam-se
 E como o bom odor de uma lula rosa

Arquivo produzido pelo aluno K.R.S.G.

⁶ Apenas as iniciais dos nomes dos alunos foram utilizadas nos exemplos fornecidos, a fim de preservar a identidade dos autores.

Poema 3



Arquivo produzido pelo aluno L.F.D.S.

Fonte: Acervo pessoal, 2023.

No poema 3, o aluno empregou o recurso das rimas e em alguns versos aplicou a sextilha, podendo-se perceber que o aluno tem uma noção sobre poema de cordel. No poema apresenta algumas inadequações normativas, mas o objetivo foi verificar qual a noção que os alunos têm em relação ao gênero trabalhado.

Nesse contexto, Dolz, Noverraz e Schneuwly nos relatam que

No momento da produção inicial, os alunos tentam elaborar um primeiro texto oral ou escrito e, assim, revelam para si mesmos e para o professor as representações que têm dessa atividade. [...] Cada aluno consegue seguir, pelo menos parcialmente, a instrução dada. Esse sucesso parcial é, de fato, uma condição *sine qua non* para o ensino, pois permite circunscrever as capacidades de que os alunos já dispõem e, conseqüentemente, suas potencialidades (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 101).

Finalizamos a primeira etapa do projeto com o envolvimento de todos os alunos e obtivemos um bom resultado em relação à produção inicial. Apesar das dificuldades encontradas pelos alunos, pôde ser observada a noção que os alunos tinham sobre o gênero abordado e buscou-se despertar o interesse deles na participação dos módulos posteriores.

4.2.2 Módulo 1: Apresentação do gênero cordel

Dando continuidade ao projeto de intervenção, no módulo 1 apresentamos o gênero Literário Cordel em forma de eslaides, explicando o que é o gênero cordel e suas características. Em seguida, foram expostos alguns cordéis e realizamos a leitura para que os alunos pudessem visualizar e se familiarizar com o estilo de escrita desse gênero literário. A maioria dos alunos participou da atividade de leitura, apesar de alguns preferirem somente ouvir a leitura nesse primeiro momento. (Figura 6).

Nesse contexto, refletimos sobre a relevância do gênero literário cordel para a cultura brasileira, abordando suas características, como a variação linguística, especialmente no contexto nordestino, e suas contribuições para a literatura e a Sociolinguística Educacional.

Figura 6 - Apresentação do Gênero Cordel para os alunos



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Posteriormente, foi proposto o "jogo de rimas", para o qual os alunos foram divididos em grupos. O objetivo do jogo era criar uma lista de palavras que rimassem com outras palavras escritas previamente. Essa atividade foi projetada para estimular a criatividade dos alunos na

produção de rimas de forma criativa. Abaixo apresentamos duas atividades desenvolvidas pelos alunos em sala de aula.

Figura 7 - Atividade 1 – Jogo de rimas

Jogo de Rimas

Desafio das Rimas: Teste o seu talento com as palavras! Neste jogo você terá que pensar rápido e encontrar palavras que rimem com as dicas dadas.

1. Amor: flor
2. Escola: cola, sala e sacola
3. Tempo: lento, lento e nemado
4. Rima: água, água e matéria primária
5. Sonho: sonho, sonho e sonho
6. Caneta: caneta, caneta
7. Cidade: simplicidade, complexidade e religiosidade
8. Vida: vida, vida e vida
9. Livro: livro, livro e livro
10. Amigo: inimigo e inimigo
11. Janela: janela e janela
12. Coração: coração
13. Festa: festa e festa
14. Viagem: viagem e viagem
15. Arte: arte e arte
16. Riso: riso e riso
17. Terra: terra e terra
18. Luz: luz
19. Cor: verde e verde
20. Mar: mar, mar

Fonte: Arquivo produzido pelo aluno R.G.S.M.

Figura 8 - Atividade 2 – Jogo de rimas

Jogo de Rimas

Desafio das Rimas: Teste o seu talento com as palavras! Neste jogo você terá que pensar rápido e encontrar palavras que rimem com as dicas dadas.

1. Amor: amor
2. Escola: Amazela
3. Tempo: Empedimento
4. Rima: Lima
5. Sonho: Bisonha
6. Caneta: Maleta
7. Cidade: Universidade
8. Vida: Construída
9. Livro: Escrito x
10. Amigo: cabrito
11. Janela: Caneta
12. Coração: Solidão
13. Festa: Barrato x
14. Viagem: Viagem
15. Arte: Parte de
16. Riso: Pariso
17. Terra: Quarta
18. Luz: Petro Luz
19. Cor: Amar
20. Mar: Amar

Fonte: Arquivo produzido pela aluna H.V.M.A.

Na atividade “jogo das rimas”, os alunos pensaram em palavras que rimassem com as palavras apresentadas. Após a realização da atividade, de forma dinâmica, foram socializadas entre a turma as rimas que cada um conseguiu pensar e eles mesmos perceberam as inadequações em suas respostas no momento da socialização, assim como podemos observar nas atividades acima, mas os alunos não quiseram corrigir, para que ficasse de aprendizado o que eles conseguiram ou não rimar.

Para que possamos produzir um cordel de acordo com a sua estrutura, precisamos conhecer sobre rima, estrofes, oração e métrica. Nesse primeiro momento, enfatizamos sobre a importância de rimar as palavras, pois é um recurso muito utilizado nos textos poéticos, o qual oferece sonoridade, ritmo e musicalidade ao texto.

De acordo com Marco Haurélio,

Os poetas populares costumam afirmar que o cordel se equilibra em um tripé que o caracteriza e, de certo modo, o define. Esse tripé é composto por métrica, rima e oração. Métrica e rima dispensam definição. O mesmo não se pode dizer da oração que, para os poetas, é aquilo que dá sentido ao texto. Pode estar relacionada à fluência, mas, também pode ser sinônima de verossimilhança. O verso, também chamado de pé, é preferencialmente o de sete sílabas poéticas, ou redondilha maior. Quando essa medida é desrespeitada, diz-se que o cordel é de “pé quebrado” (Haurélio, 2013, p. 111).

Em consonância com o autor, podemos afirmar que a rima é de suma importância na estrutura do poema a ser construído, dando ênfase na beleza do poema e assim atraindo a atenção do leitor.

Concluímos o primeiro módulo com os alunos conhecendo o gênero cordel, habituando-se ao estilo de sua leitura e escrita e interagindo com os colegas nas atividades desenvolvidas, ademais aprenderam também sobre a importância do cordel para a cultura brasileira.

4.2.3 Módulo 2: Pesquisa realizada pelos alunos sobre o gênero textual cordel

Neste segundo módulo, a proposta foi pensada para realizar uma pesquisa sobre o gênero textual cordel no *Chromebook*. Dessa forma, os alunos puderam explorar e socializar informações relevantes. A turma foi dividida em quatro grupos e cada um foi responsável por pesquisar e apresentar aos colegas uma temática específica. Em seguida, cada grupo expôs sua pesquisa em um mural na sala de aula. Os grupos foram organizados da seguinte forma:

O Grupo 1 - pesquisou sobre o Histórico da Literatura de Cordel.

O Grupo 2 - explorou as características poéticas, literárias, sociolinguísticas e da oralidade da Literatura de Cordel.

O Grupo 3 – dedicou-se a estudar autores brasileiros, incluindo os nordestinos e de outras regiões do país, suas biografias e obras. Eles abordaram sobre temas como título e autor da obra, narração da história sem expor o final, o tema do cordel lido, local e época em que a história se passa, características das personagens, aspectos que chamaram a atenção no texto, presença de descrições dos personagens em cena e monólogos, resolução de problemáticas por meio de inteligência e astúcia, relevância social do tema e variações linguísticas, se presentes.

O Grupo 4 - realizou uma pesquisa sobre xilogravura (isogravura).

Autores brasileiros, incluindo os nordestinos ou de outras regiões do país, suas biografias e obras:

Figura 9 - Pesquisa sobre o gênero textual cordel



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

4.2.4 Módulo 3: Explorando a variação linguística nas poesias de cordel

Este módulo foi idealizado para aprimorar a habilidade leitora da turma. Apresentamos aos alunos diferentes exemplos de cordéis com diversas variações linguísticas, incluindo a semântico-lexical. Dentre os textos, lemos os cordéis de Bráulio Bessa, intitulados "Lá em casa" (2021) e "O cachorro, o doutor e o matuto" (2021). Os textos foram lidos em voz alta para os alunos, incentivando-os a prestarem atenção na rima, métrica e no uso de expressões populares.

Os alunos refletiram e discutiram sobre o que entenderam dos textos, destacando as variações linguísticas presentes nos cordéis. Antes de dividirmos a turma em pequenos grupos para a leitura e análise de outros textos, visando a identificação de características, regionalismos e variações presentes em cada um, foi realizada uma conversa com os alunos.

Durante essa conversa foram compartilhadas algumas dicas sobre como fazer um cordel passo a passo, tais como: 1- escolha do tema, 2- fazer um roteiro, 3- rimas, 4- métrica, 5- oração. Todas essas orientações foram expostas no quadro para que todos pudessem visualizá-las melhor.

Apesar da explanação ter sido dinâmica, utilizando uma estrofe de um poema lido, alguns alunos demonstraram interesse imediato, enquanto outros não.

Desta forma, podemos afirmar que, ao trabalharmos com as atividades com os alunos, precisamos respeitar o tempo de cada um, sem impor o que desejamos realizar. Apoiamo-nos nas palavras de Marinho, ao dizer que

É bom estar atento ao fato que as atividades de criação literárias em sala de aula não devem ser impostas. Há alunos- e nem sempre são poucos- que não sentem propensão para criar, embora que gostem de ler, e eles devem ser respeitados. Nesse ponto o bom-senso do profissional de ensino é o guia. Às vezes, com uma boa motivação, nossos alunos se aventuram e descobrem dimensões escondidas de sua própria personalidade através da criação (Marinho, 2012, p.133).

Depois, cada aluno escolheu uma das variações linguísticas trabalhadas para produzir um poema em que usasse essa variação. Eles puderam utilizar as palavras e expressões destacadas nas poesias de cordel como inspiração. Ao final da atividade de produção, os alunos compartilharam seus poemas com a turma e discutiram sobre como a variação linguística é um elemento importante na Literatura de Cordel.

Figura 10 - Produção de poesia de cordel



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Durante a realização deste módulo foi estimulada a leitura com os poemas do cordelista Bráulio Bessa⁷ e alguns outros autores, dando destaque à estrutura do poema e destacando as variações linguísticas presentes nos cordéis. Apesar das dificuldades, todos participaram, mesmo os que não demonstraram interesse no começo da atividade.

Com as dicas que compartilhamos com eles sobre como construir um cordel, eles puderam ter uma melhor visão para as próximas produções. Desse modo encerramos o terceiro módulo.

4.2.5 Módulo 4: As variações linguísticas presentes nas letras de músicas de diferentes regiões do Brasil

Durante este módulo, uma breve introdução às variações linguísticas no Brasil foi apresentada. Logo após, os alunos acessaram a plataforma Localíngual⁸ no *Chromebook* e exploraram o ambiente virtual, ouvindo as gravações de áudio de diferentes regiões do Brasil. Além disso, tiveram acesso a letras de músicas regionais, as quais foram analisadas.

⁷ Bráulio Bessa Uchoa, conhecido como o embaixador do Nordeste, nasceu em Alto Santo (CE). Ele é um analista de sistema e poeta declamador que ganhou popularidade por meio de suas postagens na *web* recitando versos. Em 2012, lançou a *fanpage* "Nação Nordestina" para promover a cultura nordestina, conquistando grande sucesso com mais de um milhão de seguidores. Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2018/11/16/poeta-braulio-bessa-uchoa-sintese-biografica/>. Acesso em: 3 fev. 2024.

⁸ Localíngual é uma plataforma colaborativa. Ao acessar o *site* aparecerá um mapa no qual você deverá escolher uma região específica para ouvir gravações locais e, assim, ir se adaptando ao sotaque e às expressões daquela cidade e região do país. Disponível em: <https://korntraducoes.com.br/plataforma-colaborativa-localingual/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

Cada grupo recebeu uma região específica para explorar no Localingual em busca de gravações de áudio de diferentes pessoas falando naquela região. Os alunos então analisaram as gravações de áudio e identificaram as características linguísticas específicas de cada região como sotaques, expressões regionais e vocabulário. Essa atividade foi extremamente importante para o conhecimento dos alunos e todos participaram de forma efetiva. Eles gostaram muito da atividade.

Apresentamos algumas letras de músicas regionais, que foram analisadas. Em seguida, os alunos fizeram uma leitura minuciosa das letras das músicas, identificando as variações linguísticas presentes na linguagem oral e na escrita. Em grupos, os alunos utilizaram as informações das letras das músicas e as gravações coletadas para criarem uma apresentação na qual compartilharam suas descobertas sobre a variação linguística das regiões pesquisadas com os outros grupos.

A apresentação aconteceu de forma descontraída. Cada grupo foi convidado para compartilhar com os colegas a pesquisa que realizou na plataforma Localingual e em outros sites. Utilizaram o *notebook* como recurso pedagógico, conectando-o à TV da sala de aula. Ainda há alguns alunos que têm receio de falar em público. Quem não se sentiu à vontade para apresentar foi respeitado, e os grupos concordaram que aqueles que não estivessem à vontade poderiam permanecer no lugar. (vide Figura 11).

Figura 11 - Apresentação sobre a variação linguística das regiões



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Após a apresentação das cinco regiões realizada pelos alunos, foi aberto um debate em que puderam expor o que aprenderam no módulo e também falar sobre como foi a experiência de conhecer uma nova plataforma, analisar a letra das músicas correspondentes a cada região e apresentar para os colegas.

Como atividade complementar, os alunos escreveram um texto sobre como foi o módulo 4 e sobre a importância de conhecer a linguagem regional, destacando as variações linguísticas presentes nas letras das músicas e nas gravações coletadas da plataforma Localíngual.

Quadro 2 - Relatos de opiniões sobre o módulo 4

Texto 1

Escreva o que você achou do Módulo 4, que teve como objetivo conhecer e explorar a plataforma Localíngual, bem como as variações linguísticas presentes na música, e o trabalho em grupo com apresentação.

É muito bom agente saber um pouco sobre as línguas, músicas e as culturas das pessoas a importância de reconhecer um pouco de cada coisa, que as outras pessoas gostam e bom pra sociedade fica melhor das coisas.

Arquivo produzido pela aluna E.R.B.R.

Texto 2

Escreva o que você achou do Módulo 4, que teve como objetivo conhecer e explorar a Hellem - 9-C plataforma Localíngual, bem como as variações linguísticas presentes na música, e o trabalho em grupo com apresentação.

Eu achei uma experiência nova, engraçada também, pois a cultura língual é diferente, foi "peculiar" dizemos assim, a apresentação foi diferente também pois cada um trouxe tipos de línguas, todos descobrimos tipos de cada região apesar de eu já ter compartilhado essas ideias eu consegui aprender novas coisas, inclusive me divertir bastante.

Arquivo produzido pela aluna H.V.M.A.

Texto 3

Escreva o que você achou do Módulo 4, que teve como objetivo conhecer e explorar a plataforma Localingual, bem como as variações linguísticas presentes na música, e o trabalho em grupo com apresentação.

Eu achei interessante, conhecer o modo de falar de outras pessoas, realizar atividades em grupo, e ter apresentado para meus colegas.

Arquivo produzido pela aluna A.U. L.

Texto 4

Escreva o que você achou do Módulo 4, que teve como objetivo conhecer e explorar a plataforma Localingual, bem como as variações linguísticas presentes na música, e o trabalho em grupo com apresentação.

É muito informativo e muito interessante por suas várias variações linguísticas.

Arquivo produzido pelo aluno W.S.S.

Fonte: Acervo pessoal, 2023.

No módulo 4, após as atividades e apresentações, conforme já dito, foi solicitado aos alunos que dessem suas opiniões sobre o módulo. No Texto 1, a aluna relatou que acha muito importante conhecer outras culturas e os modos de vida das pessoas de cada lugar. No Texto 2, a aluna considerou a experiência como algo novo e engraçado, ressaltando que foi “peculiar”. Além disso, mencionou que, além de aprender coisas novas, se divertiu bastante. Já no Texto 3, a aluna expressou seu interesse em conhecer o modo como outras pessoas se comunicam, destacando a realização de atividades em grupo e apresentações para os colegas. No Texto 4, o aluno enfatizou a importância e o quanto foi interessante ouvir as variações linguísticas. Essas opiniões refletem, de maneira geral, o que os alunos pensaram sobre o módulo 4.

4.2.6 Módulo 5: Variação semântico-lexical e cordel: explorando a cultura nordestina

Neste módulo conversamos com os alunos sobre o que é a variação semântico-lexical, ou seja, a utilização de palavras diferentes com o mesmo sentido ou palavras com sentidos diferentes em um mesmo contexto.

Em seguida, foi realizada a leitura do texto “Sou cem por cento nordestino” (2010) (autor desconhecido) em voz alta para a turma. Após a leitura, os alunos deveriam identificar as palavras que apresentassem variação semântico-lexical. O mesmo texto foi entregue aos alunos com lacunas para que eles o completassem com sinônimos adequados. Abaixo apresentamos trechos de duas atividades desenvolvidas pelos alunos em sala de aula.

Quadro 3 - Atividade de completar as lacunas com sinônimos adequados

Atividade 1	
Texto: Sou cem por cento nordestino	
SÓ quem é NORDESTINO entende!...	
Botão de som é	Bregreco
Se é muito miúdo é	Taquilha
Rascunho é	Esboço
Machucar fermento é	Barlado
Lápis de cor é	Lápis de colorir
Bom demais é	Tranquilo
Fazer uma travessura é	Fazer uma traquinagem
Se for resto é	Sobra
Tudo que é bom é	Tapi no mundo
Tudo que é ruim é	Traco ruim
Rir dos outros é	Rachar o bico
Brigar é	Arrumar um barraco
Arquivo produzido pela aluna H.V.M.A.	
Atividade 2	
Texto: Sou cem por cento nordestino 20/10/2023.	
SÓ quem é NORDESTINO entende!...	
Botão de som é	Pragueira
Se é muito miúdo é	Logo Muito Miúdo
Rascunho é	Borrão
Machucar fermento é	esmagando
Lápis de cor é	colorido
Bom demais é	elégico
Fazer uma travessura é	brinde
Se for resto é	restos
Tudo que é bom é	bonito
Tudo que é ruim é	ruim
Rir dos outros é	zombar
Brigar é	brigar
Ficar cheio de não me toque, frescura, é	Malícia
Já faltar aula é	faltar
Colar na prova é	colar as respostas dos outros
Quem é franzino (pequeno e magro) é	fino
O bobo se chama	bobão
E o medroso se chama	cozido
Tá com raiva é	Tá pulado
Vai sair, diz vou	ir
'Caba' (homem), sem dinheiro é	liso
A moça nova é	Nordestina
Arquivo produzido pelo aluno W.S.S.	

Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Nas atividades 1 e 2, os alunos escreveram de maneiras diferentes utilizando outros sinônimos de acordo com o conhecimento que eles possuem.

Depois que todos terminaram a atividade, discutiu-se sobre as palavras escolhidas e se havia outras opções possíveis.

Na sequência, os alunos foram divididos em grupos para criarem um cordel utilizando as palavras do texto original e seus sinônimos. Também foram sugeridas expressões populares para utilizarem na produção do cordel. A atividade foi finalizada com a apresentação do cordel.

Figura 12 - Produção do cordel utilizando algumas palavras do texto original e sinônimos



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Na Figura 12 podemos ver os alunos reunidos em grupos para a produção do cordel utilizando algumas palavras do texto original e sinônimos, e abaixo apresentamos dois poemas que eles fizeram:

Aventuras de Bike

Quando vou sair de Bike,
A imbira vou pegar
E coloco na garupa,
E começo a morcegar.
Caio na rua de asfalto,
Ali, fico a me esborrotar!

Sei muito bem que tudo isso
Vai mudar, para melhor.
Para que eu consiga empinar,
E também vou dar valor.
De boa, nunca mais vou cair,
Sem dor, vou ser rimador.
Alunos: T.P.R.S. e G.R.M.

Coisas de Antigamente

Hoje em dia, o ser humano
Não vive sem o celular.
Antigamente costumava
Correr, divertir, brincar,
E na mente das crianças,
Só alegria e cantar.

Hoje em dia, as crianças
Sabem mentir e desmentir.
Só conseguimos viver
Com exemplos para instruir.
Nos dias de hoje, as pessoas
Só pensam em agredir.

[...]

Alunos: L. F. D. S., L.B.S. e R.G.S.

4.2.7 Módulo 6: “A Terra dos Meninos Pelados” em cordel: explorando a cultura nordestina

O módulo começou com a apresentação da obra "A Terra dos Meninos Pelados" (2022), de Graciliano Ramos, e do cordel “A Terra dos Meninos Pelados” (2021), de Evaristo Geraldo. Também foram contadas um pouco sobre a história e importância de ambos na literatura brasileira. Em seguida, os alunos ouviram a história “A Terra dos Meninos Pelados”, retirada do *YouTube*, disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=-BmNGz0W7c4>.

Na sequência, foram distribuídos os folhetos de cordel aos alunos para que pudessem ler e se familiarizarem com o texto. Em seguida, foi realizada uma leitura compartilhada em que os alunos leram em voz alta os folhetos de cordel em grupos e, após a leitura compartilhada, foi feita uma discussão sobre a história, personagens, cenário e temas abordados no cordel. (vide Figura 13).

Figura 13 - Roda de leitura da adaptação em cordel “A Terra dos Meninos Pelados”



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Na Figura 13, os alunos, dispostos em círculo, estão realizando a leitura do cordel "A Terra dos Meninos Pelados" (2021) e, na Figura 14, estão em grupos para a produção de um novo final para o cordel. Nesse contexto, para Aguiar e Bordini,

O acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e os outros homens. A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura, quando ele se defronta com produções significantes provenientes de outros indivíduos, por meio do código comum da linguagem escrita (Aguar; Bordini, 1988, p.10).

Figura 14 - Produção de um novo final para o cordel



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A socialização da atividade se deu por meio da interação dos alunos com a leitura compartilhada a partir dos personagens presentes na história.

Finalmente, a turma foi dividida em grupos e cada grupo teve que escrever um novo final para o folheto de cordel baseado na história de "A Terra dos Meninos Pelados", utilizando as características do gênero textual cordel a partir da essência da obra. Após a produção do novo final da história, os grupos apresentaram seus textos para a turma numa roda de leitura em que

cada grupo leu o novo final do folheto e recebeu comentários e *feedbacks* dos colegas e da professora. Abaixo trazemos alguns textos em que eles redigiram um novo final para o cordel.

Quadro 4 - Novo Final da história de cordel “A terra dos meninos pelados”

Final 1

Assim, ele voltou triste,
Se depara com eles,
Mas estava machucado,
Com muita rigidez.
Então recusam a ajuda,
E, porém, trocam olhares.

Cansado, ele fala:
— Vocês parem com isso,
Parem de preconceito,
Isso também é preciso!
Com raiva, ele os ajuda
Porém, senso é preciso.

Sejam amigos e amigas,
Ah... Solidariedade.
Não há dinheiro que compre
A verdadeira amizade.
Cultive amor e carinho,
Semeie a Fraternidade.

Importante começar
Para um futuro certo,
Consolidar bons amigos,
Ter amigos por perto.
Não deixe ficar longe,
Agora estamos juntos.

(H.V.M.A. e E.E.S.O.)

Final 2

Ele volta para casa

E com lágrimas no olhar.

Raimundo correu e cantou,

"Encontrei este meu lugar."

Andando sem se esconder,

Apreendi como me amar!

(E.R.B.R.)

Final 3

Aqueles que mangavam

Sentiram muita culpa.

Vieram ao seu encontro

Com pedido de desculpa.

Raimundo logo aceitou,

Isso não mais preocupa.

(A.U.L.)

Fonte: Acervo pessoal, 2023.

4.2.8 Módulo 7: Palestra Literatura de Cordel, Cultural Popular e Formação da Identidade

Este módulo deveria ter sido desenvolvido após o módulo seis, porém, por questões de agenda da escola e do professor palestrante, reorganizamos a data, assim ele acabou ocorrendo após a Produção final, e não após o 6º módulo, como tínhamos previsto. Entretanto, é importante ressaltar que esse fato não prejudicou o desenvolvimento do projeto de pesquisa.

Cabe lembrarmos que o propósito específico foi proporcionar, em cada módulo, que os alunos adquirissem conhecimento e, ao mesmo tempo, interesse e gosto pela Literatura de Cordel, assim como discutir sobre a importância e a preservação da memória/identidade brasileira e refletir sobre as possibilidades de uso em sala de aula.

Ademais, o adiamento da palestra proporcionou que tudo isso acontecesse de uma maneira prazerosa e o fechamento do projeto fosse um sucesso.

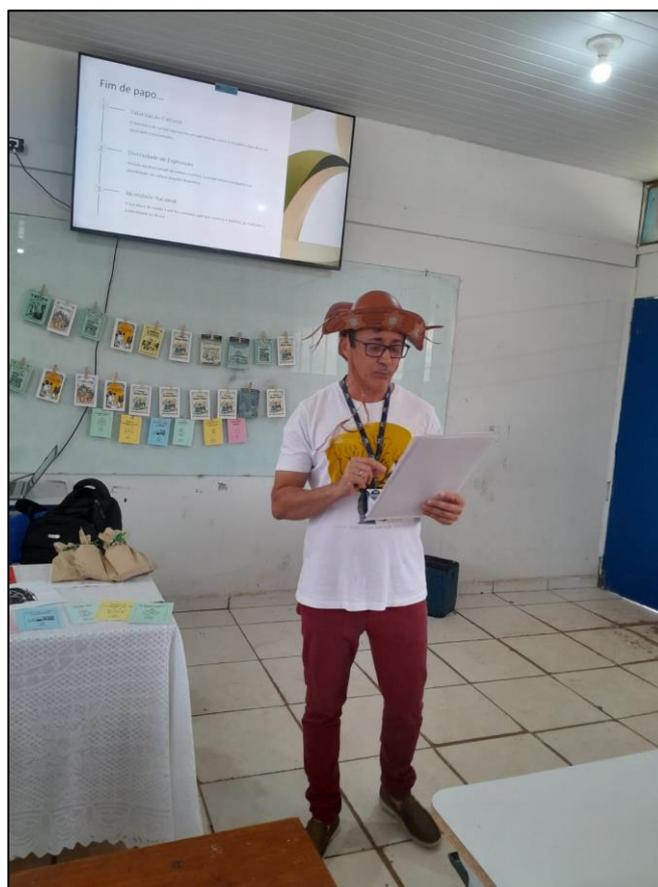
O professor convidado iniciou a conversa com os alunos recitando uns versos para se apresentar à turma.

Eu fiz um cordelzinho
Para me apresentar
Sou o professor Sidney
É uma honra aqui estar

Na escola Rui Barbosa
Junto com o 9º ano conversar
Sobre Literatura de Cordel,
Identidade e Cultura Popular.

Tema que a Professora Meri
Solicitou para eu me expressar
Espero que junto com vocês
Nós podemos dialogar.
(Sidney da Silva Chaves)

Figura 15 - Palestrante professor Sidney da Silva Chaves



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Após recitar os versos, deu continuidade à palestra "Literatura de Cordel, cultura popular e formação da identidade". A palestra ministrada pelo professor Sidney da Silva Chaves, formador da Diretoria Regional de Educação de Alta Floresta, apresentou os conceitos de Literatura de Cordel e cultura popular. Durante a palestra ele destacou a importância da Literatura de Cordel no âmbito escolar. Também foram exibidos exemplos de cordéis e atividades práticas foram realizadas.

Os alunos participaram respondendo a alguns questionamentos e refletindo sobre o assunto, pois já haviam estudado o tema, enquanto outros apenas ouviram com atenção a palestra. Também contamos com a presença da coordenadora pedagógica da escola na palestra e na apresentação do resultado final do projeto de intervenção.

Figura 16 - Palestra "Literatura de Cordel, cultura popular e formação da identidade"



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Depois que o professor finalizou a conversa com os alunos, ele abriu espaço para questionamentos, e, na sequência, agradeceu a participação dos alunos. Para concluir, o palestrante recitou alguns versos como forma de agradecimento.

Para finalizar, também fiz outro cordel

Pois me deparo com carrossel

de uma juventude valente, aqui ninguém é freguês

Todos são protagonistas, sem nenhuma rigidez

Vamos agora bater palmas para cada um de vocês.

(Sidney da Silva Chaves)

Em seguida, demos continuidade às atividades do projeto. O professor palestrante permaneceu na sala, juntamente com a coordenadora pedagógica. Ambos puderam prestigiar a trajetória de conhecimentos adquiridos pelos alunos no decorrer do projeto de intervenção. Foi uma tarde muito gratificante; os alunos tiveram o prazer de conhecer o professor palestrante.

4.2.9 Módulo 8: Unindo vozes: produção coletiva inspirada em obras de Josivaldo Constantino dos Santos

Neste módulo foram apresentadas obras de Josivaldo Constantino dos Santos⁹, suas características e estilo de escrita foram discutidos. Para tanto, os cordéis “Segredo” (2023), “Trilhas da Minha Vida” (2023), “A Palavra” (2022) e outros foram distribuídos aos alunos, para que pudessem ler e observar o conteúdo e a estrutura dessas obras.

Conforme Cosson (2021), as emoções que o texto literário provoca são extraordinárias e essa é a função efetiva da literatura, permitindo um envolvimento singular em um mundo construído por meio de palavras. E completa:

[...] Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (Cosson, 2021, p.30).

Ademais, a leitura literária, além de nos proporcionar momentos de prazer, fornece os instrumentos necessários para compreendermos o mundo por meio da linguagem.

Na sequência, antes de começarem o texto coletivo, a professora fez uma leitura do poema “O que é Literatura de Cordel” (2020), de Josivaldo Constantino dos Santos e tirou algumas dúvidas que os alunos apresentavam sobre como escrever um cordel em relação à métrica e oração. Depois de esclarecermos as dúvidas, iniciamos a atividade.

Realizamos uma votação para escolher qual seria o tema do cordel e, em seguida, começou-se o texto. A professora foi quem registou. Efetuamos o registro de duas maneiras: no

⁹ Poeta e pesquisador de Literatura de Cordel e Professor de Filosofia e Filosofia da Educação, da Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT- Câmpus Universitário de Sinop - MT. Disponível em: http://www.novoportal.unemat.br/noticia_imprimir.php?idn=13538. Acesso em: 11 jan. 2024.

quadro e no *notebook*. Após a produção do texto, os alunos revisaram e editaram o poema, verificando a estrutura, presença de rimas, a coesão e coerência do texto.

Após a revisão do texto, o poema foi apresentado à turma, sendo lido em voz alta. Essa atividade foi finalizada com destaque devido a importância de valorizar e preservar a cultura nordestina.

Esse módulo, inicialmente planejado para duas aulas, exigiu, no entanto, quatro aulas para ser finalizado, o que resultou em um texto coletivo planejado e construído com muito esforço, dedicação e persistência.

Conforme Marinho,

[...] Abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a Literatura de Cordel, e a literatura popular como um todo, é uma conquista da maior importância. Porém, há que se pensar de que modo efetivá-la tendo em vista a formação de leitores (Marinho, 2012, p.11).

Assim sendo, a integração da Literatura de Cordel no ambiente escolar promove uma conquista significativa para a escola e principalmente para os alunos. É importante experimentar algo que não conhecemos ou que não tivemos a oportunidade de vivenciar. Quando isso acontece, e descobrimos que somos capazes de fazer, ficamos imensamente realizados. Essa experiência se manifestou durante a escrita do cordel coletivo com toda a turma, do qual cada aluno participou da melhor maneira possível e de acordo com suas possibilidades.

Na sequência, apresentamos o cordel coletivo produzido pelos alunos do 9º ano C.

Sonhos

Todos nós temos um sonho,
Mas tudo é ilusão.
A vida é pra vencer,
Com a imaginação.
Mas, tudo isso é bom,
Não passa de invenção.

Aqui estou a pensar,
Chego a ter anseio.
Falta até o meu ar,
Porém, com muito receio,
Sinto forte desejo,
Digo: É hora do passeio.

O mundo é imenso,

Tem que ter perseverança,
Naquilo que estende,
Uma grande confiança,
Mas com objetivos,
Foco e esperança.

Seguirei adiante,
Para o crescimento,
Com minha transformação,
Segue o andamento,
Para nossa jornada,
Do desenvolvimento.
Na minha aventura,
Tenho desembaraço,
Porque estou a seguir,
Em busca de espaço
E ter uma grande meta
E não sair do passo.

Segue firme na vida,
Com a determinação,
Não cabe nesse cordel,
De tanta satisfação.
Na nossa caminhada,
Vai ter realização.

(Alunos e alunas do 9º ano C vespertino)

4.2.10 Módulo 9: Produção de cordéis a partir de contos populares

Para iniciar o módulo, distribuimos contos populares entre os alunos e eles escolheram um conto para ler em casa. No entanto, infelizmente, nem todos os alunos conseguiram realizar a atividade em casa. Para dar continuidade à sequência da atividade, que consistia em resumir o conto escolhido e verificar as características da história, como os personagens, o enredo, o conflito e a moral, organizamos pequenos grupos.

Com os alunos reunidos em grupos, para finalizar a leitura que estava sendo feita em casa, foi pedido para que os alunos falassem sobre o conto que estavam lendo, tirassem algumas dúvidas, se houvesse, e compartilhassem com seus colegas o que entenderam da história.

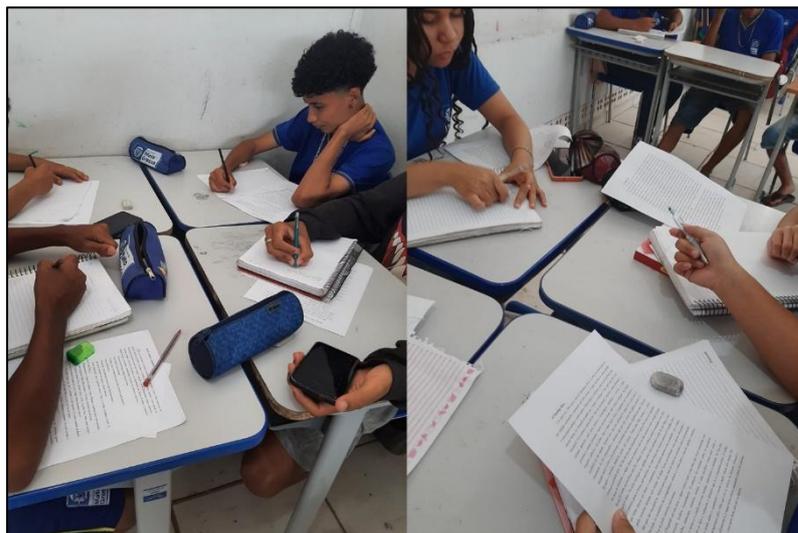
É importante realizar essas intervenções para que o estudante compreenda a relevância da leitura que está fazendo. Como afirma Cosson,

A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura (Cosson, 2021, p.62).

Em concordância com o autor, é importante ressaltar que o acompanhamento das atividades se faz necessário, mas sem invadir o espaço do aluno. Por isso foi organizada uma estratégia pedagógica que possibilitou uma participação efetiva de todos no módulo, especialmente porque temos conhecimento que os alunos possuem algumas dificuldades relacionadas à leitura e escrita, ainda mais quando a atividade não é desenvolvida no ambiente escolar.

Em seguida, os alunos escreveram um cordel inspirado nos contos lidos, utilizando rimas, a estrutura característica do cordel e explorando a cultura nordestina em seus textos. (vide Figura 17).

Figura 17 - Alunos realizando leitura e escrita de adaptação em cordel



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Como mostra a Figura 17, os alunos realizaram a leitura e produziram adaptações a partir dos contos populares "Contos" (2014) (textos recolhidos por Câmara Cascudo¹⁰): "O

¹⁰ Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) foi um folclorista, historiador, professor e jornalista brasileiro. Foi um dos mais importantes pesquisadores das manifestações culturais brasileiras. Disponível em: https://www.ebiografia.com/luis_da_camara_cascudo/. Acesso em: 11 jan. 2024.

Caboclo, o Padre e o Estudante", "O Mendigo Rico", "Os Quatro Ladrões", "A Cumbuca de Ouro e os Marimbondos", "Conto de Pedro Malasartes" e "Malasartes Cozinhando Sem Fogo".

Em relação à atividade desenvolvida em sala de aula, de adaptar os contos populares em cordel, é relevante destacar que o aluno, ao adaptar os contos em cordel com a variedade popular e explorar a cultura nordestina em seus textos, pode estabelecer uma comparação entre a obra original e a adaptação em cordel. Segundo Marinho,

As adaptações para versos – em folhetos ou em livros- vêm ganhando força neste início do século XXI. Curiosamente, na primeira metade do século passado houve uma produção significativa de adaptações de romances para o cordel, folhetos como Romance do Conde de Monte Cristo, de José Costa Leite, História da escrava Isaura, de Silvino Pereira da Silva e Os mártírios de Jorge e Carolina, que narra a história do romance A viúvina, de José de Alencar (Marinho, 2012, p.116 - 117).

Além do mais, a adaptação de obras literárias para cordel é uma prática que vem crescendo na literatura popular brasileira, proporcionando que os clássicos sejam recontados de uma forma acessível e interessante para o público do cordel preservando assim a tradição dessa forma artística popular.

E, na última aula do módulo, as adaptações dos cordéis produzidos pelos alunos foram lidas em voz alta para a turma. Em seguida, foi realizado um debate sobre as diferenças e semelhanças entre os cordéis e os contos originais. Para finalizar, os cordéis produzidos pelos alunos foram expostos em forma de varal. (vide Figura 18).

Figura 18 - Cordéis produzidos e expostos em varal



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

4.2.11 Módulo 10: Trovando cultura: uma feira de Literatura de Cordel

Desde o princípio da construção do projeto de intervenção, que culminou na Sequência Didática apresentada neste capítulo, pretendíamos que os estudantes realizassem um momento de aprendizagem e descontração entre a turma e a comunidade escolar para apresentarem suas pesquisas e produções e que não ficasse somente em sala de aula.

Pensando nisso, idealizou-se uma Feira de Literatura de Cordel que foi realizada pelos alunos, juntamente com a professora, para a comunidade escolar em uma tarde com diferentes atividades: murais com reportagens sobre cordelistas; Literatura de Cordel e curiosidades sobre variação linguística; xilogravura; exposição de folhetos produzidos pelos alunos; livretos de cordéis para leitura dos visitantes; atividade interativa (quebra-cabeça); oficina de isogravura (isopor), realizada pelos próprios alunos para os visitantes; declamação de um cordel coletivo produzido pelos alunos para a comunidade escolar.

Na figura a seguir, pode ser observado o empenho dos alunos preparando as atividades para serem apresentadas na Mostra Pedagógica e Ação de Graças que acontece na escola.

Figura 19 - Preparando as atividades para a Feira de Literatura de Cordel



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Na Figura 19, como dito, há uma mostra de que os alunos se empenharam e todos participaram na preparação das atividades, mas alguns alunos não só ajudaram em sala de aula como também se dispuseram a apresentar no dia, o que ocorreu em 25 de novembro de 2023.

Esse módulo teve seu ápice dentro da Mostra Pedagógica e Ação de Graças que aconteceu na Escola Estadual Rui Barbosa, em sala de aula, onde aconteceram apresentações de trabalhos e projetos desenvolvidos pelos alunos: apresentações diversas, roda de conversa, declamação de cordel e encerramento com o guarda-roupa solidário¹¹.

Os alunos estavam motivados e ansiosos para a apresentação de algumas atividades que desenvolveram no decorrer dos módulos, principalmente por causa da oficina de xilogravura, na qual foi utilizada a técnica com o isopor, denominada isogravura. Eles não esperavam que o trabalho deles tivesse tantas visitas e isso causou bastante entusiasmo nos alunos e nos visitantes, em especial nas crianças. Os visitantes realizaram leitura dos cordéis que estavam em cima de uma mesa, tiraram foto no painel, participaram da oficina, e tudo isso foi criado de uma forma que o ambiente remetesse à uma feira nordestina. (vide Figura 20).

Figura 20 - Feira de Literatura de Cordel na Mostra Pedagógica e Ação de Graças na Escola Estadual Rui Barbosa



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

4.2.12 Produção final

A proposta inicial era compartilhar todos os cordéis produzidos pelos alunos ao longo do projeto em um *e-book*. No entanto, antes de iniciarmos o projeto com a turma, analisamos o que seria melhor para a turma. Sendo assim, fizemos algumas alterações nos módulos em

¹¹ O Guarda-Roupas Solidário é uma iniciativa do projeto "Eu Sou da Paz e Você?". Este projeto já vinha sendo trabalhado nos anos anteriores na escola. Seu objetivo é promover a troca de roupas, incentivando a prática de não guardar o que não é utilizado em prol de algo que possa ser útil para outra pessoa. Informação fornecida pela Coordenadora da Escola Estadual Rui Barbosa em 22 de abril de 2024.

relação a produzir em cada módulo um cordel individual ou em grupo. Verificamos que, nos primeiros momentos, os alunos precisavam de um tempo maior para elaborarem seus textos e compreenderem a dinâmica exigida pelo gênero textual cordel.

A maior preocupação era que eles não se sentissem desmotivados para desenvolverem os módulos propostos. Portanto, decidimos trabalhar com as atividades de forma efetiva, proporcionando, ao mesmo tempo, segurança e confiança aos estudantes. Assim, cada módulo foi repensado e alterado, ajustando-se as atividades de acordo com o nível da turma.

Diante do exposto, optamos por uma abordagem mais flexível e adaptável às necessidades dos alunos. Além do mais, o objetivo maior era que os alunos desenvolvessem as atividades de cada módulo para compreenderem melhor sobre a variação linguística e como escrever um cordel, visando estimular a criatividade e permitindo uma variedade de abordagens.

Nesse contexto, após finalizarmos os módulos, foi solicitado aos alunos que realizassem mais uma produção de um texto no estilo do gênero textual cordel, agora que eles já tinham vivenciado todas as etapas do projeto de intervenção, possibilitando assim uma comparação e um levantamento da aplicabilidade da Sequência Didática como instrumento pedagógico na aprendizagem dos alunos.

Diante disso, reafirmamos que a Sequência Didática é um conjunto de atividades pedagógicas estruturadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual, como os autores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) afirmam:

Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades de interesses múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se de noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 96).

É importante ressaltar que o ensino de gêneros textuais facilita que os alunos desenvolvam suas habilidades de expressão oral e escrita em diversas situações de comunicação.

Para começarmos a escrita, assistimos ao vídeo da música “Passarinhos” do rapper Emicida e realizamos um debate em relação à desigualdade social. A partir da música e do debate, os alunos produziram seus cordéis. Na segunda etapa, realizamos as correções dos textos junto com os alunos em sala de aula. Eles escreveram seus textos e, depois de feitas as correções, os digitaram. Alguns alunos ainda não conseguiam escrever seus cordéis utilizando as rimas e sextilhas e precisaram de ajuda para produzir, enquanto outros já conseguiam. Nesse contexto, cabe salientar que nosso objetivo não foi transformar os alunos em escritores, mas

sim vivenciarmos as etapas de produzirem um cordel. E conseguimos realizar isso com sucesso, pois todos participaram da produção final, escrevendo seus textos.

Na sequência, os alunos foram convidados a criar um *e-book* que teve como propósito compartilhar os cordéis que eles produziram. Antes de os alunos iniciarem suas atividades, foi passado um tutorial de como montar um *e-book* gratuito, que está disponível no *site* Canva por meio do *link* https://www.canva.com/pt_br/criar/ebooks/.

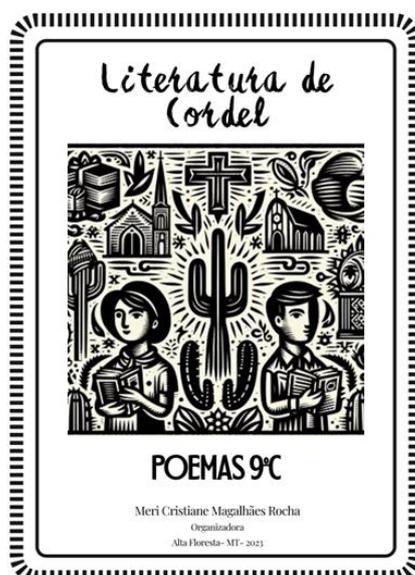
Após terem visto o tutorial, foi proposta a cada dupla/trio a elaboração de um *e-book* (livro digital), usando o Canva e/ou outras ferramentas digitais de criação. As etapas do processo de criação e edição do *e-book* foram as seguintes:

- Edição e revisão dos cordéis pelos alunos, com a ajuda da professora.
- Criação do *e-book* pelos alunos, incluindo a seleção de imagens e a formatação do texto.
- Revisão final do *e-book* e apresentação para a turma.

Além disso, é válido ressaltar que o processo de criação do *e-book* não apenas fortaleceu o envolvimento dos alunos com a Literatura de Cordel, mas também proporcionou uma experiência enriquecedora no âmbito cultural e educacional. O *e-book* foi compartilhado com a turma, a escola e outras pessoas interessadas em Literatura de Cordel. Como já foi mencionado, o propósito dessa produção foi fazer com que os alunos se sentissem motivados e valorizados com a publicação de suas obras, além de disseminar a cultura nordestina e brasileira por meio da Literatura de Cordel.

É importante destacar que o *e-book* pode ser compartilhado com outras escolas, professores e alunos, ampliando o alcance e o impacto de nosso projeto.

Figura 21 - Capa do *e-book*



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Na Figura 22, os alunos estão revisando os seus textos e utilizando o recurso do *Chromebook* para digitarem e montarem o *e-book*. Foi organizado um esquema de revisão, no qual os alunos podiam tirar dúvidas em relação à estrutura, tanto com a professora quanto com os colegas da turma. Todos estavam empenhados para finalizar a produção final.

Figura 22 - Produção Final



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Outro ponto importante do nosso trabalho foi que os alunos compreenderam a importância de valorizar a variação linguística e também que precisam aprender a dominar a variedade padrão da Língua Portuguesa, pois é cobrada fora do espaço escolar.

Com relação a isso, de acordo com Bortoni-Ricardo,

No Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade impositiva (Bortoni-Ricardo, 2005, p.14).

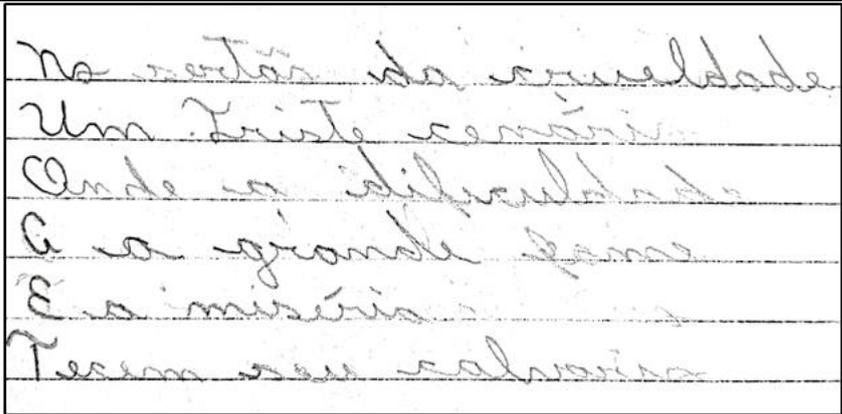
É relevante salientar que a escola precisa ser um espaço aberto de aprendizagem para o ensino da língua e valorizar as diferentes formas de linguagem que existem na sociedade.

No quadro 5 apresentamos alguns trechos da primeira versão da Produção Final e o texto revisado e digitalizado pelos alunos, que demonstram uma variedade linguística nos seus textos. Percebemos que os módulos trabalhados contribuíram para superar algumas dificuldades

encontradas no decorrer das atividades. O cordel produzido é um resultado coletivo, no qual os alunos absorveram as informações e se desenvolveram dentro de seus limites.

Quadro 5 - Produções Finais dos alunos do 9º ano C

Primeira versão da Produção Final	Produção Final
<p>TRAÇOS da VIDA desigual na sertão da vida Onde o sol arde A Desigualdade Tece seu triste corde Nos Veredas da Miséria Um lamento ecoa.</p>	<p>Traços de uma vida desigual No sertão da nossa vida, Onde às vezes o sol arde, Muita desigualdade Compõe seu triste acorde. Nas veredas da miséria, Um lamento de verdade. ...</p>
<p>Arquivo produzido pela aluna P.H.M.R.</p> <p>Dia a dia todas as vezes que saio vejo diversas pessoas com atitudes de preconceito e as pessoas tratam como dogmas proibindo dando amarguras na escola, trabalho...</p>	<p>O dia a dia Todas as vezes que saio, Vejo diversas figuras. Com piadas de mau gosto, O preconceito que dura. E tratam como elogio, Na escola, uma amargura. ...</p>
<p>Arquivo produzido pela aluna L.K.S.</p> <p>Vou contar uma história Que acontece todo dia uns tem trabalho outros nem tem faca sem respeitados por todo a sociedade</p>	<p>Desigualdade no trabalho Eu vou contar uma história Que acontece todo dia. Uns têm onde trabalhar, Outros nem têm alegria. E não são tão respeitados, Como todos deveria. ...</p>
<p>Arquivo produzido pelo aluno D.R.L.</p>	

	<p>A miséria que consome No sertão da crueldade, Existe um triste cenário, Onde tem dificuldade, Tudo é mais solidário. É grande a fome e a miséria, E tece-se o seu calvário.</p> <p>...</p>
Arquivo produzido pelo aluno K.R.S.G.	

Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Finalizamos o projeto de intervenção, apresentando, por meio de eslaides, toda a trajetória realizada pelos alunos. Realmente, foi um momento único de troca de conhecimento. Os alunos também apresentaram as adaptações dos contos em cordel e uma aluna declamou o cordel coletivo que a turma escreveu.

Figura 23 - Apresentação das adaptações dos contos em cordel



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 24 - Apresentação dos módulos finalizados



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Para finalizar a nossa tarde com cordel, fizemos uma foto com os alunos que estavam presentes, o palestrante e a professora pesquisadora da turma. Mais uma etapa vencida.

Figura 25 - Alunos, professora pesquisadora e professor palestrante



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Assim, consideramos que a nossa pesquisa interventiva foi um estímulo para a valorização cultural e linguística dos alunos. Isso despertou nos estudantes um interesse maior ao verem suas produções individuais e coletivas sendo destacadas e enaltecidas. Dessa forma, podemos confirmar a importância de os educadores unirem a pesquisa em sua prática pedagógica. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo nos diz que

O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática pedagógica com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 32-33).

Outrossim, a integração da pesquisa na prática docente é importante para o desenvolvimento profissional e para o aprimoramento do processo de ensino- aprendizagem.

Na sequência, apresentaremos as considerações finais deste trabalho de pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociolinguística Educacional tem o potencial de enriquecer a experiência pedagógica ao utilizar a Literatura de Cordel como ferramenta para valorizar a diversidade linguística. Isso, por sua vez, promove uma abordagem inclusiva no aprimoramento das habilidades de escrita e leitura dos alunos. Nesse sentido, percebemos a importância de se trabalhar a variação linguística por meio da Literatura de Cordel nas aulas de Língua Portuguesa. As estratégias, tais como pesquisa, atividades em grupo, audição de áudios, apresentação de eslaides informativos, apresentação da pesquisa, confecção de material para a feira de cordel e produção dos cordéis, demonstraram eficiência na abordagem de algumas inadequações relacionadas à leitura e à escrita. Com base nos resultados obtidos durante a condução da pesquisa, podemos afirmar que os objetivos propostos foram atingidos.

Entre os resultados mais significativos, destacamos a produção de cordéis a partir de contos populares. Após a leitura, os alunos puderam socializar o que leram com os colegas e, em seguida, escrever um cordel ou adaptar um conto popular em cordel, utilizando a variedade popular e explorando a cultura nordestina em seus textos. Essa estratégia metodológica permitiu estabelecer uma comparação entre a obra original e a adaptação em cordel. Constatamos que essa atividade foi de suma importância para que os alunos compreendessem a leitura e a escrita.

Além disso, a Literatura de Cordel contribuiu muito para o estudo da variação linguística, proporcionando um espaço enriquecedor para desconstruir alguns preconceitos sociais e linguísticos e também promover uma compreensão mais respeitosa em relação às diversidades linguísticas e culturais.

No que diz respeito às variações linguísticas presentes nas letras de músicas de diferentes regiões do Brasil, os resultados obtidos revelaram a relevância da pesquisa conduzida na plataforma Localingual. Nesse contexto, os alunos tiveram a oportunidade de demonstrar uma melhor compreensão das variações semântico-lexicais e diatópicas ao utilizarem a Literatura de Cordel no contexto escolar. Esse entendimento foi um recurso valioso para o desenvolvimento da aprendizagem da leitura e escrita. Sendo assim, a atividade de conhecer a linguagem regional, enfatizando as variações linguísticas nas letras das músicas, associada à pesquisa na plataforma Localingual, culminando na apresentação para os colegas de sala de aula, destacamos como uma experiência enriquecedora.

Ainda no que tange aos resultados, todos os módulos foram importantes para a construção do resultado final, proporcionando uma experiência única aos alunos. Eles puderam

vivenciar diversas atividades e expressar seus sentimentos e os conhecimentos adquiridos, interagir com os colegas de sala e refletir sobre como ocorre o processo da leitura e da escrita.

Os resultados apresentados também oferecem evidências sobre como a Sociolinguística Educacional contribui para o avanço do ensino de língua. Nessa abordagem, a orientação pedagógica leva em conta a realidade linguística dos falantes, sem negligenciar o ensino reflexivo da norma culta e sua importância para a competência linguística do aluno. Assim, este estudo proporcionou uma visão diferenciada e contextualizada da Língua Portuguesa, destacando sua dinâmica, diversidade e constante evolução, bem como auxiliando os alunos na compreensão desses aspectos linguísticos. Tudo isso foi feito por meio de uma abordagem pedagógica que explorou a Literatura de Cordel, valorizando suas diversas formas de linguagem e promovendo uma educação inclusiva.

Acerca das limitações presentes neste estudo, destacamos a questão do tempo. No decorrer do desenvolvimento do projeto de intervenção, várias atividades foram realizadas pelos alunos do 9º ano C, como as provas do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAED), Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e avaliações do Sistema Estruturado de Ensino (SEE). Dessa forma, as atividades do projeto de intervenção foram desenvolvidas simultaneamente à preparação dos alunos para a prova do SAEB, entre outras.

Contudo, é preciso enfatizar que, apesar das várias atribuições de atividades que os alunos tiveram que realizar, conseguimos conciliar de maneira harmoniosa o projeto de intervenção com as atividades concomitantes. No entanto, ressaltamos que, se os alunos não tivessem tantas atribuições, o resultado, certamente, seria melhor.

Além disso, é importante salientar a etapa da produção final no contexto do projeto de intervenção. Durante esse processo, observamos que, apesar de todas as etapas terem sido realizadas com a participação de todos, alguns alunos ainda precisaram de ajuda para organizarem seus textos em relação às métricas e rimas. No entanto, como já foi mencionado, nossa intenção não foi transformar os alunos em escritores, mas sim proporcionar que vivenciassem a experiência da leitura e da escrita.

Assim, observamos que este estudo foi essencial para auxiliar os estudantes a desenvolverem suas competências linguísticas a partir de uma educação efetiva para a formação leitora e escritora dos estudantes, valorizando a diversidade linguística e desconstruindo preconceitos sociais e linguísticos.

Concluimos que a sequência didática apresentada pode contribuir para a divulgação da Literatura de Cordel em atividades de leitura e escrita, podendo inspirar novas práticas pedagógicas no ensino de Língua Portuguesa por meio dos elementos teóricos e metodológicos

aqui apresentados, servindo de apoio a professores que desejem inserir a Literatura de Cordel em sua prática em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Mercado das letras, 1999.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Graça. **Literatura: a formação do Leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ALVES, Renata Cristina. **Uma experiência com a produção do texto literário: o cordel no processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

ANDRADE, Cláudio Henrique Salles; SILVA, Nilson Joaquim da. **Para gostar de ler- Feira de versos: poesia de cordel**. São Paulo: Ática: 2004.

ANTUNES, Cristina (org.). **História no varal: três cordéis de romance e aventura**. 2. ed. Belo Horizonte, Editora Gutenberg, 2018.

ANTUNES, I. C. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ANTUNES, Irlandé. **Língua, texto e ensino**. Outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

AYALA, Maria Ignez N. Aprendendo a apreender a cultura popular. *In:* (org.) **Pesquisa em literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BIDERMAN, M. T. C. O Léxico, **Testemunha de uma cultura**. Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística de Filologia Românica. Universidade de Santiago de Compostela, 1989.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2019.

BORTONI-RICARDO, S. M.; FREITAS, V. de L. Sociolinguística Educacional. DERMEVAL, H; ALVES, EF; ESPÍNDOLA, FC. **Revista da Abralín**, v. 40, 2009.

BORTONI-RICARDO, S.M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BORTONI-RICARDO, STELLA MARIS. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular - **Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

CANÇADO, M. **Manual da Semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CARVALHO, Anna Christina Farias de. Ecocrítica no cordel “O clamor do meio ambiente”. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 11. n. 34, fev. 2017. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/681>. Acesso em: 4 dez. 2023.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2 ed., 12ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros, textos e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, Bernard. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989, p. 9-14.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989, p. 9-14.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel**: Leitores e Ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. 2 ed. São Paulo, Claridade, 2019.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de Cordel**: do sertão à sala de aula. São Paulo, Paulus, 2013.

KLEIMAN, Ângela B. **Leitura**: ensino e pesquisa. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

LINHARES, T. R. S. Literatura de Cordel, uma mídia em evolução. **Câmara brasileira de Jovens Escritores**. Seção Literatura de Cordel. Disponível em: <http://www.camarabrasileira.com/cordel90.htm>. Acesso em: 05 dez. 2023.

MARINHO, Ana Cristina. PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MEYER, Marlyse. **Autores de cordel**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTA, Leonardo. (1921). **Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

PAULINO, Suzana Ferreira. Livro tradicional X Livro Eletrônico: a revolução do livro ou a ruptura definitiva? **Hipertextus**, n.3, jun. 2009.

PINHEIRO, José Helder. Literatura de Cordel na escola: vivência artística ou utilitarismo. *In*: LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira; FILHO, Francisco Alves; COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da (org.). **Colóquios linguísticos e literários: enfoques epistemológicos, metodológicos e descritivos**. Teresina: EDUFPI, 2011.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. *In*: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática. 2006, p. 32-38.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO- **PPP** – da Escola Estadual Rui Barbosa. Alta Floresta- MT, 2023.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. **Memória das vozes: cantoria, romanceiro & cordel**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SANTOS, J. C. Oficina de Literatura de Cordel: uma experiência com educadores das escolas rurais no/do campo. *In*: Odimar João Peripolli; Rosana Maria Breier Neideck; Alceu Zoia. (org.). **Formação Continuada: o diálogo necessário entre a universidade e os educadores do campo**. 1 ed. Lajeado - RS.: Editora UNIVATES. 2017. p. 113-131.

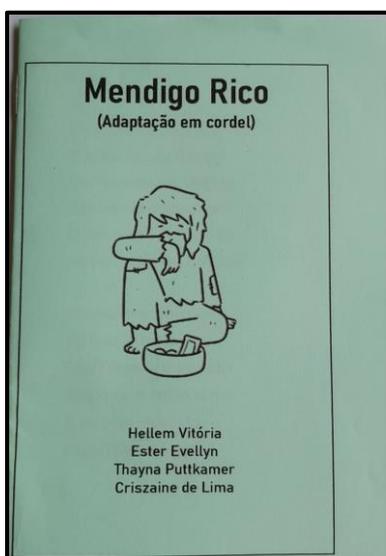
SANTOS, Josivaldo Constantino dos. **UNEMAT 40 anos e outras histórias acadêmicas: em literatura de cordel**. 2 ed. Sinop, MT: Ações Literárias editora, 2020.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

APÊNDICE A

APÊNDICE: CAPAS E TRECHOS DAS ADAPTAÇÕES, A PARTIR DOS CONTOS POPULARES, PRODUZIDOS PELOS ALUNOS.



O mendigo rico

Um dono de uma fazenda
E sítios foi procurado,
Por um homem aleijado
Em um cavalo montado
O rapaz deu-lhe comida,
Abrigo, pois era honrado.

Uma esmola foi dada,
Ao pobre, e ele partiu.
Logo depois, o aleijado
Retornou e então sorriu.
E foi bem recebido
Pelo moço tão gentil.

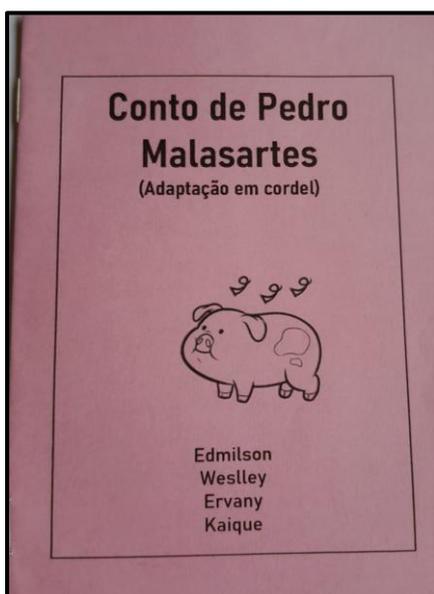
...

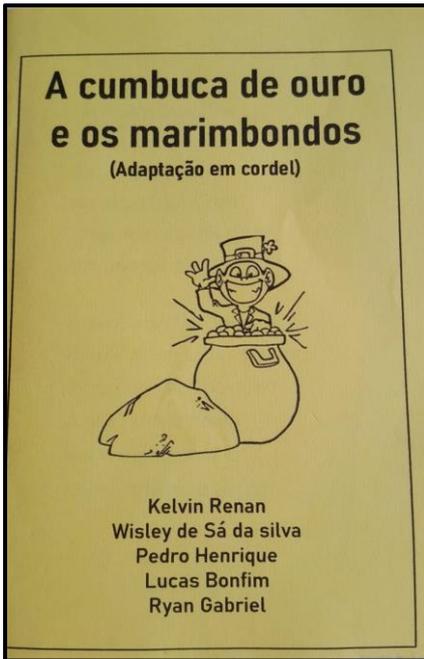
Conto de Pedro Malasartes

Pedro ajustou-se na fazenda
Precisava trabalhar
Estava picando inhame,
Para porcada a engordar.
E tropeiros chegaram,
E ficaram a sondar.

Então eles perguntaram
De quem era aquele gado?
Se vende, bota preço,
Pedro ficou empolgado
Quis logo negociar,
Era muito decidido.

...



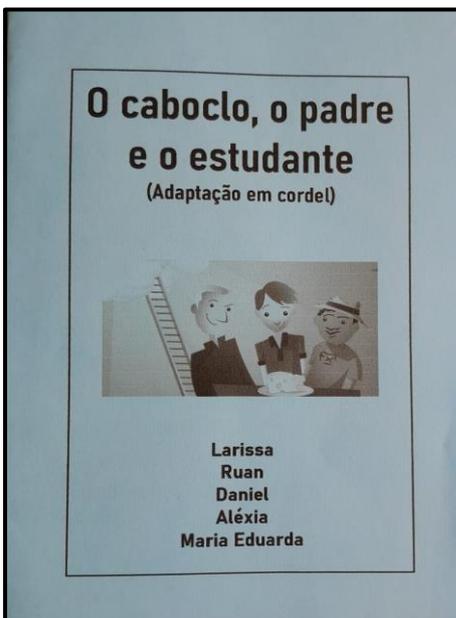


A cumbuca de ouro e os marimbondos

Havia dois homens,
Um rico e um pobre.
Ele pregava peça
No seu amigo nobre.
O pobre pediu-lhe
Um pedaço de cobre.

Assim, trama se tecia,
Então, o pobre quis plantar.
O rico faz peça no outro,
A pior terra a lhe dar.
Foi lá dizer à mulher,
Foram à terra, a sondar.

...



O caboclo, o padre e o estudante

Um estudante e um padre,
Iam pelo interior.
O seu guia era um caboclo,
Na casa tinha um senhor.
Um queijo eles ganharam,
Não dividiam com vigor.

O padre sábio disse,
Para que todos dormissem.
O queijo será de quem
Um sonho lindo tivessem.
E durante toda a noite,
Então, agora, descansassem.

...



Malasartes cozinhando sem fogo

Ele chegou à cidade,
Festas e bares gastou.
O dinheiro na alegria,
A panela ele comprou.
Com um pouco de comida,
E seu rumo procurou.

E no meio do caminho,
Vê uma casa abandonada.
Parou para descansar,
Depois seguir a jornada.
Acendeu o fogo,
Botou comida guardada.

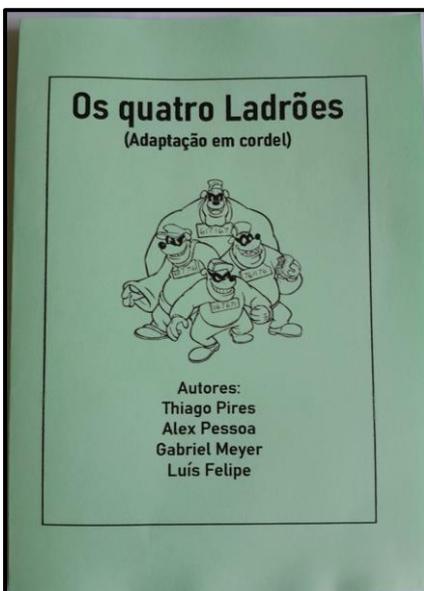
...

Os quatro ladrões

Quatro ladrões bem espertos,
Na sombra pra descansar.
Num domingo de manhã,
Viram um carneiro passar.
Era muito grande e gordo,
não podiam deixar.

Eles queriam furtá-lo,
E comê-lo bem assado.
Então acertaram o plano,
Sem pensar no passado.
E se espalharam no mato,
E tudo estava traçado.

...



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

APÊNDICE B**APÊNDICE: *E-BOOK***

Literatura de Cordel



POEMAS 9º ANO C

Meri Cristiane Magalhães Rocha

Organizadora

Alta Floresta- MT- 2024

Literatura de Cordel

**Alunos do 9ºAno
Escola Estadual Rui Barbosa**

POEMAS 9ºANO C

Meri Cristiane Magalhães Rocha

Organizadora

Alta Floresta- MT- 2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Divisão de Biblioteca da UNEMAT Catalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

Rocha, Meri Cristiane Magalhães.
Literatura de Cordel / Meri Cristiane Magalhães Rocha. -
Sinop, 2024.
59f. : il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Letras/SNP-PROFLETRAS - Sinop - Mestrado
Profissional, Campus Universitário De Sinop.
Orientador: Neusa Inês Philippsen.

1. Literatura de Cordel. 2. Ensino Fundamental. 3. e-Book
Digital. I. Philippsen, Neusa Inês. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 82.02:398.51

ISBN: 978-65-00-79436-6

É permitida a reprodução parcial ou total desta publicação, desde que citada a fonte.

Tudo o que o poeta pensa
Sente, ou o que vai fazer
Ele expressa em seus versos
Para o povo conhecer
Ele transforma em rima
Sua arte de viver.

(Josivaldo Santos)

e-book em versos



Os poemas presentes no *e-book*, em versos, foram pensados e escritos a partir de várias leituras de folhetos de cordel e estudos realizados durante as atividades desenvolvidas no projeto de intervenção.

Os 25 poemas são de autoria dos alunos do 9º Ano C da Escola Estadual Rui Barbosa de Alta Floresta/MT, sendo resultado do projeto de intervenção SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL E LITERATURA DE CORDEL COMO APORTES PARA DESENVOLVER A LEITURA E A ESCRITA CONSIDERANDO A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT (Parecer: 6.130.762). A orientação foi realizada pela professora Neusa Inês Philippsen e execução foi conduzida pela professora Meri Cristiane Magalhães Rocha – durante o processo de mestrado PROFLETRAS da Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT, Campus de Sinop/MT- 2023.

Sumário

Prefácio.....	8
O seu conhecimento é tudo - Alex.....	10
Um mundo melhor - Alexia Maria	12
Solidariedade - Ariane.....	14
Desigualdade na sociedade - Criszaine.....	16
Desigualdade no trabalho - Daniel	18
Desigualdade na humanidade - Ervany	20
Clamou por esperança - Ester Evellyn.....	22
O meu lugar - Edimilson	24
Mundo sem humanidade - Gabriel.....	26
O mundo desigual - Hellem Vitória.....	28
Harmonia na Diversidade - Kaique	30
A miséria que consome - Kelvin Renan.....	32
O dia a dia - Larissa	34
Uma realidade injusta - Lucas.....	36
Cordel da igualdade - Luís Felipe	38
Para ser feliz - Marcos Henrique.....	40
Alegria - Marya Eduarda	42
Entre desafios e sonhos - Natieli	43
Traços de uma vida desigual - Pedro Henrique.....	45
Luta contra o Racismo - Ruan Pablo.....	47
As ruas desiguais - Ryan Gabriel	49
A vida - Thayna.....	51
O problema da desigualdade - Thiago	53

A realidade - Wesley	55
Uma triste realidade - Wisley	57

Prefácio

Com muita honra, faço o prefácio dessa bela, instigante e importante obra produzida a muitas mãos. A importância da obra se deve, especialmente, pelo compartilhar os resultados de trabalhos árduos, que necessitaram de muito empenho e dedicação. Dedicação dos alunos, que, ávidos, esperavam o comando para redigirem as poéticas produções, exigindo-lhes criatividade, leituras e pesquisas muitas, assim como revisões e ajustes, imprescindíveis para a boa qualidade de uma obra que se queira compartilhar. Dedicação da professora, que não mediu esforços para desenvolver o projeto de intervenção que resultou nesse robusto e sublime *e-book*. Convém ressaltar que, como agente facilitadora, foi parceira na construção do conhecimento e sensível a uma pedagogia transformadora. Dedicação da comunidade escolar, que apoiou o trabalho desenvolvido e prestigiou os seus resultados.

A sensibilidade no processo do ensino e aprendizagem se deve à construção de um ambiente saudável, agradável e resolutivo, que estimule a todos os partícipes a envolverem-se ativamente na construção do conhecimento. Nesse contexto, nasce a pedagogia transformadora, que, sugestivamente, transforma vidas e valoriza pessoas.



Assim, ambientada com esses propósitos, esta obra intitulada “Literatura de Cordel: Poemas 9º Ano C” é uma mostra de intervenção pedagógica bem-sucedida e inovadora, especialmente porque valoriza a cultura popular, as variações linguísticas e as distintas regiões brasileiras, com destaque à nordestina. Nesse ambiente, de valorização do simples, do bronco e por vezes do matuto, surge também a pedagogia do respeito ao outro e reflexões sobre as desigualdades sociais, que levam, inequivocamente, às variações e variedades linguísticas que perpassam as línguas faladas e escritas.

A Literatura de Cordel, assim, como gênero inovador, serve como âncora para incentivar a leitura, a escrita e o interesse pela cultura, promovendo a participação dos alunos e o desenvolvimento criativo das produções de texto. E é exatamente isso que vemos aqui nos poemas produzidos, que deixam transparecer sensibilidade em cada verso e que comprovam que a boa condução de uma sequência didática é promissora não só para a melhoria no ensino e aprendizagem, mas também para elevar a autoestima de todos os atores participantes, com destaque à professora e aos alunos. Parabéns a todos os envolvidos!

Ah, e não se *avexe* não e *assunta* bem essa obra, porque a professora e os alunos autores *deram o grau*.

Profª Dra. Neusa Inês Philippsen
UNEMAT/Sinop

O seu conhecimento é tudo

Luxo da desigualdade,
A pobreza está na altura.
Na perpétua saudade,
Mesmo que não a procura.
Um mundo de crueldade,
Isso, sem dó, sem doçura.

Uns tem tantos, outros não,
Alguns lutam com bravura.
Para ter o pão na mesa
E ter muita fartura,
Precisa ter esperança
Pra não viver na amargura.

O sol nasce para todos,
Para termos felicidade
E riqueza de verdade,
Viver com simplicidade.
E nada é mais caro do que
Perder a oportunidade.

Quero um futuro melhor,
Não só pra mim, mas pra todos.
Lugar de oportunidade,
Para não sermos derrotados.
Cada qual com o seu espaço,
Para não ser explorado



Buscando o conhecimento,
só você pode fazer.
E quanto antes começar,
mais cedo vai florescer.
Não precisa do passado,
precisamos entender.

Conhecimento se faz
Do que aprendeu,
E pode multiplicar
O que entendeu.
É a ponte do futuro,
De tudo que defendeu.

(Alex Pessoa Lopes)

Um mundo melhor

Sobre o lugar onde eu moro,
Problemas não têm igual.
As pessoas que aqui vivem,
Necessitam de um sinal,
Pra viver com dignidade,
Buscando o espiritual.

Cada um, encanto de um jeito,
De vestir e de falar.
Tem momentos de sucesso,
Para seguir e sonhar.
Tem momento de fracasso,
E o ensino nos faz lutar.

Pra sermos ainda melhores
Na nossa comunidade,
Temos que respeitar o próximo,
Devemos ter dignidade,
Construir em comunhão
Para termos mais verdade.

É preciso cultivar
A paz, mas, infelizmente,
Há a falta de respeito,
Afeta muita gente.
Por não ser muito educado,
Trata todos diferente.



E quando houver mais respeito,
Não haverá desigualdade.
E o mundo será melhor,
Pra termos fraternidade.
Justiça e também coragem,
Para todos, igualdade.

É através destes versos
Que um mundo melhor desejo,
Um lugar que seja bom
Pra minha família e amigos.
Enfim, onde todos eles
Possam morar com respeito.

(Aléxia Maria de Lima Sátiro)

Solidariedade

Lá na cidade onde moro,
Conheço muita gente.
Com certa dificuldade,
No lar, tudo é ausente.
Os alimentos e roupas,
Uma vez que são carentes.

As pessoas que eu conheço,
O que eu puder ajudar,
Eu ajudo e ainda poderia
Pedir para outros apoiar,
E respeitar as pessoas,
Para o mundo transformar.

Os lugares que frequento,
Às vezes colaboram.
Igualdade, transparência,
É bom ver que não ignoram.
Também respeitam o próximo,
Sempre os outros ajudam.

Tenho vizinhos que são
Prestativos com o próximo.
São solidários com todos,
Têm empatia e são ótimos.
E, tendo alguém que precise
De algo, sentirá o máximo.



Os meus amigos se entendem,
 Se unem e têm igualdade.
 E não deixam ninguém fora,
 Quando tem dificuldade.
 Ou algo bem desagradável,
 Conversam com lealdade.

Também na minha família,
 Todos têm educação.
 Somos sempre muito unidos,
 temos colaboração.
 Cultivamos valores,
 Sempre com dedicação.

E na escola onde frequento,
 Eu vejo várias pessoas
 Que tratam os seus colegas
 Com indiferença à toa.
 E, com falta de respeito,
 Ainda, eles ficam de boa.

Isso precisa mudar,
 Um problema que entristece.
 É o momento de agir,
 Se unir porque isso acontece.
 Fazemos a diferença,
 Que a maldade não aparece.

(Ariane Unfriend Lima)

Desigualdade na sociedade

O sol brilha sem igual,
Na sombra a se entrelaçar.
Crianças estão famintas,
E tristezas a ecoar.
Os sonhos que se desfazem,
Cicatrices a sangrar.

Esses crimes sociais,
São como feras selvagens.
A desigualdade avança,
É preciso ter coragem.
Juntos em um mesmo barco,
E sem perder a vantagem.

Brasil, há desigualdade,
Toma conta da cidade.
Pobreza em todo lugar,
Alastra a realidade.
E só não vê quem não quer,
Ricos vivem na vaidade.

Os pobres só trabalham,
Mas ainda não são ninguém.
A desigualdade injusta,
Com todos e não faz bem.
Não conseguem mais viver,
E ainda se tornam refém.



A vida dura, cruel,
 Quando fala de dinheiro.
 O rico quer segurança,
 Pobre tem que ser ligeiro.
 O pouco salário voa,
 Persistir é ser guerreiro.

Outros gastam seu dinheiro
 Com tantas coisas banais.
 E sem pensar em ninguém,
 Querem ainda sempre mais.
 Ignoram suas dores,
 E só querem ser iguais.

Nunca vi tanta miséria,
 Tristeza e desolação.
 O Brasil é muito grande,
 Há muita corrupção.
 Não cuidam da nação,
 Enquanto andam de carrão.

Enquanto uns morrem de fome,
 A miséria destrói sonhos.
 Vivemos com incerteza,
 Precisamos fazer planos.
 Pra ter comida na mesa,
 Pois somos todos humanos.

(Criszaine de Lima Meyer)

Desigualdade no trabalho

Eu vou contar uma história
Que acontece todo dia.
Uns têm onde trabalhar,
Outros nem têm alegria.
E não são tão respeitados,
Como todos deveria.

Um lugar longe daqui,
Mora um senhor muito rico,
E outro desfavorecido,
Um se chama Frederico.
Sai todo dia arrumado,
O outro não tem nem Jerico.

Um já é bem-visto e aceito
Por nossa sociedade,
E o outro é sempre excluído
E não tem mais liberdade.
No trabalho e na jornada,
É a mais pura verdade.

Define quem tem entrada,
O homem rico que trabalha,
Numa grandiosa empresa,
E vai cedo pra batalha.
Quando passa pelas ruas,
Vê o pobre e suas tralhas.



Certo dia, ele parou
E resolveu perguntar:
"O que você faz aqui?
Como posso te ajudar?"
O pobre, sem entender,
Ficou ali parado a olhar.

Está falando comigo?
Porque ninguém aqui fala.
Eu sou alguém e vou ajudar
Na etapa que a vida embala.
Como posso te ajudar
A sair desta vida que cala?

Eu te agradeço, meu Deus,
Por ter colocado esse homem
No meu caminho de paz.
Vou aceitar, ainda sou jovem.
A ajuda é uma bênção.
Obrigado, amigo. Amém.

(Daniel da Rocha de Lima)

Desigualdade na humanidade

Cada um tem muito valor,
Seja em casa ou na cidade.
Eu decidi: vou escrever,
Falando sobre igualdade.
Mas ainda é um problema,
Na nossa sociedade.

A pobreza é reflexo,
Você pode até não crer.
Do descaso dos políticos,
Do governo que não vê.
Luta do povo do campo,
Para a vida florescer.

E nessa desigualdade,
Chaga aberta, a mente alerta.
Mãos vazias que se estendem,
Rogam ajuda e desperta.
Enquanto poucos só enchem,
Bolsos apenas na oferta.

Educação de qualidade,
Significa claridade,
Pra não haver desigualdade,
Sempre buscar a igualdade.
E construir um futuro,
Onde haja prosperidade.



Pessoas se machucam,
Com tanta desigualdade.
Brutais crimes, oh meu Deus,
Que trazem tantas maldades.
Mas isso é a verdade,
Querem oportunidade.

Não pode comprar o amor,
E nem trocar a alegria.
Caráter não tem penhor,
Bem-querer a gente cria.
E com a vida se aprende,
O sucesso não se adia.

Naquelas ruas escuras,
Um grito se ergue com fúria.
Nas sombras, o oculto emerge,
Com tanta calúnia e injúria.
Vozes intensas clamam,
Para não viver na penúria.

Você não é tão feliz,
Não tem culpa da tristeza.
Dos males da humanidade,
E do mundo, com certeza.
Batalha por igualdade,
Sempre com fortaleza.

(Ervany Railane Bezerra Reis)

Clamou por esperança

Esse mundo, não suporto,
Com tanta desigualdade,
São tantas pessoas sendo,
Vítimas da adversidade.
É época de harmonia,
Para ter fraternidade.

Tanta gente dominada,
Pela riqueza e ilusão.
Este mundo tão cruel,
Precisa ter oração.
Cadê a oportunidade?
E a verdadeira lição.

Quando muitos prosperam,
Eu aqui, só a sonhar,
Com uma oportunidade,
Pra não me preocupar.
Não quero só sonhar,
Eu quero realizar.

O que vale para cada um,
Vale também para todos.
E dizem que a vida é
Feita de escolhas e modos.
Mas não posso nem sorrir,
O rancor, peso de todos.



Eu vou persistir na luta,
Pra esse mundo melhorar.
E tudo é muito incerto;
Não vou deixar acabar
A minha felicidade.
Vou conquistar e lutar.

Para que todos tenham
Igualdade, algum acesso,
Justiça, chances a todos
Assim teremos progresso
Neste mundo tão cruel,
Precisamos de sucesso.

Para que todos possam
De fato, vir a sonhar.
Com a harmonia no mundo,
Deve-se idealizar.
Buscando seus objetivos,
Para um futuro alcançar.

Neste cordel entoamos
Sobre a tal desigualdade,
Para que todos defendam,
Falem a realidade.
Para termos o respeito,
Buscando mais igualdade.

(Ester Evellyn da Silva Oliveira)

O meu lugar

Moro em um lugar legal,
Que é bastante bonito.
Sua beleza me encanta,
Mas eu não gosto de agito.
Gosto das árvores, flores,
Todo verde do infinito.

Onde temos harmonia,
Aqui é bom pra morar.
Sol aquece todo dia,
Ar puro pra respirar.
Gosto de olhar as estrelas
Quando a noite aqui chegar.

Todo dia no meu lar,
Onde fico a descansar,
Gosto mesmo de dormir,
E mexer no celular.
As horas passam rápido,
Sem ao menos pensar.

Com menos desigualdade,
O meu lar seria bom,
E todos viveriam,
Com mais saúde e união.
Todos seriam felizes,
Pra sempre, com emoção.



Gosto de sair pelas ruas,
Olhar lojas na cidade.
Vejo gente trabalhando,
Também tem dificuldade.
Quem precisa melhorar,
Viver a felicidade.

(Edimilson Pinheiro de Farias)

Mundo sem humanidade

Nunca vi tanta pobreza,
desgosto e atribulação.
No país em que moramos,
Quem cuida desta nação?
Uns até morrem de fome
Com a discriminação.

Enquanto o pobre se vira,
Ricos logo se deitam.
Eles comem muito bem,
Enquanto os pobres lutam,
Pra ter algum pão na mesa.
Os ricos se desfrutam.

A desigualdade insiste,
Pobreza em cada lugar.
Também na nossa cidade,
Só basta você olhar.
Muitas pessoas querem,
Um lugar pra trabalhar.

Desigualdade persiste,
Ainda muitos sem trabalho.
Muitos não conseguem
Arrumar nem agasalho.
Gente, sem água potável,
Não alcança nem um atalho.



Por isso, quero lutar,
Ter uma vida melhor.
Com dignidade e respeito,
Para ser um vencedor.
E com muitos benefícios,
Preciso de um professor.

Na escola, também ocorrem
Muita desigualdade.
Alguns com muito dinheiro,
Outros com dificuldade.
E sem ter o que comer,
Outros não têm humildade.

(Gabriel Ribeiro Meyer)

O mundo desigual

A desigualdade e a vida,
Nas vielas da cidade,
Vários crimes sociais,
Destroem com crueldade.
Rios choram a agonia,
Vida com brutalidade.

Igualdade, injustiça,
Indiferença, exclusão,
E pessoas destinadas
À marginalização.
Onde se encontra a miséria,
Passa discriminação.

Ar está envenenado,
Nossas florestas tombam,
A ganância desmedida,
Enquanto alguns prosperam
Com esse crime ecológico.
E que todos condenem.

Esperando que o destino
E o respeito se entrelacem,
Mas sem aquela maldade
E cicatriz que faz o homem.
Outros mendigam migalhas,
Mas sonhos que se desfazem.



No chão da vida, a maldade,
 Uma dança que se vai.
 Dia bonito e o sol brilha,
 Mas a tristeza não esvai.
 O rico sempre empanturra,
 O pobre luta e não cai.

A ganância desmedida,
 A mãe Terra a gemer.
 Com que esperança irá
 Novo mundo florescer?
 E essa discriminação,
 Sumir e se desfazer.

Uma vida desolada,
 Que nos traz uma verdade,
 E também perseverança,
 Dando-nos a liberdade.
 Mas sempre estamos buscando,
 A verdadeira humanidade.

Várias vidas estão presas,
 E vidas que viram brasas,
 Mas ainda continuam,
 Ficando despedaçadas.
 Batalha por igualdade,
 Tristezas são liberadas.

(Hellem Vitória Marinho de Abreu)

Harmonia na Diversidade

Ninguém é melhor do que o outro,
Dor não surge ao nascer.
Na cor da pele de alguém,
Ódio não deve crescer.
Nós somos todos iguais,
Precisamos aprender.

E pode aprender a amar,
Ensinar sem confusão.
Que o racismo é um mal
Que afeta na decisão.
E as relações sociais,
Racismo é exclusão.

Pela cor de sua pele,
Nenhum homem a traduz.
O importante é ter amor,
Humildade que conduz.
Como manda o Criador,
Para encontrar a grande luz.

Nos caminhos da esperança,
Deus criou a humanidade.
De acordo com sua imagem,
Temos que ter igualdade.
Preconceito traz desgosto,
Precisa ter unidade.



A alma pura é preciso,
Para buscar confiança.
O racismo, um ato frágil,
De gente sem esperança.
Desconhecendo parentes,
Trata com indiferença.

(Kaique de Oliveira)

A miséria que consome

No sertão da crueldade,
Existe um triste cenário,
Onde tem dificuldade,
Tudo é mais solidário.
É grande a fome e a miséria,
E tece-se o seu calvário.

No verde dessa injustiça,
O verso que se entrelaça,
As crianças sem escola,
Esperança é escassa.
A terra é sempre fértil,
Mas a colheita fracassa.

Riqueza é exclusiva,
E a pobreza sempre abraça.
No baile da fraqueza,
O abandono é a dança.
Alguns estão sem o pão,
Outros sempre com a graça.

Nas estrofes dessa luta,
Ecoa uma resistência,
Por todas as mãos unidas,
Buscamos a coerência.
Nesse cordel da igualdade,
Seja sempre uma bandeira.



Nesta rima solidária,
Encontramos os compassos,
Para romper as correntes,
Desfazer todo o embaraço.
E que o poeta destrua
O inverso deste fracasso.

No grafite do poeta,
Escorrem os pensamentos,
Sobre aqueles que só querem,
Mas não podem ter momentos.
Sua dignidade aflige
E afeta seus sentimentos.

(Kelvin Renan dos Santos Gomes)

O dia a dia

Todas as vezes que saio,
Vejo diversas figuras.
Com piadas de mau gosto,
O preconceito que dura.
E tratam como elogio,
Na escola, uma amargura.

Cada dia que se passa,
O mundo sem solução.
Oh! Meu Deus, o que fazer,
Pra mudar esse mundão.
E acabar com a maldade,
Tristeza e a desilusão.

Ocorre em todo lugar,
Na escola, principalmente.
E na conversa entre amigos,
Desigualdade presente.
Em comentários inúteis,
Sobre o estilo, infelizmente.

O preconceito machuca,
As pessoas também sofrem.
Situação é difícil,
Uns retrucam e resistem.
Sem saber o que fazer,
Ou falarem o que sentem.



Minha vó às vezes fala,
Sobre um dito popular.
"Deus nos deu só uma boca,
Que usamos para falar.
Dois ouvidos para ouvir,
Mais observar, menos falar."

Todos temos o direito
De ser bem mais respeitado,
Mesmo sem grana no bolso.
Que importa é ser honrado
E o respeito pelos outros
Precisa ser alcançado.

(Larissa Kuster Siqueira)

Uma realidade injusta

Na vastidão deste mundo,
Onde se ergue uma crueldade,
Existe uma sombra amarga,
Que é a desigualdade.
Abismo muito profundo,
Que nos desfaz com maldade.

Por ser superado por,
Seu fim conquistado some.
Nos seus olhos tão cansados,
E dos que sofrem a fome.
A falta do pão e a tristeza,
O destino se consome.

Diferença social
Revela-se e é cruel.
Marca a nossa própria pele,
Isso é inaceitável.
Várias crianças nas ruas,
Sem lar e amor ao léu.

Precisa do acolhimento,
Para que possa amparar.
Alguns poucos têm excesso,
E outros ficam a esperar.
Muitos se privam do básico,
Mas não deixam de andar.



Espero que tudo mude,
A educação deveria
Ter igualdade para todos,
A porta aberta teria.
E todos sempre a seguir,
Mas esforço exigiria.

E mostra um quadro sombrio,
De privilégios sem fim.
E ditam quem o merece,
A verdade é assim.
Pra poder realizar,
Lugar de direito, sim.
(Lucas Bonfim dos Santos)

Cordel da igualdade

Eu vou contar uma história
Que acontece todo dia.
O valor desta igualdade
É que ela traz harmonia.
Para qualquer criatura,
Pobre ou rica, em sintonia.

A igualdade sempre acolhe,
E nos ensina e motiva.
Desperta nosso melhor,
De forma sempre afetiva.
Trazendo um lindo arco-íris,
De uma forma mais ativa.

A igualdade é vital,
Para nós todos os dias.
E nos leva a perceber,
O mapa da geografia.
No encanto do português,
Faço a rima com magia.

Igualdade social,
É um título perfeito.
Para adentrar na cabeça,
Como forma de respeito.
E qualquer um pode ouvir,
E sempre agir desse jeito.



Igualdade muito ensina,
As pessoas a viver.
De uma forma coletiva,
Nessa escola do saber.
Com um jeito delicado,
Sempre na hora de escolher.

As escolhas são importantes,
para qualquer um no mundo.
Escolher melhor as coisas,
De um jeito bem mais profundo.
Precisa ser muito esperto,
Para não ser vagabundo.

Os estudos nessa vida,
Também são muito importantes.
Estudar para saber,
Para não ser um tratante.
E para crescer na vida,
De uma forma mais constante.
(Luís Felipe C. dos Santos)

Para ser feliz

Preste atenção no que digo:

Você tem que ser feliz,
Ter saúde e dignidade,
Para não ser infeliz
Nesta vida abençoada.
Será eterno aprendiz.

A jornada é aqui,
Pra um futuro de sucesso.
Só que não pode esquecer
Que o estudo é um ingresso.
Para termos igualdade,
A luta é um processo.

Dar valor à educação,
Pra ter uma garantia.
Alcançar os objetivos,
Sempre com mais harmonia.
E conseguir um trabalho,
Pra manter a economia.

Conhecimento é tudo,
É através da mudança,
Nossa vida se transforma,
Em cada nova esperança.
Pra que tudo realiza,
Precisa ter confiança.



Para trilhar o caminho,
E seguindo sempre em frente,
A sabedoria encanta
Todo lugar onde há gente.
Para tê-la, é preciso
Estar sempre confiante.

Nesse caminho, a leitura
É a melhor companhia.
E tem gente com preguiça
E uns com muita energia,
Conquistando o seu futuro
Para ter sabedoria.

(Marcos Henrique Alves Barbosa)

Alegria

O final do ano está próximo,
Festas estão começando,
Pessoas estão sensíveis,
Quem tem fome está comendo.
Recebera cestas básicas,
Já estão se alimentando.

E felizes ficarão,
Assim que o Natal chegar.
Alegres se reunirão,
E a noite toda a dançar.
E voltarão para casa,
Todos irão descansar.

E no outro dia, as famílias
Reúnem-se pra falar.
As conversas que vão e vêm,
E começam a pensar.
Então, juntas, já decidem
Onde o Ano Novo passar.

Todos ficarão felizes,
Voltarão para seus lares,
Todos irão se arrumar,
Com os seus familiares.
À noite, vão festejar,
Isso em todos os lugares.

(Marya Eduarda Pereira da Silva)

Entre desafios e sonhos

Aqui no bairro onde eu moro,
Tem lugares agitados,
Todo mundo se conhece,
Mas estão sempre apressados.
O que me deixa triste,
É que alguns estão isolados.

Aqui, tem gente na rua,
Sem um lar e sem comida.
A desigualdade é grande,
Uns com fartura na vida,
E muitos ainda sem nada.
Isso pode ter saída?

A escola é o caminho,
Mas nem todos têm acesso.
O saber é importante
Pra ter um trabalho honesto,
E uma vida mais tranquila,
E um futuro de sucesso.

Se todos cooperassem,
Seria bem diferente.
Teríamos harmonia,
Sem o conflito presente.
O mundo será melhor,
Precisamos ser ciente.



Ter qualidade de vida,
Viver em plena união.
E realizar os sonhos
Que temos no coração.
Caminhando com certeza,
Pra completar a missão.

(Natieli Alves Barbosa)

Traços de uma vida desigual

No sertão da nossa vida,
Onde às vezes o sol arde,
Muita desigualdade
Compõe seu triste acorde.
Nas veredas da miséria,
Um lamento de verdade.

Uma terra muito árida,
A fome é a parceira.
A satisfação não tem,
E muitas já sem eira.
Mas na estrada existem porcos,
Torcendo o rabo na poeira.

Nesse cordel da existência,
Uma trama desumana.
Desigualdade acontece,
Tem uma cilada insana.
A Esperança que sucede,
Por justiça sempre clama.

No compasso desta vida,
Que seja de uma equidade.
Cada verso de cordel,
Um grito pela verdade.
Desigualdade que sai,
Fumaça de liberdade.



Na fase da nossa vida,
Desigualdade persiste.
Entre destinos e o acaso,
Um enorme abismo existe.
Os ricos sempre se ascendem,
E no luxo mais consiste.

No cordel de nossa vida,
O verso é de tristeza.
Tem uma desigualdade,
Uma ferida de frieza.
E lá naquele Sertão,
Fome é uma certeza.

(Pedro Henrique M. Rodrigues)

Luta contra o Racismo

Vou contar nesse cordel
O problema do racismo.
É preciso combater,
Pra viver com otimismo.
Precisa ter igualdade,
Pra não viver no egoísmo.

Vivemos em um país
Com uma cultura rica.
Racismo não cabe aqui,
Faz mal e até prejudica,
Tornando antissocial,
E com depressão ainda fica.

Já chega de preconceito,
Sejamos mais educados.
Todos nós temos direito,
Porque somos dedicados.
Não pode ter distinção,
Seremos prejudicados.

Está na hora de acabar
Com todo esse preconceito.
Se você é uma vítima,
Não fique assim desse jeito.
Busque por alguma ajuda,
Precisamos de respeito.



Caminhemos todos juntos,
Pra ter um mundo melhor.
Onde haja mais respeito,
E que ninguém seja maior.
Cultiva a igualdade e o amor,
Que a paz cresça ao redor.

Na escola e nem no trabalho,
Racismo não pode ter.
Sempre devemos lutar,
Pra que possa acontecer.
Os direitos e igualdade,
Todos devem aprender.

(Ruan Pablo Lisboa Borges Pinto)

As ruas desiguais

Complicado é pensar
Na vida, antidepressão.
Machucados após um,
Motivo de criação.
Aumenta muito a ira,
De quem sofre confusão.

Será que podemos sair
Para respirar um ar?
O céu azul sempre nos mostra
As belas faces do mar.
Assim, nos ajudará
Lembrar do nosso narrar.

Quem ajuda nesta vida
Faz pessoas se alegrar.
Nas ondas do grande mar
Pra as pessoas se abraçar.
A cor laranja do sol
Então, alguém começou a olhar.

Esta competição é
Das cores cinza e neon.
O meu melhor amigo hoje
Está sendo o novo som,
Que tanta calma me lembra
O buraco Armagedom.



Cidades são como aldeias,
E quase sempre são escuras.
A injustiça nos dá calma,
Pra viver nossa aventura.
Mas com o tempo, essas leis,
Vão ficar todas obscuras.

Uma competição em vão,
Que ninguém ousa vencer.
Em um grande formigueiro,
Quem vai mal pode perder.
Quando pessoas viram,
Motivos para crescer.

(Ryan Gabriel da Silva Martins)

A vida

Nas vielas da cidade,
Um futuro desigual.
Pessoas que vem e vão,
Pela vida social.
E queimando em chama viva,
Desigualdade total.

A natureza sorri,
Em um mundo a florescer.
Floresta e rios choram,
Águas sujas a correr.
Que a igualdade se abraça,
E a mãe da Terra a gemer.

E no nosso chão da vida,
Está a desigualdade.
No dia a dia se estende,
A grande brutalidade.
A natureza sorri,
Em meio à sociedade.

Há pessoas destinadas,
Pela luta da pobreza.
Às vezes, são rebaixadas,
Por pessoas da riqueza.
Que, infelizmente, ainda hoje,
Não recebem gentileza.



Porém, as desigualdades
Que já estão cansativas,
E que continuam tendo
Muitas expectativas.
Nesta fase incansável,
Uma ação é criativa.

Cicatriz aqui na terra,
Gera certa confusão.
Também prosperam ganância,
Causam discriminação.
Entre as pessoas carentes,
Que sofrem muita exclusão.

As marcas aqui na terra,
O ar que é envenenado.
São crimes ambientais,
Nos deixam atordoado.
E que sempre procuramos
Para um grande resultado.

Agora estamos aqui,
Devido à situação.
Que ainda não é muito boa,
É sentida em cada mão.
Daquele trabalhador,
Que sustenta essa nação.

(Thayna Puttkamer Pereira)

O problema da desigualdade

Essa vida é difícil,
Porém, em qualquer lugar,
Não é possível brincar.
Hoje não se pode amar,
As coisas são desiguais.
Salário, vida a mudar.

Desigualdade, ruim,
Para todas as pessoas,
Afeta negras e brancas,
Todas as pessoas boas,
Para mudar esse quadro,
Não pode ficar à toa.

Para alegria de poucos,
Tristeza de tantos outros,
Há muita diferença,
Tem gráficos e registros.
E coisas acontecendo,
Nesse mundo de corruptos.

Pessoas tentam mudar,
Porém, elas não conseguem,
Por causa de outras pessoas,
Que quase sempre as perseguem.
E fazem a mente delas,
E ainda não têm quem enxerguem.



Precisa mudar o mundo,
E um objetivo deixar.
Desigualdade de lado,
E o mundo não descuidar.
Enfrentar os desafios,
Para poder se encaixar.

Porque essa desigualdade,
Não é fácil de lidar.
Para gente que só tem,
Mente limpa pra mudar.
A vida de quem precisa,
E que eu gosto de ajudar.

(Thiago Pires Rebouças Santos)

A realidade

Falta comida nas mesas,
Algumas famílias sofrem.
Crianças estão chorando,
Por falta de pão que pedem.
Não há trabalho para todos,
Emprego que ainda não têm.

Combatendo essa injustiça,
Para não ter sofrimento.
Busca-se pela justiça,
Precisa ter sentimentos.
Respeitar todas as pessoas,
Para ter bons pensamentos.

Nós precisamos buscar
Algumas alternativas,
Solucionar a fome,
E ter iniciativa.
Fazendo valer a pena
Neste mundo que cativa.

Somente quem sente fome,
Sabe a verdadeira dor.
Sem ter algo pra comer,
Às vezes sente rancor.
E realmente precisa
É do verdadeiro amor.



Não é só isso que importa,
E sim, oportunidade,
Justiça, igualdade e paz,
Pra termos prosperidade.
Sucesso só acontece
Buscando a realidade.

Pense bem no que falei,
Isto é uma verdade.
Precisa ter consciência
E ter muita humildade,
Para ajudar as pessoas,
Para ter felicidade.

(Wesley Amaral Ramos Souza)

Uma triste realidade

No enredo de cada vida,
desigualdade floresce.
Cinco sílabas soam,
Uma história de dor cresce.
E no palco social,
Esse drama se esclarece.

Na ciranda do destino,
dança uma desigualdade.
Onde muitos criam asas,
Uns lutam pela igualdade.
No enredo dessa existência,
há fases de crueldade.

Partitura da nação,
temos notas desiguais.
Um concerto muito injusto,
harmonia e vendavais.
Melodia da esperança,
esvazia com sinais.

O período de uma vida,
no qual o sol arde forte.
A desigualdade surge,
junto com a própria morte.
O povo é que padece,
é tão difícil ser forte.

ÔXE

Naquela cidade grande,
arranha-céu estão a brilhar.
Enquanto aqui, nesse chão,
pobre tem que se humilhar.
Sem riqueza nessas mãos,
teremos um triste azar.

Mas que o vento da justiça
agora possa soprar,
e dissolvendo as amarras,
fazendo o mal recuar.
No livro da nossa vida,
um capítulo a marcar.

(Wisley De Sá Da Silva.)



ISBN: 978-65-00-79436-6

CDL



9 786500 794366